

ALCIDES CRUZ

# Notas de leituras e outros escritos



an mauris. Nulla non arcu sed urna  
vel urna. Etiam gravida ex vitae odio  
perper. Proin maximus nec eros quis  
m. pretium sit amet tempore vitae.  
ne. In quis elit eget ante congue  
cies venenatis turpis. Nunc in mi  
cinia elit felis. vitae congue mi  
pellentesque quam id eleifend.  
rus at laoreet faucibus. velit  
et viverra. risus felis imperdiet  
tae urna viverra fringilla.  
ac justo congue posuere.  
risus. eget euismod lorem  
nec.



**ALCIDES CRUZ**

**NOTAS DE LEITURAS  
E  
OUTROS ESCRITOS**

**IHGRGS  
2017**

**Autor:** Alcides Cruz

**Organizador:** Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

**Conselho Editorial:** Alfredo de Jesus Dal Molin Flores (UFRGS), Antonio Carlos Hohlfeldt (PUCRS), Eduardo Santos Neumann (UFRGS), Ezequiel Abásolo (UCA), Fábio Kuhn (UFRGS), Gustavo Buzai (UNLu), Gustavo Silveira Siqueira (UERJ), Heinrich Hasenack (UFRGS), Luis Cavalcanti Bahiana (UFRJ), Ricardo Marcelo Fonseca (UFPR)

**Capa e Editoração:** Priscila Pereira Pinto

C957n Cruz, Alcides

Notas de leituras e outros escritos [recurso eletrônico] / Alcides Cruz. Organizado por: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – Dados eletrônicos - Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2017.

Modo de acesso:

<http://ihgrgs.org.br/#ebooks>

ISBN: 978-85-62943-10-2

1. Literatura Brasileira 2. Crônicas. 3. Crítica Literária. 4. História do Rio Grande do Sul. I. Cruz, Alcides. II. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. III. Título.

Márcia Piva Radtke  
CRB 10/1557

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Rua Riachuelo, 1317 - 90010-271 - Centro - Porto Alegre - RS - Brasil  
Horário de Funcionamento: Seg-Sex, das 9h às 12h e das 13h às 18h  
Atendimento ao Público: Ter-Sex, das 13h30min às 17h30min  
Telefone/Fax: (51) 3224-3760  
e-mail: [ihgrgs@terra.com.br](mailto:ihgrgs@terra.com.br) / [ihgrgs.biblioteca@gmail.com](mailto:ihgrgs.biblioteca@gmail.com)  
Site: [www.ihgrgs.org.br](http://www.ihgrgs.org.br)  
Site da Revista: [seer.ufrgs.br/revistaihgrgs](http://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs)

## NA MONTANHA

*Depois de longa e fatigante viagem  
Por entre escarpas de ascensão tamanha,  
Eis-nos enfim na grimpada da montanha!  
Vamos: contempla a divinal paisagem.*

*Que maravilha, flor, que tela estranha  
Ao longe desenrola-se! e a folhagem,  
Vê, como freme ao ciclar da aragem,  
E o serro, e o prado que o regato banha!*

*Muge saudoso e pasta, ao longe, o gado.  
Esse estridulo grito? É da araponga.  
Que nos espreita oculta entre o cerrado.*

*Pois tudo que tu vês, cândida flor,  
Tudo emoldura e enflora, tudo alonga  
A paisagem feliz do nosso amor.*

ALCIDES CRUZ

*Gazeta Nacional (RJ)  
10/12/1887*

# Prefácio

---

Alcides de Freitas Cruz parece um vendaval que arrebatou o final do século XIX, atingiu os primeiros anos do século XX e se dissipou, sem deixar vestígios.

Porém, deixou.

No ano em que se comemora sesquicentenário de seu nascimento, a Equipe do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul oferece ao público parcela dos múltiplos escritos do dr. Alcides Cruz, homenageando-o e facilitando o acesso à sua produção intelectual.

Alcides de Freitas Cruz nasceu aos 14 de maio de 1867 em Porto Alegre, tendo falecido na mesma cidade em 13 de março de 1916. Ao longo de seus 49 anos de vida, produziu – até agora encontrados – mais de 100 artigos, publicados em jornais e revistas, tanto no RS quanto no Rio de Janeiro, São Paulo, etc.

Aos 14 anos de idade, foi matriculado no Colégio Souza Lobo, tendo também estudado na Escola Militar de Porto Alegre, onde recebeu a carta de agrimensor em 1885. Sua primeira atividade “profissional” aconteceu em 1889, quando foi empregado da Estrada de Ferro Porto Alegre-Cacequi, como amanuense, na seção de contabilidade.

Em 1891, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1897. No mesmo ano de 1897, iniciou sua carreira política, sendo eleito deputado estadual pelo PRR, espaço que ocupou por sete legislaturas, até o ano de sua morte.

No Direito, exerceu a profissão com solidez e firmeza, advogando, lecionando e atuando como promotor.

Durante toda a sua atribulada vida de compromissos, nunca deixou de escrever sobre as mais variadas matérias: história, geografia, direito, crítica literária e artística, política. O reflexo de suas ideias, a articulação de sua formação e postura, tudo é possível ser acompanhado nas inúmeras linhas produzidas durante sua existência.

Para a edição que ora apresentamos selecionamos 20 “títulos” publicados em periódicos, sobretudo jornais, além de Revistas e do Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, de Graciano de Azambuja. Chamamos de “títulos”, pois há casos que o mesmo artigo teve continuidade em várias edições, o que cuidamos de apresentar sob o mesmo “título”.

A seleção priorizou dois temas centrais na obra de Alcides Cruz: a *crítica literária e de arte* e a *história*. Nas críticas literárias, Alcides Cruz revela o conhecimento – e grande paixão – às *letras pátrias*, enquanto que na crítica de arte demonstra acurada sensibilidade.

Dentre os escritos de cunho histórico, chama-nos a atenção a construção meticulosa do texto, referindo-se, este defensor voraz da prova, às “fontes” (documentos) na produção histórica.

Além disso, é importante mencionar outras duas publicações que fogem à classificação anterior, mas importam no conjunto ordenado cronologicamente – a leitura de Alcides Cruz, em 1892, sobre a *questão dos chins* e as crônicas, em seis partes, de sua *viagem a São Paulo*, em 1904.<sup>1</sup>

Também mantivemos no conjunto o texto “Literatura e Política” (1893) que, longe de ser uma crítica literária, é uma leitura complexa, tomada de conceitos e do pensamento do autor. Lembremos que aos 22 anos, o jovem brilhante viveu a mudança de regime político; este texto é a manifestação de um homem que analisa seu momento histórico e enxerga as mudanças e definições de uma nova ordem política.<sup>2</sup>

Dos últimos textos, destacamos a “entrevista” concedida em agosto de 1915 a um jornal de Florianópolis, na qual Alcides Cruz relatou o naufrágio do navio que o levava ao Rio de Janeiro, a última viagem antes de seu próprio ocaso. Outro texto a ser destacado é a publicação póstuma (1917) do trabalho apresentado em 1914 por ocasião do primeiro Congresso de História Nacional.

Finalmente, não podemos deixar de mencionar o ecletismo intelectual de Alcides Cruz, aberto às mais variadas leituras, para delas usufruir e construir o próprio pensamento.

Porto Alegre, 14 de maio de 2017.

Vanessa Gomes de Campos  
Arquivista

---

<sup>1</sup> Atualmente, Alcides Cruz tem sido priorizado a partir de suas duas publicações, respostas à intolerância racial impingida nas páginas do jornal. Os dois artigos foram organizados em e-book pelo IHGRGS (2017), intitulado *Mestiço, Mulato ou Negro* e está disponível em: <<http://www.ilgrgs.org.br/ebooks/Ebook%20-%20ALCIDES%20CRUZ%20-%20Mestico,%20mulato%20ou%20negro.pdf>>

<sup>2</sup> A escrita propriamente *política* de Alcides Cruz está sendo preparada, a fim de ser publicada no final do ano de 2017.

## SUMÁRIO

<b>CONFUTATIO (A ELISA MOURA)</b> .....	8
<i>A Federação, Porto Alegre, 25 de maio de 1891</i>	
<b>QUINCAS BORBA - ROMANCE POR MACHADO DE ASSIS</b> .....	10
<i>A Federação, Porto Alegre, 12 de maio de 1892</i>	
<b>AINDA A QUESTÃO DOS CHINSI</b> .....	15
<i>A Federação, Porto Alegre, 16, 17 e 19 de setembro de 1892</i>	
<b>LITERATURA E POLÍTICA</b> .....	21
<i>A Federação, Porto Alegre, 23, 24 e 28 de janeiro e 9 de fevereiro de 1893</i>	
<b>OS LIVROS - TRAÇOS COR DE ROSA (Versos por Zeferino Brasil)</b> .....	28
<i>A Federação, 2 e 4 de maio de 1893.</i>	
<b>ARTES</b> .....	33
<i>A Federação, Porto Alegre, nº 114, 20 de maio de 1893</i>	
<b>LITERATURA BRASILEIRA - SERTÃO</b> .....	35
<i>Revista do Brazil, São Paulo, ano I, nº 3, 30 de setembro de 1897 e nº 8, 28 de fevereiro de 1898</i>	
<b>SIMPLES REFERÊNCIAS - JOSÉ VICENTE SOBRINHO</b> .....	39
<i>Revista do Brazil, ano I, nº 10, São Paulo, 30 de abril de 1898</i>	
<b>A NOSSA PROSA RECENTE (1897-1898)</b> .....	41
<i>Revista do Brazil, São Paulo, ano II, nº 3, 28 de fevereiro e nº 4, 30 de março de 1899</i>	
<b>MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA</b> .....	46
<i>A Razão, Encruzilhada, 6 e 13 de agosto de 1899</i>	
<b>A ILHA DE SANTA CATARINA - por Virgílio Várzea</b> .....	50
<i>A Federação, Porto Alegre, 26 de agosto de 1900</i>	
<b>MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA (Esboço Geográfico)</b> .....	54
<i>Anuario do Estado do Rio Grande do Sul para o anno de 1901 (anno XVII), Porto Alegre, 1900</i>	
<b>VESTÍGIOS DA CIVILIZAÇÃO MISSIONEIRA</b> .....	63
<i>A Federação, Porto Alegre, 15, 18 e 19 de março de 1901</i>	
<b>DIGRESSÃO HISTÓRICA</b> .....	70
<i>A Federação, Porto Alegre, 4 de dezembro de 1902</i>	
<b>PEQUENAS NOTAS DE VIAGEM</b> .....	73
<i>Correio Paulistano, São Paulo, 29 e 30 de novembro e 4, 5, 8 e 12 de dezembro de 1904</i>	

<b>GUERRA DA CISPLATINA.....</b>	<b>85</b>
<i>A Federação, Porto Alegre, 10 e 19 de janeiro e 1º de fevereiro de 1907</i>	
<b>Dr. GRACIANO ALVES DE AZAMBUJA.....</b>	<b>93</b>
<i>Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o anno de 1912 (anno XXVIII), Porto Alegre, 1911</i>	
<b>20 DE SETEMBRO: A COMEMORAÇÃO DO GRÊMIO GAÚCHO.....</b>	<b>100</b>
<i>A Federação, Porto Alegre, 22 de setembro de 1914</i>	
<b>O NÁUFRAGO DO “ORION” .....</b>	<b>105</b>
<i>Gazeta de Notícias, Florianópolis, 25 de agosto de 1915</i>	
<b>O ANTIGO FORTE DE SANTA TECLA.....</b>	<b>109</b>
<i>Revista do IHGB, Rio de Janeiro, 1º Congresso de História Nacional, t. especial, V, 1917</i>	

## CONFUTATIO (A ELISA MOURA)

Responderei agora, se bem que tarde e contrariado por descer a uma discussão pessoal com adversário tão desagradável, a alguns pontos que me afetam dos escritos lançados por Elisa Moura a propósito da personalidade literária do sr. João Maia.

Em tão longas parlandas, diga-se desde já, Elisa Moura provou evidentemente que não possui os requisitos indispensáveis para envergar a armadura, custosa e muito pesada, do crítico contemporâneo, requisitos somente adquiridos à custa do estudo, da reflexão e do bom senso.

Demais, tendo-se ocupado mais do sr. Alípio Rocha do que dos trabalhos do próprio sr. João Maia, a sua obra, a ter o viso de estudo, não foi nem completa, nem exata, nem conscienciosa; desse modo cautelosamente s. s. esquivou-se a revelar a sua concepção crítica, que a ser tomada pelo que ali fixou exposto - é de uma mesquinhez demétrio seixense.

Depois de reconhecer e censurar que o sr. João maia tem abordado diversos ramos da literatura, cavilosamente absteve-se de analisar algumas dessas produções para só falar do drama *A adúltera*.

Se s. s. é filiada à escola crítica que pretende submeter todas as manifestações artísticas ao ponto de vista moral, de maneira que os seus efeitos possam ser estudados à luz dessa ciência, as conclusões por s. s. formuladas foram tão deficientes quão falsas; porque os meios de que s. s. serviu-se não foram os adequados. Não estabeleceu para ponto de partida as suas investigações as ocorrências dadas no desenvolvimento da peça, distribuindo a cada um dos personagens o respectivo papel em face do ponto de vista a que s. s. tinha submetido a sua apreciação; por semelhante processo especulativo determinaria s. s. se as ideias assim postas em giro teriam produzido, em síntese, algum benefício para a sociedade.

Tão grave questão, como é a do adultério, discutida numa obra literária, não podia deixar de conduzir a desopilante criticista a substanciosas reflexões fornecidas pelo exame das causas que originaram o fato.

Se, porém Elisa Moura entende que a missão da crítica não é essa e sim a de apanhar o conjunto de qualidades inerentes ao literato: estilo, estética e psicologia, a maneira por que foi compreendida e daí depreender a relação “em que a mentalidade do autor achava-se para com a do seu tempo e a do meio”, como diz Ramalho Ortigão, - não se pode dizer que s. s. seguiu esses preceitos.

Elisa Moura não procurou apreender o íntimo do sentimento do Sr. Maia, nem indagar da sua estética, da contextura do autor moderno e de como o autor de *A adúltera* interpreta-a e se no meio em este, o autor, tem desenvolvido as suas faculdades intelectuais, podia conceber estas ou aquelas ideias sobre o caso.

Donde se pode concluir que os tais escritos de Elisa Moura intitulados - JOÃO MAIA - ficaram muito aquém da denominação estudo, por não serem nem completos nem úteis, nem refletidos. *Verba et voces, pratreaque nihil...*

---

A operosa letrada descobriu que o dr. Lacerda de Almeida “apareceu entre ambos (refere-se as Sr. João Maia e a mim) como um meio termo pacato e conciliador”.

Mas se eu nunca discuti publicamente com este cavalheiro, o sr. Maia, como é que o dr. Lacerda podia ter sido o mediador entre nós ambos? Não prova isto que Elisa Moura não compreendeu os artigos publicados n' *A Epocha*, por aquele professor, que escolheu para tema a contestação de certas ideias filosóficas por mim repetidas em anterior artigo? *Doctus cum libro...*



## Quincas Borba

### ROMANCE POR MACHADO DE ASSIS

Aos Sres. Dr. Olinto de Oliveira e José Villalobos Junior

Um mestre-escola mineiro, eivado desse ingênuo e estreito provincianismo peculiar a quem nunca sentiu o pulsar da verdadeira vida da sociedade culta, do profundo requintado e enervante viver da capital fluminense, de súbito, tão inopinadamente como Theodoro, o voluptuoso personagem do *Mandarim* - herdeiro de uma avultada fortuna legada por Quincas Borba, seu finado amigo, presumido inventor de uma bizarra Filosofia, da qual o outro nada conseguiu apreender além da divisa: “ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”; a expressa condição de Rubião, assim se chama o nosso professor, obrigar-se a tratar confortavelmente, quase religiosamente, o cão do testador, que tinha igualmente que este o nome de Quincas Borba; a vinda de Rubião para o Rio de Janeiro, sua nova residência; as relações adquiridas, a comoção oriunda da negativa correspondência de uns parvos amores, as fraquezas de que deu prova e as explorações que sofreu, o desperdício da fortuna, a demência de que ao fim acometeu-se, débitos que lhe nunca foram saldados e com que se locupletaram ingratos amigos, seus delírios e a sua obscuríssima morte apenas assistida pelo cão - eis a essência do novo livro do sr. Machado de Assis.

É um trabalho em o qual o romancista mais se preocupou da concepção geral do que da partição detalhada, o que nos veio convencer de que sr. Machado de Assis não sofreu evolução intelectual, conservando-se o mesmo escritor humorístico, o caricaturista das *Memórias póstumas de Braz Cubas*, a cujo lápis jamais feneceu *verve*. Entretanto, a obra é tão meritória que a literatura nacional, mirífica e nobre dama, ainda no ano passado amarguradamente abalada pela morte de Ezequiel Freire, pôde, com a cauda da túnica que lhe ofereceu o sr. Machado de Assis, enxugar as lágrimas, mau grado a esplêndida rosa que o dr. Luiz Dolzani (1) trouxera para o seio da peregrina donzela pobre.

#### I

O sr. Machado de Assis possui um estilo original e profundamente seu, que se caracteriza por um processo de composição que lhe assegura completa personalidade; a princípio parecem ser a abundância de palavras e a repetição de termos que lhe dão um sangue tão quente e escarlate o estilo: entretanto, além da cumulação de termos há uma outra propriedade que denota a rara sutileza do romancista: o partido alcançado por essa técnica consistente do desenvolvimento da ideia por meio da engenhosa disposição dos termos da proposição - repetidos, antepostos ou invertidos, como nesta passagem: *Depois outras ideias... Mas já são muitas ideias, - são ideias demais; em todo o caso são ideias de cachorro, poeira de ideias, menos ainda que poeira, explicará o leitor.*”

Mesmo que se não dê o trocadilho, pode-se observar a frequência do emprego de um mesmo vocábulo, do que se destina a fixar a impressão mais forte no ânimo do leitor, como exemplo: “*O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril, e coxa!... Porque bonita, se coxa? Porque coxa, se bonita?*”

---

<sup>1</sup> O livro de Luiz Dolzani (Inglez de Souza) chama-se *O Missionário* (Santos, 1891). Em Porto Alegre, raríssimas são as pessoas que o leram, o que não admira, porque, exatamente trata-se de um bom romance. (N. A.)

*“Este livro é casto ao menos na intenção; na intenção é castíssimo”, “muita preguiça e alguma devoção – devoção ou talvez medo, creio que medo.”* Não parece que, sendo presente uma ideia, o romancista, à semelhança do compositor musical, deleita-se em executar variações sobre o mesmo tema? Esse processo, que incidentalmente realça o humorismo, é idêntico para todas as ocasiões em que ele desenvolve um incidente, narrando-o ou comentando-o, o que, aliás, poucas vezes se dá, visto como é uma das tendências do grande escritor brasileiro deixar a inteligência do leitor capacitar-se de preferência pelos diálogos dos personagens do que pelas reflexões dele escritor. Podemos incluir no primeiro caso os capítulos 112, 113 e 114 do *Quincas Borda*; em cerca de uma página, que de tanto consta o primeiro destes, não há uma só palavra que tenha imediata relação com o assunto do romance; o segundo é uma conclusão do antecedente e o terceiro só consta destas duas linhas: *“Ao contrário, não sei se o capítulo que se segue poderia estar todo no título.”* O fato, neste escritor, não nos é novo.

Nas *Memórias de Braz Cubas* assinala-se esse superabundante emprego de frases a propósito de nada. Diz um capítulo do livro: *“mas, ou muito me engano, ou acabo de escrever um capítulo inútil.”*

O estilo acompanha maleavelmente a ação, dando-se um recíproco acomodamento ou, melhor, uma concordância entre a forma e o fundo da obra; exausta a ação, ele empobrece-se, e a frase é banal; mas, quando aquela arfa de chocarrices ou lances dramáticos, ele entesa-se, reveste-se de sarcasmo, e é leve ou fino, ferino ou inofensivo, como na ocasião em que Rubião soube que era herdeiro universal dos bens do finado amigo: os cálculos da compra de casas, apólices, ações, escravos, livros, roupas, louça, quadros etc., fazendo-se já um homem de gosto e de saber *“mas em quanto andaria tudo?”*

*Cem contos. Talvez duzentos. Era possível trezentos mesmo não havia que admirar. Trezentos contos! Trezentos! E o Rubião tinha ímpetos de dançar na rua – ou sóbrio e profano, como na descrição da noite em que Rubião, demente, exaltado pelo delírio, sob uma chuva implacável em Barbacena erra de rua em rua, sem casa e sem dinheiro, seguido do pobre cão, ambos enlameados e com fome; episódio que, pelo vigor da ação, faz lembrar, vagamente é certo, Shakespeare e o *Rei Lear*.*

É ainda o estilo a força que arma o braço do autor para revelar a sua singular aptidão em personalizar entes de espécie diversa; como as ideias que tinha o cão, as formigas que ele manda que vão ao Homero gaulês para que lhes pague a fama, e o caso do capítulo 80, que as pernas, não a vontade do herói, tinham-no conduzido até a casa, levando-o ao canapé, tão somente para que ficasse à cabeça a tarefa de pensar. E foi ainda a superioridade do estilo que deu tão expressiva *verve* a um fato eivado de superstição, que, dito em outros termos, não passaria de um assunto incolor: *“morava em casa de um amigo que começava a tratá-lo como hóspede de três dias, e ele já o era de quatro semanas. Dizem que os de três dias cheiram mal os defuntos, ao menos nestes climas quentes.”*

Em conclusão: o estilo do sr. Machado de Assis fulge preferentemente devido à habilidade do jogo e da transposição das palavras a propósito de uma ideia ou de uma situação, ainda que a escolha do vocábulo cantante, raro e sonoro, que ondula a frase, trabalho de poesia e escultura, não seja a exclusiva preocupação do artista; e, reconhecendo-se que é ao estilo tão propriamente adaptado à sua índole humorística, que ele consegue fecundar um campo tão pobre como o da ação dos seus romances, poder-se-á concluir que a expressão verbal, corretíssima, rica e bem ajustada ao fundo da obra – é o grande tom, não o único, da sua personalidade literária.

Quem tiver uma certa leitura das obras dos grandes romancistas Flaubert, os Goncourt, Feuillet, Eça de Queiroz, George Eliot, Léon Cladel, Zola, Tourgueneff ou Stendhal, e os mais recentes, Bourget, J-K. Huysmans, Maupassant, Ed. Rod, Rosny e Barrès, e empreender a leitura dos últimos romances do sr. Machado de Assis, sentir-se-á sem facilidade de definir-se, prontamente, diante a sua arte que tanto se dessemelha da daqueles, que se sintetiza na seca investigação da alma humana ou na pintura colorida e variadíssima dos lugares e costumes; o romance contemporâneo é ou analítico ou descritivo; ele é, segundo Bourget (*Études et Portraits*, pag. 269) de caracteres ou de costumes.

Os romances de Machado de Assis não são uma nem outra coisa; eles são humorísticos, filiados à escola inglesa contemporânea da rainha Anna, século XVIII, representada por Sterne, Henry Fielding, Swift, Tobias Smollet, etc. A estética é a realista; a escola limita-se a constatar os fatos da vida humana, tais quais se dão quotidianamente e ligá-las da maneira a mais simples, sem preocupação de *parti pris*, mas com o cuidado de satirizar.

Vem a tempo a pergunta: o que é o *humor*?

A resposta é difícil, porque o assunto é de natureza complexa. O humorismo é um dos atributos da emoção e consiste na faculdade que tem o artista de, daquilo que é deformado, fazer objeto do riso; a dificuldade está, porém, na maneira de explorar o deformado, visto como o exagero pode cair no oposto: em vez de provocar o riso, pode despertar a compaixão ou mesmo a cólera (A. BAIN. *Les émotions et la volonté*, pag. 251.). A degradação - é preciso restringir-se ao assunto a acepção em que este termo é tomado - explica-se, ou pela pretensão a uma dignidade sem valor, ou pela fatuidade, ou pela pretensão, ou pela hipocrisia, ou pelo que faz com que a gente se tenha em mais conta do que se vale, ou pelo penoso esforço para se atingir a uma posição brilhante e outras fraquezas que provocam jogralidade. Dá-se, porém, que o riso dos humoristas é sempre fino, brando e demolidor, e nunca amplo, vibrante e largo (A. BAIN, op. cit.), donde sucede que, segundo a índole do artista, esse desfilar da pequenez humana, essa exposição de tipos medíocres, exóticos, bufos, com todos os seus defeitos, *gaucheries* ou deficiências, deixa no espírito do leitor uma impressão azeda, acre, ou uma alegria amarga, resultante da deformidade alheia.

(*Continuação*)

No próprio sr. Machado de Assis é encontrado mais de um exemplo em que o ridículo é aplicado contra episódios que irritam: nas *Memórias de Braz Cubas*, um preto que vergasta um seu escravo, e, no *Quincas Borba*, uma assuada que sofre Rubião, as apreensões que assaltam o espírito da mãe de um mafarrico que tomou parte na vaia, o qual, sendo ainda menor, anos atrás, havia sido salvo de inevitável morte pelo mesmo Rubião, o receio que tinha a mulher de que o menino viesse algum dia a enlouquecer, são episódios em que o escárnio, o ódio e a compaixão têm um lugar comum entre si.

Como o humor dimana da emoção, e, sendo esta a força predominante na atividade intelectual do romancista, sucede que, sendo ela muito intensa, como que sacrificou a minúcia da observação, faculdade exclusivamente dependente dos sentidos. Satírico ou comovente, a narrativa ou o comentário, ausente a detalhada enumeração das coisas, subordinou-se à concepção geral que abraça fatos, caracteres, lugares; o seguinte episódio confirma nossa opinião: caiu uma das luvas de Sofia: “Rubião inclinou-se para

---

<sup>1</sup> A Federação, Porto Alegre, 14 de maio de 1892

apanhá-la, ela fez a mesma coisa, ambos pegaram na luva, e teimando em levantá-la, sucedeu que as caras encontraram-se no ar, e bateram uma na outra. Pangloss, se tem assistido ao episódio, emendaria a sua teoria dos narizes, que, segundo ele, foram feitos para uso dos óculos, quando a verdade é que foram destinados a impedir o encontro casual e involuntário das bocas de um e outro sexo. Assim sucedeu aqui. O nariz dela bateu no dele, e as bocas ficaram intactas para rir como riram.”

Mas se, como já dissemos, a fraqueza da visão, combinada com o temperamento satírico do romancista, impede que os retratos sejam minuciosamente reproduzidos, por que processo eles se tornam tão sugestivos? Seguramente que à sua incontestável capacidade de manejar o diálogo que define maravilhosamente o seu pensamento e exprime todos os estados da alma do personagem. É por essa maneira, nuançada, com várias interrupções, que o autor faz-nos saber a psicologia dos interlocutores, e, do mesmo modo, através das cenas íntimas e pequenas, que mais evocam do que pintam, que podemos explicar a psicologia do próprio romancista.

É possível que a pouca energia dos sentidos (H. SPENCER, *Princípios de Psychologie*, §§ 210 e seg., explica como o grau dos sentimentos depende das diversas sensações e como por essa causa a percepção e a emoção tornam-se intimamente inseparáveis) determine a falta de sensualidade no romancista, mesmo quando ergue as saias das suas personagens, fato que, por uma natural sequência do humorismo, degenera a cena numa escandalosa *charge* caricatural, muito longe de abrir, uma página de volúpia; a nudez, a brancura e os belos corpos de mulheres, que tão aristocráticas e poéticas sugestões oferecem aos escritores naturalistas, encontram absoluto desprezo da parte do sr. Machado de Assis.

### III

O seu estilo, que tão bem se presta a certas situações da obra, não tem exata e apropriada aplicação a outras; assim é que os personagens são exibidos sem a análise intelectual que lhes faria qualquer dos romancistas acima citados.

Se se examinar a criação das hervinas, saber-se-á que elas são tiradas deste mundo real, e não da fantástica idealização de um cérebro exaltado pelo lirismo; nós encontramos-las, fatigadas e sem ostentação, à mesa redonda do hotel; gárrulas e donosas, à sala do espetáculo; dissimuladas e afetadas à vida íntima; elas, não sendo a imagem fictícia aparecida em sonho ou tipo criado por um visionário da geração de 1830, são, quase todas, mulheres de 30 anos ou mais; naturalmente são pessoas interessantes, não obstante a idade, porque pensamos, como Balzac, que a mulher de trinta anos tem irresistíveis atrativos para um jovem. D. Sofia, a linda e fresca trintona que em noites de baile exhibia-se de *braços nus, cheios, com uns tons de ouro claro, ajustando-se às espáduas e aos seios tão acostumados ao jaz do salão*, é um misto de amor próprio, egoísmo, soberbia e dissimulação: hoje, pressurosamente, carinhosamente, recebe com alvoroço o amigo Rubião, porque, sendo rico, traz-lhe valiosos presentes de jóias; amanhã, quando ele se acha infortunado e louco, recolhido a uma casa de saúde, a bela Sofia escusa-se de acompanhar uma generosa amiga que desejava visitá-lo, pretextando falar-lhe ânimo para o ver tão batido pela adversidade.

O seu recatamento leva-a, suscetibilizada por uma tímida confissão de amor, ouvida de Rubião, a queixar-se ao marido – quando capitula sem nenhuma altivez a conquista que lhe empreende um tal Carlos Maria. D. Tonica, quarentona, é tão namoradeira quão interesseira: três dias antes do casamento, que se não realizou por lhe ter morrido o noivo, teve lágrimas – *umas de amizade, outras de desespero*. D. Fernanda, a gentil porto-alegrense, também de trinta anos, é tão caritativa para com os que sofrem – gente e animais – como é anjo consolador das decepções provadas pelo marido – o protótipo do medalhão monárquico. A sua afabilidade, o bom senso, à parte umas pueris

preocupações com casamentos de parentes, o piedoso cuidado com a saúde de Rubião, a honestidade e a distinção de maneiras, enquadram a mais simpática figura da obra.

Os homens, medíocres e burgueses, apanhados no conjunto, são verdadeiras caricaturas. À descarada avidez de lucros, levando Palha à prática de ingratidões e velhacadas, alia-se perfeitamente à sua infantil vaidade de *decotar a mulher sempre que podia e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares*; o dr. Camacho, grotesco politicante, e o insofrível major Sequeira completam a galeria de tipos, da qual a figura mais extraordinária, mais acentuada e mais bem acabada é Rubião, deliciosa caricatura de mestre, cuja exótica rudeza esconde as boas qualidades morais.

#### IV

Há dois anos, quando o festejado prosador Aluizio Azevedo publicou *O Cortiço*, seu digno irmão, Arthur Azevedo, no *Correio do Povo*, assinalou o fato, aliás incontestável, de que os nossos romancistas faziam escolha dos bairros do Catete e Botafogo para o meio em que se desenvolvia a ação dos seus trabalhos e que esse não era exatamente o que convinha para desenhar os costumes da nossa sociedade.

Agora o sr. Machado de Assis vem-nos com um romance cujos personagens têm o círculo de atividade circunscrita à área que sobraça Botafogo e Catete, o famoso bairro cuja opulência, magnificência e costumes dos moradores, foco da fina sociedade elegante, e ambiente onde se criam todas as necessidades da vida moderna, não pode ser tomado como o documento primordial do costume brasileiro. Mas já vimos que o sr. Machado de Assis não é um romancista de costumes; não tem esperanças de ver o seu livro consultado como acessório para a História da Sociedade Brasileira no século XIX, e a sua estética admite que o romance não tem a missão de substituir a obra científica, porque, no dia em que ele for sociologista, rigorosamente sociologista, perderá o cunho artístico; o caso do sr. Machado de Assis é bem nítido: o autor é um poeta e está acostumado a idealizar, tendo já escrito excelentes poesias, como a *Mosca azul*, e novelas puramente de ficção, como a *Igreja do diabo*, *As academias de Sião*, *Conto alexandrino*, etc., onde de nenhum modo colabora o documento humano, tão estreitamente utilizado pelo *naturalismo*.

Da leitura do recente livro, concluímos que o caso psicológico do sr. Machado de Assis compreende: vasto temperamento emocional, particularmente constituído pelo humorismo e o idealismo; sensação pouco desenvolvida, mas servida de bons elementos, e extraordinários dotes de exposição.



## AINDA A QUESTÃO DOS CHINS

O telegrama noticiando que a Câmara aprovou o projeto permitindo a introdução de imigrantes asiáticos obriga-nos a voltar novamente à imprensa, estendendo várias considerações tendentes a demonstrar o grande erro que o Congresso cometeu - sem dúvida, porém de boa fé.

A crise por que atravessa a lavoura do Rio e Minas não é tão decisiva que obrigue a lançar-se mão de tão perigoso e inconveniente remédio que, se pode, momentaneamente, aliviar-lhe os males - nunca curá-los - também lhos pode agravar, pondo em iminente risco a vida do enfermo.

### I

A vinda do chinês ser-nos-á da mais funesta consequência, sob o ponto de vista econômico, entorpecerá o progresso da lavoura, que jamais se emancipará do primitivo sistema por que é explorada.

Tal qual como, sob o jugo da metrópole, sem o concurso da ciência, o fazendeiro nunca se preocupando com o estudo da agronomia, desconhece o que seja a física e a química agrícola, e é-lhe insensível que se esgotem todas as substâncias germinativas que o seio da terra contém até converter-se na mais estéril das charnecas.

Sem termos a mínima pretensão a especialista ou a portador de profundos conhecimentos do assunto, não obstante, julgamos que é ao depauperamento do solo, fato de que amargamente se queixam os chinomanos, que hoje está tão assoberbado de dificuldades o trabalho agrícola. Nestas condições, dia a dia, tornar-se-á mais incompatível com a exploração feita pelo europeu, exigindo então uma árdua dedicação que se pensa só poder ser dispensada pelo chinês ou pelo africano.

Se a terra está exausta, definhada, morta pelo cansaço, precisará, pensamos, de um cultivo inteligentemente dirigido, administrado pela ciência e não como na época em que se cultivou a primeira arroba de café, quando se desconhecia a agronomia e os aperfeiçoados maquinismos modernos.

Adotados esses princípios, o europeu poderá dedicar-se ao cultivo do café e da cana. Ele, tanto como o africano ou o cúlí, resiste ao clima tropical: foi ele que descobriu a América e a Austrália, que as povoou: é encontrado entregue ao trabalho agrícola tanto na África equatorial, sob o máximo da temperatura, como na Índia e na Austrália, cujo clima é mais ardente do que o do Brasil, atenta à sua configuração, pouco regada de cursos d'água.

Persiste, pois, o espírito da questão: prolongar uma certa zona do país no mesmo estado de colônia, tal a Cuba, a Jamaica, Reunião e Guadalupe, que produzem muito, porque têm muitos braços empregados na lavoura, porém sem progresso racional.

Essas terras são simples colônias e possessões de grandes países europeus, e, por si só, não têm aspirações, o que se não dá conosco, que nos libertamos do jugo político da Europa, mas não do seu regime industrial ou intelectual.

Exportamos café, açúcar e algodão, mas também compramos tudo quanto é tecido ou metalurgia.

Nada, entretanto, teríamos a dizer se o esforço para aguentar a manutenção da grande lavoura fosse convergido para outro agente que não o braço asiático.

Pelo lado econômico, pois, persiste a inanidade da ideia, em face dos seguintes dados, colhidos pela observação e que mostram que o elemento chinês, adquirido por preço muito barato, em breve torna-se pesadamente caro.

1º - A mortalidade excessiva, o que vem provar a fraqueza do cúli; a sua mortalidade orça a 30%.

Um brasileiro ilustre, o dr. Nicolau Moreira, organizou o seguinte quadro estatístico: “de 475 cúli recebidos na Guiana Francesa em janeiro de 1874, morreram no correr desse mesmo ano 300. De 2.801 cúlis importados no primeiro semestre de 1875, morreram 300. Desses 2.501 somente permaneceram em serviço ativo 1.800 operários, dando 26.822 dias de trabalho, isto é, cada operário trabalhava mensalmente 14,9 dias”.

2º - A lavoura não progride, tornando-se estacionária ou decadente onde aporta o cúli: a terra exaure-se à força de tanta cultura e os outros gêneros alimentícios sobem de preço devido ao exclusivo cultivo de um só.

Diz um geógrafo inglês que, depois da vinda do cúli, em Jamaica a indústria do açúcar decaiu. *The sugar industry continued in a state of great depression*. Na Califórnia, os gêneros de primeira necessidade são cotados por preço mais elevado do que em outro qualquer estado da União Norte Americana. O milho vendia-se em 1876 a 1,07 centavos o *bushel* (um alqueire), ao passo que em Nebraska custava 20 centavos, em Iowa 27, no Missouri 23, no Illinois 34. A cevada custava na Califórnia 1,18 centavos, entretanto em Iowa vendia-se a 53 centavos, na Carolina do Norte a 73, no Illinois a 70. O trigo (a cujo cultivo exclusivamente dedica-se o chim) na Califórnia vendia-se a 1,18 centavos o *bushel*; em Nebraska a 65 centavos, em Iowa a 71 centavos. O centeio regulava na Califórnia a 92 centavos o *bushel*; no Illinois a 61 centavos, em Iowa a 27 centavos, no Missouri a 51 centavos. A batata, que entrava no mercado da Califórnia a 94 centavos o *bushel*, vendia-se em vinte e oito outros Estados entre o mínimo de 19 centavos e o máximo de 76.

3º - Pela quantidade de numerário que o chim faz sair do país para onde imigra.

Na sessão de 26 de agosto, o dr. Felisbello Freira citou um escritor americano que assim se exprime:

“Resulta dos cálculos dos economistas que o valor de um imigrante de raça branca é de cerca de 1.500 dólares. Em outros termos, avalia-se nessa cifra o excedente médio da sua produção sobre o seu consumo.”

O chinês não contribui, segundo eles, de nenhuma maneira, como desfalca desse fundo uma parte considerável. As estatísticas dos bancos demonstram que no espaço de 25 anos (53-78) tinham exportado para a China a enorme soma de 180 milhões de dólares, isto é, 900 milhões de francos. Durante o mesmo tempo calcula-se em 300 milhões de francos somente o que os imigrantes de raça branca puderam economizar sobre seu salário.

Outro dia, pelo *Jornal do Commercio*, traçamos alguns toques do que é a capacidade moral do cúli que imigra; é desnecessário repetir hoje.

Amanhã narraremos as peripécias ocorridas com a levas de chineses que o Brasil importou em 1855, em 1856 e em 1866.

## AINDA A QUESTÃO DOS CHINS\*

### II

Segundo ficou demonstrado, o cúli (*coolie, cooly*), em português cúli, significa, segundo tradução literal, o asiático indu, malaio, siamês ou chinês que não tem ofício: a

---

\* *A Federação*, Porto Alegre, 17 de setembro de 1892

Enciclopédia Britânica diz que a sua derivação está longe da certeza. Não é, pois, uma raça especial como querem vários chinófilos, não pode ser tolerado, nem como fator da civilização.

Se a experiência tivesse provado a sua utilidade como homem de trabalho, a sua probidade, a correção de costumes e a pureza da sua capacidade moral, nós nos resignávamos a tolerá-lo, não sem vencer a natural repugnância pelo aviltamento a que seria levado o trabalho feito por homens que, já não tendo escrúpulo de fazer degradantes transações com as esposas e as filhas, vendem-se a si próprios, tolerando toda a sorte de ultrajes que o comprador inflige-lhes.

Deixa de conduzir da mesma maneira por que o africano era transportado na ominosa época do tráfico, em ruínas navios, sem alimentação, sem higiene. Chegando ao porto do destino, quando destinados à lavoura, são vendidos em plena feira a quem maiores lanços oferece, conservando-se tacitamente como escravos, por sete anos, em vez de o ser por toda a vida.

*Those who were safely landed in Cuba or Peru were sold by auction in the open market to the highest bidders, who thus purchased them, holding them virtually as slaves for seven years, instead of for life.*

O regime do trabalho é dos mais penosos e violentos: “os castigos corporais com varas, chicotes, correntes e troncos são horríveis e incessantes. No correr do ano, diz o distinto agrônomo brasileiro Ferreira de Carvalho, que foi expressamente a Cuba estudar o processo empregado no fabrico do açúcar, ao correr do ano muitos são mortos a açoites, padecendo de feridas recebidas ou de desespero, alguns se enforcam, outros cortam as jugulares, estes se envenenam, aqueles se atiram às caldeiras de açúcar”.

No Brasil onde, *mutatis mutandis*, a vida do escravo foi idêntica, as mesmas cenas ora observadas em Cuba repetir-se-ão; se se considerar que os fazendeiros são os mesmos e os hábitos antigos não estão esquecidos, nada nos deverá surpreender; perguntaremos, então, se o operário rural é apenas instrumento do bem-estar da classe dos grandes proprietários de plantações?...

A estatística criminal é outro atestado que desabona a coerência cívica do cúlil: segundo o dr. Nicolau Moreira, em Cuba constata-se 1 criminoso para 311 mestiços, 1 para 448 brancos e 1 para 75 asiáticos. No próprio Brasil, onde, numa certa época, só na Capital Federal existiam 300 cúlils, 103 tinham o nome na Casa de Correção.

Agora, um pouco de História Pátria: a tese é fastidiosa, porém verídica.

Após a definitiva supressão do tráfico da escravatura, medida de fato só averiguada em 1853, aventou-se imediatamente a ideia de uma nova escravidão, menos escandalosa, porém tão lucrativa como a outra.

A China afigurou-se logo ao ideal dos sôfregos mantenedores do peculato como um novo *El Dorado*.

Tão nefastos intentos chegaram a realizar-se. Em 1855 introduziram 303 cúlils colhidos em Singapura; surgindo, porém, uma reclamação do ministro inglês, aqueles foram abandonados. Em março de 1856, a segunda tentativa frutificou mais positivamente. Uma galera americana, procedente de Wampoa, trazia 368 cúlils. Prontamente acudiram os tomadores e fez-se lhes completa distribuição do gênero.

Um fazendeiro de Magé, plantador de cana, o dr. Lacaille, contratou quarenta cúlils; deu-lhes bom agasalho e, depois de dois dias de descanso, fê-los levar ao trabalho. Para habituá-los determinou-lhes apenas duas horas pela manhã e duas pela tarde.

Em tarefa tão branda portaram-se “com morosidade e indisposição progressivas”. Treze dias depois, trinta e quatro cúlils concluídos exigiram carne de porco fresca para alimentação diária e 10\$000 de salário. Como somente fosse possível dar-lhes carne de vaca e 22\$000 a cada um, o descontentamento aumentou e no dia seguinte não só se

recusaram a ir para o campo, como maltrataram o feitor, de sua nacionalidade, que os fora admoestar.

Em tais circunstâncias, o dr. Lacaille socorreu-se do subdelegado do distrito, que teve de empregar uma escolta de cinquenta homens para corrigi-los. Prometeram emendar-se, ao passo que no dia posterior novamente fizeram parede.

Novamente presos por já se terem amotinado na fazenda, acercando-se da prisão, deitaram-se junto às suas paredes, de onde nem rogos, nem força os podia apartar. “Para vencer aquela resistência de inércia foram soltos os mais culpados!”

O dr. Lacaille despediu-os todos, rescindindo o contrato; o engenheiro Rivière que, também por contrato, obtivera diversos e mais os que aquele doutor abandonara, sendo estes sem contrato, passado algum tempo pediu ao governo *encarecidamente* para se desembaraçar dessa gente, “que se esquivava a todo o trabalho”.

“Para o Jardim Botânico, continua o autor da memória que temos à vista, foram destinados dezesseis, a fim de se empregarem na cultura do fabrico do chá. A 20 de janeiro de 1857, o diretor daquele próprio nacional solicitou a retirada de sete, por inúteis ou prejudiciais, lembrando o alvitre de despedi-los. O governo aceitou o expediente. Esses rejeitados, com os que estiveram em tratamento no hospital, formavam o conjunto de setenta e três, que se aquartelaram a bordo da fragata *Paraguassú*. Pareceu ao Ministro da Marinha que utilizar-se-ia de seus serviço no arsenal e requisitou-os”.

Em outubro do mesmo ano, foram despedidos em face da sua extrema aversão ao trabalho.

Em toda essa emergência a Diretoria de Terras e Colonização opôs a mais enérgica resistência para que lhes não fossem distribuídos lotes de terras.

Finalmente, em outubro de 1866, chegaram mais 312 chins. Foi humanamente impossível fazê-los trabalhar, quer em estabelecimentos agrícolas, quer em estabelecimentos industriais.

Semelhantes insucessos desanimaram os chinófobos por muitos anos.

## AINDA A QUESTÃO DOS CHINS\*

### III

Na quase totalidade dos sociólogos europeus reina hoje a ideia de que a campanha asiática empreendida pela Inglaterra em 1841, da qual resultou constranger a China a entrar em relações amistosas e comerciais com as outras partes do mundo cristão, obrigando-a ao contato de povos com que ela muito tinha que aprender, foi um perigo cujos incalculáveis prejuízos não se previram na época.

Nada mais, nada menos, teme-se que, num futuro pouco longínquo, no século vindouro, a Europa seja assolada por uma invasão chinesa.

Desde já declaramos, com a mais brutal franqueza, que também tememos a absorção do elemento brasileiro pelo asiático.

O tremendo cataclismo social, entretanto, não será um fato sobrenatural, em face da índole imigrantista dos povos do extremo oriente, cujos êxodos em idades pré-históricas derramaram-se por todo o orbe.

Ainda nos primeiros tempos medievais os povos do meio dia da Europa sofreram passivamente as formidáveis conquistas das hordas do norte e dos arrogantes sarracenos do oeste.

---

\* *A Federação*, Porto Alegre, 19 de setembro de 1892

A sãnie anarquista que devasta o proletariado, junta à instabilidade da paz, prestes a se perder numa sangrenta conflagração, o espírito de desordem que esteriliza e faz vacilar toda a obra de reconstrução moral, e mais infinitas causas que desconhecemos, estão engendrando a consumação de acontecimentos imprevistos, diante da qual a vetusta Europa será imbele por conjurá-la.

Por seu turno, a China abalou-se da sua letargia tradicional e move-se assombrosamente. Industria-se, arma-se, estuda, traduz todas as obras científicas que se editam em Inglaterra, França e Alemanha.

Pacificamente ou pela violência, há de se fazer pesar sobre o mundo ocidental, quer na concorrência fabril, depreciando-lhe a manufatura; na concorrência comercial, introduzindo o seu sistema, que tanto abalo já causa nos Estados Unidos.

O presente problema, objeto de constante preocupação dos estadistas da Europa e América, prende-se ao fato da exorbitante população chinesa que ondula, sussurra, vive e preme-se numa área já pequena e circunscrita. Tende a transbordar o recinto que a comprime.

A Europa, com a superfície de 9.919.770 km<sup>2</sup>, possui uma população de 339.293.000 habitantes, o que dá a média de 34 habitantes por 1 km<sup>2</sup>; ao passo que a China, com uma superfície de 4.024.690 km<sup>2</sup>, contém uma população de 381.000.000 habitantes, do que resulta a média de 95 habitantes por 1 km<sup>2</sup>.

Ora, se a superfície da China, que é menos da metade da Europa, possui uma população superior a esta, não será uma necessidade a imigração dos seus habitantes?

É um fato provado pela observação.

Seus costumes, desde que a China franqueou-se ao resto do mundo ou “desde que o mundo franqueou-se aos chins”, pouco se têm transformado; mesmo assim, porém majestoso e lento, o colosso desperta, arfa, agita-se e avança: a civilização material do Celeste Império amolda-se rapidamente à civilização material do ocidente, principalmente no que é a base primordial de sua fortaleza - o poder militar.

A esquadra chinesa já é respeitável pelo número e pelo armamento, o exército está armado de canhões de Krupp e de fuzis de tiro rápido; centenas de nacionais frequentam as escolas militares da Inglaterra e da Alemanha; eles trazem, leem e exercitam-se em tudo quanto pertence à arte da guerra.

Se a conquista, repetimos, não for pela força, será pelos meios pacíficos, muito mais vagarosos, mas seguros.

A invasão mesmo já teve princípio a começar do meado deste século, silenciosa e intermínua, em países extra asiáticos; tendo a escolha, desgraçadamente, recaído sobre a América.

Em 1852 havia dois mil cúlis em S. Francisco da Califórnia; em 1865 o número atingia a sete mil, e em 1875 já passava de treze mil.

Dez anos mais tarde excedia a cento e cinquenta mil e, segundo uma estatística publicada em Gotha pelo Sr. Hermann Habenicht, em 1889, a população chinesa nos Estados Unidos alcançava a 288.820 almas! Agora já se esparrama a onda amarela para além da Califórnia, em Arizona, em Utah, em Nevada, em Nebraska e até em Delaware e Ohio, operário ou cozinheiro, vagabundo ou lojista, veem-se chins.

Em Cuba e Porto Rico, para uma população de 2.250.000 habitantes, entre brancos e pretos, existem 45.000 cúlis.

A Jamaica, a Maurícia (conquanto Maurícia não seja terra americana), as Guianas e as pequenas Antilhas correm iminente perigo de se *chinesarem* em data vizinha.

Em 1880, a população da Jamaica compunha-se de 392.000 africanos, 100.000 chins e apenas 13.000 brancos.

A da Maurícia orça por 100.000 europeus e africanos e por 220.000 cúlis.

A das Guianas compõe-se de 60.000 africanos e europeus e de 72.000 cúlis.

Só na Guiana Inglesa, em 1877, já havia 48.500 cúlis e apenas 9.635 europeus.

Em Guadalupe, desde que se iniciou a vinda de asiáticos, o número de mulheres ficou em sensível minoria, na proporção que se devia guardar para o número de homens. A média entre os chins que para lá se dirigem é de nove mulheres para mil homens.

Na Trindade, havendo 12.000 europeus, encontram-se 40.000 cúlis.

Calcula-se que no Peru, na Colômbia e nas pequenas Antilhas existam cerca de 100.000 cúlis; na Índia há mais de um milhão de chins, em Sião cerca de um milhão e quinhentos mil, na Austrália, nas Filipinas, em Singapura, em Java e na Arábia muito mais de um milhão.

Com os meios de comunicação cada vez mais cômodos e frequentes, as distâncias diminuindo e a facilidade de transportes, dia a dia generalizada, não é utopia a absorção dos povos menos belicosos da Europa e América pelos da Ásia.

Faz-se-lhes sofrer os mais aviltantes ultrajes, submetendo-os a repetidos vexames, impõem-se-lhes onerosos impostos de entrada, segregam-nos da comunhão ocidental, dizima-os tanto o massacre como a peste: não obstante tamanha adversidade, a imigração continua sempre crescendo, imperturbavelmente.

Se é exato que uma sua grande parte regressa ao Celeste Império, levando consigo todo o produto das economias, outra grande parte estabelece-se no país e funda uma colônia. Em S. Francisco da Califórnia, os chineses possuem bancos, bolsa, teatros, hotéis, jornais, etc.

A conquista da Europa, que já se parece inevitável, surgirá provavelmente pela Rússia que de mais a mais dilata os seus domínios pela Tartária, estendendo estradas de ferro pelos territórios siberianos e tártaros e entrando em fraternais relações.

O primeiro prenúncio será o da inundação de produtos industriais, porque é preciso recordarmo-nos de que a manufatura chinesa data de inúmeros séculos e não está minada das ideias pregadas pela revolução socialista.



Já ouvimos insinuações de que estamos a fazer oposição a uma medida governativa, como é esta da imigração asiática - quando não o é por sugestão do governo.

Engana-se quem assim entender e revela não conhecer sob que regime estamos. Se ele é o presidencial, e a ideia partiu do poder legislativo, bem se vê que não podemos fazer oposição alguma, visto como o executivo é de todo alheio ao que se origina nas câmaras.

Demais, estes artigos são exclusivamente críticos e não políticos.



## LITERATURA E POLÍTICA

Summer Maine, na sua análise à Constituição Federal dos Estados Unidos, apensa ao *Ensaio sobre governo popular*, alude a um romance americano de nome *Democracia*, que, sendo uma sátira, aplicada às instituições daquele país, agitaria singularmente os espíritos preocupados pela política.

O só fato da referência feita por um homem de ciência da estatura do grande jurista inglês e o título da obra, bastante para despertar a curiosidade de quem deseja cultivar certa ordem de estudos dependentes da ciência social, induziu-nos a lê-la.

Da demorada e calma leitura através daquelas trezentas e vinte e tantas páginas de uma negligente edição barata da casa Plon & Cia., de Paris, acudiu-nos a mente repetir uma vez mais, agora que se procura estudar certos textos da nossa Constituição, os já muito velhos conceitos referentes à ainda hoje difícil interpretação que se possa dar à forma de governo que se conhece pelo tradicional título de “democracia”.

### I

O romance, que é exclusivamente calcado sobre costumes americanos, foi editado em fins de 1883, simultaneamente em New York e em Londres; o autor, não obstante ter guardado o mais rigoroso anonimato, deixa perceber que seu único intento foi esculpir em alto relevo as tendências da democracia americana para a imitação dos feitos da aristocracia europeia, os vícios que já corroem aquele novíssimo organismo político, tão deploravelmente como os que solapam as vetustas sociedades de além mar; e, por fim, deixar a inteligência do leitor a dedução dos pontos cardinais que os princípios sobre que repousam as instituições americanas divergem dos que emanaram da revolução francesa.

*Democracia* é um trabalho feito à maneira que os franceses chamam *à la clef*, no qual cada figura traz uma máscara que oculta a feição de um personagem verídico. No prefácio, o tradutor francês, que também é anônimo, declara que a obra, tanto na América como na Europa produziu ruidosa sensação, já sob o ponto de vista literário, já sob o ponto de vista político, e cuja energia repercutiu por todos os jornais e revistas.

Como romance na acepção absoluta do termo, é trabalhado sem a menor preocupação de escola, como todas as obras produzidas pela literatura extra-latina, questão secundária para a crítica contemporânea que só tem de se ocupar com os sinais característicos da manifestação da obra d’arte, que bem pode ser fruto da escola realista ou da psicologista ou da decadista, etc.

Logo após a leitura das primeiras páginas, o leitor conhece-se conduzido por sutilíssima inteligência marcada por extraordinária perícia na arte de dialogar; por astuto e sagaz conhecedor das levandades e natureza particularmente coquete das mulheres; por malicioso observador da vida do homem político: junte-se a essas qualidades primas de um grande observador, a espontaneidade e extraordinária verve que flamejam no diálogo, e ter-se-á a prova de que não é só o romance gráfico francês que preenche satisfatoriamente a exigência do leitor moderno.

A peça, intensamente tanto pode evocar por meio da descrição, como por meio do diálogo, como por meio da análise. Na literatura anglo-saxônica, desde séculos agora distantes, a grande força evocatriz das peças românticas ou dramáticas resulta a cada página, por meio desse processo puramente parlante, repetido pelo personagem que se reduz ao papel de transmissor do pensamento do autor; além disso, o mesmo fato determina a linha divisória que limita essa literatura da oriunda da corrente galo-céltica,

porque nesta o tempo, a ação, o lugar são aproveitados para assinalar tudo quanto interessa à vida humana, constituindo um doce e largo acessório para o complemento da obra de arte.

O profundo amor pela natureza fica sendo, pois, o indício mais importante da tendência da literatura meridional.

## II

Ausente e anêmico o enredo, todo o frêmito de vida brota da abundância de truques e pequenos incidentes que degeneram a sùmula da lição ora numa cena de opereta, ora num episódio trivial, comuníssimo, porém que o romancista salga com as mais quentes cores do seu humorismo que cintila de princípio a fim da obra, numa progressão de chamadas cada vez mais ardentes, tornando a ação, no conjunto, tão viva quão variada na diversidade de aspectos tanto sombrios, como nuançados, como luminosos, que projeta em infinitos reflexos a esfera em que se desenvolve o assunto do romance *Democracia*.

Para melhor acentuar documentadamente o que dissemos, citemos algumas passagens em que o autor diabolicamente diverte-se em humorizar a vida íntima dos seus principais personagens:

Trata-se de uma jovem senhora, americana, viúva, opulentamente rica, instruída e aventureira – que se chama Magdalena Lightfoot Lee, viúva de Lee, família importante, cujo nome acha-se ligado à História. Depois de uma viagem, longa e proveitosa, a toda a Europa, veio residir definitivamente no seu país natal, que ela pitorescamente apelidara a terra do petróleo e dos porcos, escolhendo a cidade de Washington a fim de poder estudar de perto o mecanismo político administrativo da União.

Imediatamente travou relações de amizade com John Carrington, político e advogado de ruidosa nomeada, então empobrecido pelos acontecimentos que se seguiram à guerra da secessão em que ele, natural da Virgínia, combateu ao lado dos escravagistas.

Parente do marido de Mrs. Lee, e orgulhoso da descendência dos Lee, recebeu a *Mistress* com o maior alvoroço, tratando logo de pô-la ao fato dos sucessos da política dominante. Seu primeiro cuidado foi levá-la ao senado federal no dia em que discursava Silas Ratcliffe, senador por um dos Estados do Oeste, e alcunhado o *Gigante da Campanha*, também célebre orador e prestigioso chefe político. Em Washington era tão procurado, recebia tão insistentes empenhos para obter colocação para os seus correligionários, por tal forma roubavam-lhe o tempo necessário à concertação de seus planos políticos, em cuja maquinação era exímio, que o senador achou um meio de dispor semanalmente de duas horas para realizar seus desejos: era frequentar, aos domingos, a igreja e, durante a missa, achando-se só, refletia a gosto, sem importunações.

Como eloquência, dizia-se que era rival de Clay, Calhoun e Webster, os maiores oradores americanos; como influência política, basta dizer-se que por três votos deixara de ser candidato do seu partido à presidência da República, e essa defecção dera-se unicamente “porque dez pequenos intrigantes são mais malignos que um só grande intrigante”.

Fora abolicionista e isso criara-lhe o sólido préstimo de que gozava no Oeste do país.

Quanto ao físico, era um brutamonte, um gebo, e tão inculto nos modos como na maneira de viver.

Um dos seus mais audaciosos rivais era Carrington, que por fim também não deixava de amar *Mistress* Lee, e, percebendo esta mesma disposição em Ratcliffe, a mútua antipatia entre um e outro dos convivas da casa da atrevida *yankee*, redobrou de ponto.

Deu-se então um fato muito comum na vida dos homens públicos: fazer uso da habilidade de modo a desarmar o inimigo por meio de uma comissão que o inibisse dos combates jornalísticos, sempre perigosos para quem serve de alvo.

Ratcliffe, então, ministro das finanças, serviu-se do mesmo processo que o presidente da República praticara para consigo, e nomeando Carrington para diretor geral do contencioso do tesouro federal e, depois, em seguida a uma recusa, para uma comissão ao México, conseguiu o meio de tirar-se da dupla e difícil posição política e amorosa, em que se achava.

A passagem acima referida e que se dera entre Ratcliffe e o presidente, fora muito fina.

Como já se sabe, Ratcliffe dominava todo o Oeste da confederação, e o seu majestático prestígio valera-lhe o cognome de Gigante da Campanha.

Por essa razão, não tendo sido eleito presidente da República, devido a uma intriguinha partidária, aquele que realmente o tinha sido, devia com justíssima razão temer qualquer desagrado de tão poderoso correligionário desgostoso; e também, diz o ditado, que não há pior inimigo do que um amigo desajeitado.

O novo presidente estava em vésperas de inaugurar a sua administração; Ratcliffe, na manhã do domingo precedente, dispôs-se a estudar que atitude deveria guardar em face do que se ia dar. Assim, enquanto o pastor celebrava o ofício na Igreja Metodista Episcopal, não tanto pelas convicções religiosas, mas porque, muito em parte, um grande número dos seus eleitores ia à igreja e ele senador precisava dar-lhes uma prova de concordância de sentimentos, pensou em impor ao presidente a nomeação de certos cidadãos do seu partido para cargos de ministros; e, o alvitre aceito, mais uma vez confirmar-se-ia. O acerto de quem inventara a seguinte significativa sentença: *que Ratcliffe tinha laçado o presidente, pelos cornos, antes que o bom velho tivesse tido tempo de respirar.*

Sua grande habilidade consistia em evitar calculadamente as questões de princípios. Como ele próprio confessava espertamente *o que ele procurava obter não era uma questão de princípios, mas sim uma questão de poder.*

O novo presidente, recentemente eleito, entrara na vida política como britador de pedras numa pedreira, origem de toda a sua carreira e que agora muito o orgulhava. (Não irá aqui uma feroz alusão ao finado presidente Abraão Garfield, de honrosíssima memória?..)

“Na Convenção Nacional do partido, nove meses antes, depois de muitas dezenas de escrutínios sem resultado, nos quais não tinham faltado senão três votos de maioria a Ratcliffe, seus adversários fizeram o que ele próprio procurava fazer presentemente: puseram de lado seus princípios e escolheram para candidato um simples camponês do estado da Indiana, cuja vida política, toda ela, resumia-se nalguns discursos pronunciados *au plein air*, e as funções de governador do seu Estado nativo. A escolha nele recaía, não porque os eleitores julgassem-no apto para desempenhar os encargos da suprema magistratura, mas porque esperavam, desse modo, subtrair do domínio de Ratcliffe a Indiana.”

Durante a campanha eleitoral, as extraordinárias circunstâncias do candidato eleito tinham ocupado largamente a atenção pública.

Chamavam-no “o Quebrador de Pedras do Wabash (1)”, outras vezes “o Cavouqueiro da Indiana” e, sobretudo, de “Velho Granito”.

Com o que, porém, Ratcliffe não contara, era que o “Carreiro da Indiana” mostrara-se mais astuto do que ele - escolhendo-o para ministro das finanças!

---

<sup>1</sup> Wabash é um rio em Indiana. (N.A.)

Essa resolução muito lhe facilitou o desempenho do horroroso cargo, porque qualquer negócio importante para o qual o presidente não se julgava com capacidade para resolver, enviava ao *secretário das finanças*. “Um visitante pedia alguma coisa para si ou para outrem, a resposta era invariavelmente: - *Dirija-se ao Sr. Ratcliffe, ou: Eu penso que o Sr. Ratcliffe estudará isso.*”

Ratcliffe era, pois, de fato, o primeiro ministro e o cérebro pensante da administração do presidente Jacob.

Desembaraçado da oposição de Carrington, operação laboriosa, em que mais uma vez a sua astúcia não o traiu em sucesso final, o ardente ministro foi se encaminhando por uma via verdadeiramente alegre e gloriosa. Vagarosamente, com resolução também foi se emancipando da rudeza campônia e os cuidados por uma *toilette* elegante e digna da sua posição iam-lhe preocupando a atenção.

A esposa do presidente não era menos bordalenga que o marido: logo à primeira visita que Mrs. Lee lhe fez, à Casa Branca, foi de uma grosseria tão insolente como cheia de ingenuidade e gandaice. Desembestou tremenda objurgatória contra certos costumes da capital, que lhe pareciam extraordinariamente perversos; falou com veemência das modas usadas pelas senhoras de Washington, e afirmou que faria todo o possível para deter esses excessos; tinha ouvido dizer que havia mulheres que encomendavam vestidos a Paris, como se a América não fosse bastante hábil para os confeccionar! Mas, consolava-a a promessa do marido, que lhe falara em promulgar uma lei contra o abuso. Na sua cidade natal, na Indiana, ninguém dirigiria a palavra à jovem que trajasse tais vestimentas!

Mrs. Lee, instintivamente pensou de si para si que nem para cozinheira queria semelhante cidadã.

Entretanto, há nesse romance uma figura muito excepcional e admirável pela escassez do gênero: é o barão Jacobi, diplomata búlgaro, sempre de bom humor, porém temperamento irônico, espírito ferino até o último excesso, não obstante a impassibilidade habitual.

“Os sarcasmos de Jacobi e a grosseria de Ratcliffe foi causa para que, pouco a pouco, fossem deixando de falar-se e contentassem-se em se olhar como dois cães de porcelana”.

Carrington que jurava obstar o casamento de Ratcliffe com Magdalena Lee, no que era bem apoiado por Sybilla Ross, irmã dessa, quando soube da boa disposição de parte à parte, forneceu á irmã da outra um documento, escandaloso e decisivo, que resumia em si a maior arma contra a probidade do ministro da fazenda, visto como se tratava de um indecoroso suborno que lhe fizera, mediante cem mil dólares, uma companhia de navegação com o propósito de obter do senado uma subvenção.

Na verdade, Magdalena, sabedora da patota, sem demora renunciou o projetado matrimônio, não obstante as artificiosas escusas do famoso estadista. Ratcliffe provocado a explicar-se, relatou que a eleição presidencial realizada oito anos atrás fora renhidíssima, a força dos partidos era igual, entretanto, fosse como fosse, custasse o que custasse, era urgente que o seu partido derrotasse o adversário, que tanto contribuía para ensanguentar o solo da pátria. Gastou-se dinheiro copiosamente, sem conta; no que? Ele próprio ignorava - tudo era entregue ao *Comité Central Nacional*, em cujo nome tomaram-se empréstimos. O resultado foi que num belo dia o chefe do *Comité*, precedido de dois senadores, apresentou-se a Ratcliffe, no sentido de lhe prevenir da necessidade, em nome dos interesses do partido, de cessar a oposição contra a pretensão sustentada pela companhia de paquetes a vapor. O resto, é fácil de deduzir-se.

Terminada a entrevista com Mrs. Lee, em que o projeto de casamento ficou absolutamente desfeito, na rua deu-se uma importante cena de carnaval agarrado: Ratcliffe e o barão Jacobi encontraram-se a dois passos da porta do palacete de Lee; “um

só olhar lançado sobre o senador bastou ao barão para adivinhar que algum mau sucesso tivera lugar na carreira desse estadista, cuja fortuna tanto desprezo sempre lhe inspirara. Com o pior dos sorrisos, o barão estendeu a mão ao senador dizendo-lhe da mais azeda das maneiras:

- Espero poder oferecer as minhas felicitações a v. ex.

Ratcliffe sentiu-se feliz por achar uma vítima sobre que desabrochasse a sua cólera”.

Com um simples gesto, o senador rejeitou-lhe a mão e, detendo-o pelo ombro, lançou-o fora do caminho. O barão, que não era homem para sofrer insultos, estava-lhe ainda a mão de Ratcliffe sobre o ombro, já a sua bengala vibrava o ar, e, antes que o ministro tivesse podido defender-se, recebia-a violentamente em pleno rosto. E iam prosseguir no pugilato - que teve em Washington a truanesca e ululante repercussão de um escândalo sem qualificativo - quando de uma outra parte reconheceram os contendores as posições oficiais que ocupavam e refrearam-se.

Os outros personagens mais simpáticos são Lord Shye, correto e apreciável *gentleman*, embaixador da Grã-Bretanha, Lord Dunberg, hóspede da embaixada britânica, o senador French, Papoff, adido à legação russa, o deputado Gore, etc.

Das mulheres, destacam-se Sybilla Ross, irmã de Magdalena e miss Victoria Dare “que sussurrava como os ventos e as torrentes”, com absoluta indiferença pelo que dizia e a quem se dirigia. Quando falava de algum assunto ousado, afetava uma ligeira gagueira e se dava um ar de langorosa simplicidade. Dizia-se em Washington que ela não valia melhor que as piores, e que constantemente violava todas as regras de conveniências e que tinha escandalizado todas as famílias honestas da capital federal. Era pequena e encantadora, qualidade que a fazia tolerada.

Suas ambições e pretensões não tinham limites; queria casar a todo o transe, porém com indivíduo de posição elevada. Da sua requintada perversidade deu exemplo uma vez que indo a um *pic-nic* em Mount Vernon (residência habitual do general Washington) confessou que não podia respirar um ar tão puro, e acrescentou que o general purificava tudo que tocava, e as outras, inclusive ela, pareciam manchar tudo o que tocavam! Sua principal preocupação era desposar Lord Dunberg, para se tornar lady, condessa senhora do castelo de Dunberg, na Irlanda...

E era democrata? Republicana, filha da burguesia industrial da União?

Assim são todas as suas patricias que representam um papel saliente na sociedade americana e é esse um dos característicos da futura crise das ideias das condições de igualdade, do nivelamento de classes e de outras ilusões que andam paralelas a uma falsa concepção de *democracia*.

E todo o intento do romancista foi marcar indelevelmente a propensão que reina nos Estados Unidos em se imitar o que se passa nas cortes europeias, já ridicularizando as de estirpe menos elevada, que conseguem altos cargos na representação, já frisando os rasgos de ostentação digna de uma república onde predominam os Vanderbilts e outros deca milionários.

Como já anunciamos ao encetar esta publicação, o romance recomenda-se antes de tudo pelo sal do humorismo que lhe aduba as melhores páginas do que pela profundidade da análise dos caracteres, o fulgor das descrições e o fantasioso colorido do estilo, arqui-torturado, sacrificado e fatigante das obras recém publicadas em França.

Resta-nos fazer a síntese das conclusões morais, formulando, então, não com dogmatismo ou pretensão a doutrinação, porém com os secos dados da observação de um crítico, alguns princípios gerais a respeito da forma de governo que tem o nome de *democracia*.

Por mais de uma vez, no correr desta publicação, temos nos referido que o literato-político, autor do romance, não teve outro intento senão evidenciar, à luz da

literatura, os costumes de certa parte da sociedade americana e como a tão preconizada democracia não é o governo que concretiza formalmente as ardentes e visionárias esperanças dos jacobinos; a *delenda Carthago* da exploração dos demagogos ignorantes, que só sabem explorar a paixão dos anarquistas desejosos do amotinamento; ou a *Terra da Promissão* antevista pelos ideólogos.

A leitura do romance em questão nos não moveu da convicção que temos – que a democracia não passa de uma forma de governo e que os Estados Unidos, do mesmo modo que o Brasil, segundo se depreende de uma leitura das respectivas Constituições Federais – são, não há dúvida, democracias de natureza especial.

Difícil circunstância, entretanto, surge ao iniciar-se qualquer exame em certa ordem de matérias, como a presente, que, participando da sociologia, andam cercadas de várias ideias admitidas *a priori* e que, não sendo antecipadamente removidas, ocasionam grande confusão. Entre essas ideias, em Direito Público há algumas a que frequentemente se alude, tais como a *Democracia*, a *Soberania do Povo*, a *Liberdade*, etc., que exprimem coisa diversa do que se lhe atribuía até pouco tempo.

Em face dos mais recentes estudos, porém, os publicistas chegaram à conclusão, definitiva, talvez, de que a Democracia nada mais é do que *a forma de governo na qual, perante a lei, são reconhecidas todas as condições de igualdade* e a *Liberdade a atribuição do governo ao que lhe é severamente necessário para o desempenho da lei*; de onde se infere que, sob pena de se confundir com a Anarquia, a Liberdade não é a faculdade possuída por qualquer indivíduo para fazer o que bem lhe parecer sem o impedimento de nenhuma lei.

No caso vertente, pois, a ideia de Igualdade resume-se no direito que assiste à qualquer cidadão que acumule as qualidades concedidas pelo uso dos direitos civis, - a desempenhar funções administrativas, dando-se, pois, a exclusão do privilégio de casta.

O caso dos Estados Unidos é exatamente, pela força de circunstâncias que lhe deu origem, o que melhor se presta para elucidar a questão.

A História Política desse país já nos ensinou como a república foi uma forma de governo adotada com o constrangimento e contra a vontade dos fundadores dessa nacionalidade.

Na época em que surgiu o primeiro sintoma de desagregação da metrópole, a situação social dos Estados Unidos era um tanto singular.

A contar do meado do século passado, por efeito das obras filosóficas e demolidoras de Montesquieu, Rousseau, Voltaire, Quesnay, etc., em França; Hartley e Hume na Inglaterra e Kant na Alemanha, começou a lavrar um grande espírito de revolta contra instituições seculares, tais como o Estado e a Igreja e certas ideias sobre o homem em geral, abertamente declarado pela tendência à emancipação e abolição do pulso guante dos governos absolutos.

Em tal estado de excitação fácil fora estalar as hostilidades contra uma metrópole suserana a que a colônia nada devia e perante a qual nem sequer tinha representação. Facilmente obtida a independência, seus patriarcas, no entanto, tremeram diante o quadro rubro – de carnificina e de incêndio – oferecido pela revolução francesa, estranho espelho no qual nenhuma nação podia inspirar-se para consumir sua organização política.

Ora, dava-se o fato de aí não haver aristocracia reconhecida pela Inglaterra, composta de elementos bastante poderosos para que um dos seus representantes aventurasse-se a se coroar rei.

Assim, não havia remédio senão optar pela República; porém, como esta estava com os créditos muito avariados, foi mister revesti-la de normas conservadoras, emprestadas da pragmática britânica.

E foi a esse espírito reconhecidamente conservador, sabiamente introduzido nesse pacto orgânico, que a forma republicana deveu o restabelecimento dos créditos, estatuinto definitivamente o princípio que a forma de governo eletivo é a incontestável tendência da evolução das sociedades civilizadas.

Se fatos quiséssemos acumular para reforçar o que acima assinalamos com respeito à índole conservadora da heroica geração que produziu a independência americana, bastava referirmo-nos às tentativas, aliás, sem sucesso, para a criação de um partido aristocrático, em plena república; e ao empenho em prolongar no governo, sempre que era possível, os mesmos presidentes. De Washington, que inaugurou em 1789 a série de presidentes eletivos, até 1837, em que o general Jackson deixou a administração superior, os presidentes Washington, Jefferson (1801), James Madison (1809), James Monroe (1817) e Andrew Jackson (1829) foram todos reeleitos findo o primeiro quadriênio administrativo.

É certo que o segundo presidente, John Adams, não foi reeleito - mas seu filho John Quincy Adams foi eleito presidente.

Agora não se diga que semelhante república conservadora não seja uma democracia; que nome poderíamos, pois, a não ser este, dar a uma república, onde todas as funções governamentais são eletivas?



(A Federação, 2 de maio de 1893)

## OS LIVROS TRAÇOS COR DE ROSA

(Versos por Zeferino Brasil)

Corre mundo, por ser verdade de fácil averiguação, que é preciso não confundir trabalhos tão diferentes, como sejam as despreziosas notas bibliográficas de um jornal ou de uma revista a respeito do livro do dia, da semana ou do mês - com os sólidos estudos analíticos, propriamente doutrinários e de investigação, que constituem a verdadeira crítica.

À vista, pois dessa luminosa exposição, é desnecessário dizer-se que o que se vai ler não é uma crítica, mas sim o cumprimento de um duplo dever a que me acho obrigado para com o poeta dos Traços cor de rosa, dever particular, para com o sr. Zeferino Brasil, que não mantendo vivas relações pessoais comigo, teve a nítida cortesia de oferecer-me um exemplar do seu recente livro, no qual quis ter a fineza de dirigir-me uma benévola dedicatória; dever geral - porque o poeta é brasileiro e será para mim simpático labor o de registrar, se bem que superficialmente comentado, o aparecimento das obras - que o merecerem - de autores nacionais.

Estou já bastantemente advertido, e também injustamente, de que esta minha teimosa resolução desagrada a outros escritores conterrâneos, que, por vezes, em termos ressumantes de má vontade, tem-na censurado.

Uns taxam-me de incompetente; a esses deixo de responder. Porque logo fazem perceber que não têm a mínima concepção do que seja a crítica e quais seus fins.

Pensam que a crítica é a escola onde se vai aprender a produzir!

Outros, entre os quais, segundo me consta, acha-se o próprio sr. Zeferino Brasil, estranham que, sendo eu muito estudioso, escreva pouco e este mesmo - mau, o que é verdade.

Que escrevo mal, é exato; entretanto, como nunca me jactei do contrário, o que seria uma irrisão, julgo não ser esse dos males o pior, reservando-me o direito de procurar emendar-me.

A outra afirmativa, a primeira, é, porém, injusta.

Fiz minhas primeiras armas, é certo que muito tarde, quando já eu tinha dezenove anos, n' *A Luta*, em 86, ao lado de Domingos Nascimento, Alcântara Filho, Soares dos Santos, J. Marques da Cunha, etc., todos hoje oficiais do exército e, então, ilustradíssimos alunos da Escola Militar, redatores daquele excelente periódico.

Depois, num período de sete anos (1886-1893), tenho colaborado n' *O Atleta* e n' *O Contemporâneo*, onde publiquei vários contos e novelas; no *Jornal do Comércio*, do Desterro, e no *15 de Novembro*, da Cachoeira, na qualidade de correspondente em Porto Alegre; na *Folha da Tarde*, onde fui um dos mais dedicados auxiliares da redação; no *Jornal*, onde tem aparecido alguns ensaios e, recentemente, n' *A Federação*, com diversos ensaios de crítica política e literária, e na *Folha Nova*, onde já fui experimentado na manipulação desde a do artigo político até a da crônica teatral...

Fora disso, na minha obscura bagagem literária, trago uma tradução, de sociedade com Domingos Nascimento, da comédia em 3 atos *Le bouton de rose*, por E. Zola.

E mais: a tradução de dois romances de Tourgueneff, uma das quais, a de *Clara Militch*, foi dada em folhetim pela *Folha da Tarde*, e a outra, a de *Les eaux printannières*, começou a aparecer com o título *A bella Gemma*, pelo rodapé da *Folha Nova*; de uma novela de Guy de Maupassant, *Yvette*, publicada no *Jornal*, do Desterro, e a do *Pêcheur d'Islande*, romance de Pierre Loti, começada a sair pela *Folha da Tarde*, numa época em

que esse grande romancista era desconhecido no Brasil e quando a sra. d. Maria Amália ainda o não traduzira.

Ora, bem se vê que, além de arrastar eu a *calceta de empregado público* subalterno e ser estudante de direito, preencho os meus exíguos lazeres de um modo que, se por um lado é pouco frutuoso, por outro é pródigo em provações e contrariedades, o que não tendo nem me desanimado nem obrigado a mudar de vida, deve ser levado em conta por aqueles que têm querido prestar alguma atenção à minha carreira de aspirante a uma modesta posição nas letras pátrias.

Há muita gente que, nessas mesmas circunstâncias, tem feito mais do que eu: há muito rio-grandense que, em melhores circunstâncias, tem feito menos do que eu.

Assim, se se tomar em consideração o que de boa fé relatei, penso-me justificado contra as insinuações e reproches que se me têm dirigido, pedindo permissão para continuar a ocupar-me dos livros escritos por patrícios, principalmente quando estes me enviam espontaneamente.

---

A poesia brasileira dos últimos tempos, a da geração que substituiu as chamadas escolas *byroniana* e *indianista*, no seu conjunto de manifestações artísticas, pode dizer-se que obedece aos preceitos de uma só estética, a *Parnasiana*, simples quanto à ideia, mas complexa quanto à Forma.

A isso se opõe o simbolismo, que procurava elevação tanto no que respeita à concepção como no que respeita ao estilo.

O parnasianismo, que no Brasil tem eméritos representantes, um dos quais procura nas suas poesias

..... que o lavor do verso, acaso,  
Por tão subtil,  
Possa o lavor lembrar de um vaso  
De Becerril.

É incontestavelmente um caso que merece ser estudado detidamente; e esse estudo que deve abranger o exame dos fatores gerais que atuaram na sua adaptação ao nosso meio, o seu desenvolvimento e completa maturidade; a análise do momento e o assinalamento das variantes que fatalmente tiveram de se dar, - terá fornecido o princípio característico da nova poesia nacional, enunciando-o como uma fórmula a ser aplicada a cada caso de per si; isto é, a pessoa de cada escritor filiado à escola.

(Conclusão)

Esse trabalho tenho em vista efetuar num livro em que só tratarei de escritores nacionais, e muito especialmente dos romancistas; visto como, é bom desde já declarar, o romance interessa-me muito mais do que a poesia, não só por emocionar-me mais intensamente, como porque, em face do moderno critério artístico, o romance já conseguiu o que apenas é vaga aspiração da poesia: por sua unidade de Ideia e Estilo, ter atingido uma concepção, senão exata, pelo menos, aproximada duma compreensão do

---

<sup>1</sup> A *Federação*, 4 de maio de 1893

que é a Vida, nesse manifesto conjunto de crescimento, sensação, sentimento e aniquilamento.

Restringindo-me ao livro do sr. Zeferino Brasil, o que já é tempo, cumpre-me classificá-lo de *recolta de versos*.

Não é de hoje tendência da poesia senão para justificar o seu lugar no meio do ingente esforço construtivo e uniforme do levantamento da ordem moral da Humanidade, obedecer a um plano que sintetize uma alta concepção da Natureza, isto é, do Universo e do Homem.

O poeta já deve ter deixado de ser um iluminado, um ermitão, um peregrino errante que andava tangendo as cordas do seu alaúde de sítio em sítio, onde tinha namorada, expediente cujo desenlace era um rapto, um suicídio ou qualquer outra cena degradante, quando não imoral.

Não, ele tem uma missão a desempenhar.

A não ser isso era um vencido da vida, um descrente, estragado pelos vícios e pela leitura de obras dissolventes, como tão funestamente ressentiu-se a poesia brasileira com o prematuro passamento de Fagundes Varela, Junqueira Freire, Aureliano Lessa e Álvares de Azevedo, que, se não tivessem sido desgraçados, dignos da nossa compaixão póstera, bem mereceriam o epíteto de impostores Manfredos.

Que a aspiração da poesia a tomar uma direção geral, um fim elevado, é ainda pouco sensível, é indiscutível; mas que esse esforço existe, é ainda mais indiscutível e tanto é verdade que ele já se acusa: prova-o o curso que ela, nos últimos tempos, vai tomando.

Neste ponto, os simbolistas, em geral (Henri de Régnier, René Ghil, Stuart-Merril, Vielé-Griffin, Ajalbert, etc.), parecem ter dado um passo adiante dos parnasianistas, procurando imprimir à arte um ideal mais amplo, mais bem orientado e um fim mais geral.

Ora, os poetas brasileiros não devem ficar estranhos a esse nobre movimento e dele devem participar com a sinceridade de moços obreiros.

Francamente, creio que um poema é obra de muito mais valia em poética, e só ele poderá esforçar-se por preencher o claro existente.

O sr. Brasil diz:

Moço, cheio de fé, uns ideais sonhando  
Adormeci sorrindo e despertei cantando

E mais adiante:

As minhas ilusões andavam como as aves  
Chilreando pelo azul umas canções suaves.

Concedo.

Neste caso, o poeta, que resolvera reuni-las (as ilusões), dar-lhes corpo, vestir-lhes roupagens e apresentá-las sob a forma do verso, porque não seguiu os preceitos dos seus mestres Raimundo Corrêa e Olavo Bilac, cuja influência revela-se em grande parte dos *Traços cor de rosa*; limando-as, nuançando-as, dando majestade ao seu desespero e música ao seu amor? Sim, porque só uma forma mais perfeita e mais torturada será capaz de colorir e ondular uma maneira de ver-sejar que já deu tudo quanto podia ter dado.

Até mesmo creio que o mal é da escola e não do poeta!

“Caia eu também, sem esperança  
Porém tranquilo  
Inda, ao cair, vibrando a lança  
Em prol do estilo!”

É a divisa do papa Bilac, cuja influência, repito, foi tão persistente na primeira parte do livro do inteligente sr. Zeferino Brasil, que ela se nota no modo de invocar estrelas e outros astros, maneira muito própria de Olavo Bilac, as frases: “a que me espera” e “a que me entende”, o modo de terminar os sonetos, em que no final do segundo terceto não surge com agudez e lampejo um remate inesperado, fechando um sentido que parecia vir suspenso.

A meu ver, Olavo Bilac, que é um poeta genial, não maneja o soneto com a maestria de um Raimundo Corrêa ou de um Gonçalves Crespo.

No seu livro *Poesias*, as duas grandes peças *Profissão de Fé* e *Tentação de Xenócrates*, que são inimitáveis, únicas na poesia nacional, valem por todos os seus sonetos juntos.

O mesmo noto no sr. Zeferino: suas poesias *Patativa*, *Versos de um clown*, *Soror Conceição*, *Devaneios de um poeta lírico*, *A princesa loura* e, sobretudo, *O festim de Baltazar* são poesias impecáveis; nelas de tudo se encontra: harmonia, ideia, correção, sentimento.

Quem as escreveu por certo que terá um lugar conspícuo no céu da poesia. Ora, para o moço que as escreveu, que demonstra possuir um talento primoroso, o seu primeiro esforço deve ser livrar-se da influência dos outros, não só por motivos que não vem ao caso assinalar, como para não trazer ao leitor lembranças de coisas que já foram lidas.

O soneto *Ninho abandonado*, conquanto dessemelhante, na forma e no fundo, do de Raimundo Corrêa - *As pombas* -, não posso saber por que, não o li sem que me não tivesse lembrado deste.

Transcrevo-os, e o leitor imparcial que decida se há influência do mestre sobre a pessoa do discípulo ilustre, ou se é simples prevenção da minha parte, prevenção que será desfeita com toda a boa vontade:

Vai-se a primeira pomba despertada...  
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombais, apenas,  
Raia, sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada  
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,  
Ruilando as asas, sacudindo as penas,  
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,  
Os sonhos, um por um, céleres voam,  
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,  
Fogem... mas aos pombais, as pombas voltam,  
E eles aos corações não voltam mais...

*Raimundo Corrêa.*

Foi-se o casal do ninho; foi-se, e agora,  
Naquela solidão, triste e sozinho,  
Loucamente suspira o doce ninho  
A ausência do casal que foi-se embora.

O par ditoso noutras plagas mora...  
Na erguida casa à beira do caminho,  
Vive do mesmo celestial carinho,  
Do mesmo idílio angélico de outrora...

E só, e só, tristíssimo, choroso,  
O ninho abandonado, ermo e saudoso,  
Lembra o casal fugido dos pombais...

Assim, assim minh'alma enfebrecida,  
Abandonada, chora a fuga, a ida  
Dos meus amores que não voltam mais.

*Zeferino Brasil.*

Em Porto Alegre é muito difícil escrever-se; o meio onde se desenvolve o literato não pode ser mais adverso; a falta de bons livros, que dificilmente pode ser sanada; a falta de convivência com pessoas de cultura intelectual elevada; a ausência de salões onde se faça boa música, onde o homem de letras nesse mundo elegante e no convívio de senhoras de fino trato passasse algumas horas, o que concorre para lhe refinar o bom gosto e fazer adquirir ideias mais significativas, - insensivelmente, mas seguramente contribui para diminuir ou enfraquecer qualidades que noutra meio teriam mais aprimorada expansão.

Todo aquele que arrosta contra tão infecunda arena, e consegue escrever com aproveitamento, eu considero um forte e, por isso, capaz de ousados cometimentos.

Eis porque espero que outro livro do sr. Zeferino venha expurgado de descuidos profissionais, tais como cochilos gramaticais, tornando-se metucioso no emprego dos pronomes. A rima será mais escolhida e o ritmo mais abundante.

Os simbolistas, no afã de emprestarem música ao verso, começam muitas vezes com estrofes de dezessete e mais sílabas e, decrescendo este número, vem terminar com duas ou três; depois, elevam-no, e assim por diante, como que procurando imitar os expressivos efeitos de uma orquestra, às vezes retumbantes no ataque de instrumentos metálicos e, em seguida, sutis e calmos nas melodiosas frases exprimidas pelos instrumentos de corda.

Já vai muito longe este recado ao excelente literato patricio: por falta de espaço deixo de transcrever-lhe o soneto *Mussina*, que considero o melhor de todo o livro e um dos mais bem trabalhados que tenho lido recentemente.



## ARTES

Na vitrine da casa do Sr. J. A. da Rosa Júnior acham-se expostos dois quadros a óleo representando cenas da vida campesina do nosso Estado.

Os primorosos trabalhos são executados pelo ilustre professor e jovem conterrâneo nosso - o Sr. Pedro Weingärtner, artista de reputação feita.

A habilidade, a perfeição, a exatidão e o apuro dessas telas, verdadeiras obras primas da pintura contemporânea, vem, corroborar a opinião que os nossos críticos de arte França Júnior, Oscar Guanabara e Arthur Azevedo manifestaram a respeito de Weingärtner, que é o primeiro pintor brasileiro.

Nem a *Narração de Philelas* de Rodolpho Amoedo, nem as paisagens de Caron, nem as marinhas de Castagnetto, nem os bandeirantes de Almeida Júnior, nem o ardente colorido das obras de Parreiras ou Henrique Bernardelli revelam o conhecimento artístico, a opulência e variedade da palheta de Weingärtner, o que nos leva piamente a acreditar que tanto na técnica como no efeito decorativo o artista rio-grandense leva-lhes imensa vantagem.

Quem já visitou a Academia de Belas-Artes pode dizer imparcialmente se a *Primavera* de Amoedo, que é um grande e bem reputado pintor, é possível de sofrer comparação com os retratos feminis que há cerca de cinco anos aqui foram expostos por Weingärtner.

Num dos quadros ora expostos, o que representa uma ocasião de corridas no interior do Rio Grande do Sul, o pintor parece ter atingido as proporções apenas reservadas aos grandes talentos.

A tela é pequenina, mas de um encanto supremo.

Uma campina veridicamente rio-grandense, de uma poesia triste, tão infinda, que nos faz lembrar vagamente a pena de José de Alencar descrevendo os nossos campos. Ao fundo, uma restinga em que o belo verde das árvores toma todos os matizes que ricamente diversificam as florestas pátrias. No horizonte, a esbater-se na tênue transparência da atmosfera de um dia claro, percebe-se a linha azulada de uma serra.

À direita, no primeiro plano, vê-se um grupo de patrícios na postura permitida pela liberdade rústica. Há um cavalo arreiado, um homem deitado de bruços, um outro recostado sobre uns arreios, outros mais, a cavalo, usando ponche-palas, mulheres conversando e ainda outras figuras que, pela robusta anatomia, firmeza de tons e expressão humana, reconstituem heroicamente o tipo enérgico desta incipiente nacionalidade.

À esquerda, em plano destacado, dois cavalos tordilhos alinham-se: de pescoço erguido, em pelo e montados pelos respectivos corredores, esperam o sinal da partida.

Aí o pintor desce ao mais esmerado detalhe, percebem-se os músculos das faces dos corredores, os das pernas e os dos pés, as rugas ocasionadas pelo hábito de coesão tomado pelas vestes.

Não há ninguém que, observando a tela, não lhe sinta a grande impregnação de cor local, que se afirma e fulge, como o característico desse poema pátrio.

A vida rio-grandense, que já tinha sido celebrizada na poesia, no romance e na história, acaba de sê-lo, igualmente e superiormente, na pintura.

Na tela aludida, há, além de um grande derramamento de luz, uma variedade de tintas que bem mostram a tendência impressionista do autor.

Aí está em alto grau um dos méritos do artista: ser um realista consciencioso. Entendemos que a arte brasileira, por enquanto, não pode deixar de ser realista. A nossa vida burguesa e simples ainda não pode produzir pré-rafaelitas, simbolistas ou misticistas.

A reprodução de *après nature* presta-se à revolução do talento de qualquer artista, porque nessa reprodução do real para a tela, efetua-se uma operação psicológica que é o que lhe marca o indício da personalidade.

Pode-se dizer que aquele quadro é um hino à vida rio-grandense.



## LITERATURA BRASILEIRA

### Sertão

(Continuação da página 20, nº I, da Revista do Brasil)

Consoante à maneira de frasear, as imagens em Coelho Netto são particularmente sugestivas: às vezes são simples detalhes enquadrados para dar realce à ideia principal, sem, contudo, girar num círculo extenso. O autor procura ligar ideias complementares sem sair da órbita criada pela ideia central: o pensamento d'um doente que se abrasa em febre completa-se com uma ideia fúnebre, pois que sente que “de todos os lados bocas invisíveis soltavam gemidos.” O mesmo enfermo, no cúmulo do delírio, entrevê o cadáver d'uma sua vítima que tinha “nas órbitas escuras o fulgor de dois fogos fátuos”. Outro exemplo: “meus olhos ardiam como duas feridas e eu tentava em vão o bálsamo do sono”. São abundantes essas espontâneas e penetrantes comparações de um exterior mórbido com a morbidez do estado do personagem.

Há imagens completamente formadas por objetos materiais, revelados por sensações elementares, mas que produzem dolorosa emoção; é assim que “os olhos extintos rolavam angustiosamente nas órbitas como pássaros cativos, tentando ganhar a liberdade do grande espaço, da grande luz para sempre perdida”. A arte do emprego de uma transposição de sensações não se limita a esses poucos exemplos: vai muito longe e alternada. Também são férteis os exemplos da transposição de uma sensação a uma sensação, como nestes casos: “gozei a felicidade como se goza um dia”. “A mocidade é um rio que corre sempre, a velhice é um açude de águas mortas”.

Longe iríamos exemplificando a facúndia do autor, nesse jogo de transposições efetuadas sob muitos pontos de vista psicológicos. Outro predicado que, aliás, não constitui uma evolução peculiar a Coelho Netto, mas uma evolução do romance moderno: é a sua prosa poetizada. Sem, contudo, querermos dizer com isso que a prosa moderna deva ser rigorosamente rítmica, cadenciada, simétrica e, mesmo se assim fosse, ainda a Coelho Netto cabia o melhor partido, o que parece indispensável ao aperfeiçoamento artístico, é que para o devido emocionamento o artista aproveite os efeitos das combinações verbais. Na *Fortnightly Review*, de Março do ano corrente, há um estudo crítico sobre o italiano Gabriel d'Annunzio, onde vem citado um profundo pensamento de Melchior de Vogüé que, mau grado o que tem de paradoxal, contudo pode servir ao caso de Coelho Netto. Vogüé constata que a indecência de d'Annunzio não é indecência, porque a língua italiana não é nunca indecente e que aquilo que seria insuportável em qualquer outro idioma, é agradável no italiano, porque este conserva o privilégio inerente à sua progenitora - o Latim -, dizer com graça e impunidade o que em outro idioma desagradaria ouvir-se...

Assim é, com mais forte razão, a língua portuguesa. Quando magistralmente manejada por um Eça, um Ramalho, um Machado de Assis, um Virgílio Várzea, um Coelho Netto, não há indecência que ela não reabilite, não há miasmática corrupção que ela não saneie, não há sânie que ela não purifique.

Seja que assunto for, escabroso, ousado, trivial, torpe ou disforme; seja tudo isso ou parte, Coelho Netto enroupa-os de tal vocabulário de elite, velando uma seleção de ideias tão bem combinadas, que o leitor não se enjoa ou irrita. Este deve ser o ideal do

---

Até o momento, não se conseguiu encontrar a edição anterior.

realismo. É que a poesia é uma espécie de água lustral que apaga as deformidades. Ora, o seu processo, o do autor, consiste principalmente no esforço de adaptar a forma exterior da sua obra ao fundo, cuja encenação é a vida rural, em todo o esplendor de seiva, o campo, a natureza agreste, o *sertão* enfim; por isso é que sua prosa reveste tons harmoniosos, cores picturais e acentuações dramáticas: é a alma da vida campesina entoando uma balada.

Suas paisagens não são trechos de um poema, são poemetos; não são fragmentos de uma tela imensa, são telas em miniatura. Descrevendo o sítio denominado Tapera, o autor relata o dismantelo em que o abandono pôs tudo quanto ali havia. Nada falta à percepção visual do artista. Os destroços da casa velha, o indício dos currais, os restos das senzalas, as paredes esburacadas, os fornos de barro, a olaria, o carretão carunchoso, enfim todos os acessórios comuns ao trabalho agrícola jazem ermos e silentes, de modo que “ouvira-se o rumor escachoante do rio que rolava perto, saltando as pedras”. Passa em seguida a descrever como o mato, progressivamente engrandecido, avassalou tudo: “nos sulcos do arado antigo ressurgiam troncos de aroeira abatidas outrora; nas ruínas nascia com exuberância a parietária”. Finalmente, num *crescendo* correlativo, o artista vai-se entusiasmando pela vitória da floresta até reconhecer-lhe o triunfo total: “o farfalho das árvores era sonoro e grandioso como um hino de triunfo; sentia-se o orgulho, a alegria da flora altiva e pujante que vinha tomando o sítio, palmo a palmo, coberta de flores e de ninhos, num delírio festival, como um povo que reconquista a pátria e entra por ela, em júbilo, agitando palmas, ao som dos velhos hinos épicos da sua gloriosa raça”.

*Cega*, esta inesquecível obra prima tão vibrante de dor, abre com uma paisagem que obedece aos mesmos ditames estéticos; *Os Velhos*, *Praga*, *O Enterro* e *Firmo*, o *Vaqueiro*, apresentam paisagens que são verdadeiros quadros de emérito artista realista, tão minucioso no contorno quão exuberante no colorido.

Veremos no próximo artigo como os retratos obedecem a um diverso critério de feitura. No recorte dos personagens, Coelho Netto, ao contrário da sua maneira paisagista, adotou uma arte fragmentária, fazendo dos gestos, das palavras e dos atos o elemento constitutivo de suas figuras principais. Há, pois, duplicidade na arte de Coelho Netto: uma técnica revela a natureza; outra, o tipo dos indivíduos.

## Sertão

(*Continuação*)

O processo de Coelho Netto para o delineamento de suas criaturas acusa uma maneira que à primeira vista parece trivialíssima, porém que, entretanto, após um atencioso exame, difere essencialmente dos nossos mais renomeados prosadores. De Machado de Assis, não guarda aquela velada indecisão, que o leitor só vem a compreender, corporificando a individualidade ideada pelo mestre, depois que encadeou todos os pensamentos do personagem e adaptou-os aos atos e ações do mesmo. De José de Alencar, também não revela procedência direta, nem próxima nem remota, porque as camponesas do imortal cantor do *Guarani* viviam pelo coração exclusivamente, e os seus sertanejos não eram vitimados de doença mental. Menos ainda de Aluizio Azevedo, cujas criações restringem-se à vida urbana, quase fluminense, além de que o romancista maranhense traça um tipo homoganeamente, inteiramente, sem apócopos.

---

<sup>1</sup> *Revista do Brazil*, ano I, nº 8, São Paulo, 28 de fevereiro de 1898

Os personagens do Sertão desfilam numa atitude firme, decisiva e cheia de vida, mas exibem-se nessa visão inequívoca mais por atos e gestos do que por palavras ou pensamentos. Neste particular o autor foi logicamente coerente; os indivíduos que habitam o interior do país. Longe dos centros intelectualizadores, identificando-se profundamente com a simplicidade rústica, quando agem é antes por obediência aos primeiros e mais espontâneos impulsos meramente instintivos do que obedecendo a motivos de ordem intelectual pensante.

Nem a sujeição das ações humanas aos sentimentos é predicado restrito à gente da roça; todo o indivíduo de inferior condição social, e rudimentar cultura instrutiva, membro componente dessa camada subalterna onde não penetra o refinamento da vida de sociedade, isto é, o prazer do luxo, do *sport*, da arte, da sala, a convicção política, a necessidade do dinheiro deslumbrador .... governa-se o menos possível pela inteligência. E, dado o pequeno exercício desta faculdade, seu desenvolvimento retarda-se, jamais podendo distinguir-se por nenhum indício espiritualizante.

Neste ponto o autor apanhou com toda a fidelidade o traço que condensa boa parte da psicologia dos seus sertanejos.

São, pois, tirados do natural e não da postura convencional, criada no gabinete de trabalho.

Nos de sentimentos perversos, como em Raimundo, predominam as impulsões de origem simplesmente sexual e os da mais sórdida cupidez, conduzindo o inflamado personagem desde as mais baixas depravações até as mais sérias e trágicas aberrações. Foi ainda a prática de paixões irreprímíveis, dessas que provêm do egoísmo ou da luxúria, mas que trazem à tona o resíduo impuro das fezes da alma, o que atuou para a urdidura do comovente drama *A Tapera*. Leonor teve a obsessão dos excessos sensuais recalçando suas cândidas qualidades feminis. A mulata Ana Rosa, figura simpática que rocia de suavíssima frescura as páginas da sombria novela *Cega*, é uma gêmea da Parnamerim, a brasileira e baiana colonial imortalizada pela musa erótica de Gregório de Mattos; Ana Rosa e o seu Simão Cabiúna viviam anteriormente à doença que se abateu com todo o peso de irremediável desgraça, - paradisíaca e bucolicamente no mais indefectível e fogueiro culto à deusa em que a mitologia personificou o amor antigo: Vênus. E foi ainda o apetite genésico que deu fim à gentil Felicinha. Na pitoresca e movimentada historieta *Os Velhos*, tio Adão é um perfil correto do feiticeiro sensual e grosseiramente supersticioso. Para com essa galeria de ínfimos seres da sociedade nacional, caipiras em geral, cafuzos, negros e caboclos, Coelho Netto tem uma acentuada simpatia, única talvez entre os nossos melhores escritores nacionais, muito mais humana e apropriada que qualquer outro deles; é o verdadeiro amigo do terceiro estado, e o pintor da democracia rural e o poeta dos simples e deserdados. Não obstante, porém, a dificuldade de se reconstituir uma síntese que caracterize a fisionomia dos camponeses de certa zona do Brasil com os elementos fornecidos pelo autor, ainda assim há muitos tipos que são decisivos, especialmente os de mulher, como Ana Rosa e Romana, legítimas brasileiras do interior do país tropical: nem coquetismo, nem perversidade, nem dissimulação, nem leviandade.

O que talvez pareça desforme pelo exagero, sem, contudo, o ser, é o prisma através do qual Coelho Netto encarou a atividade peculiar aos nossos sertanejos. Não são todos estes dados à pequena lavoura, e deles menos ainda são passivos escravos daqueles agentes mórbidos que produzem tantas cenas terríveis, profundamente emocionantes, que nos provocam essas emoções intensamente dramáticas de horror, de sofrimento horrível, de um desespero aterrador.

Raimundo, Honório Silveira e Sahyra são protagonistas de verdadeiras novelas patológicas. Sofrem de alucinações espantosas, tumultuosas, fantásticas, um misto de fúria e de desequilíbrio mental, gerador de crimes horríveis, de téticos desfechos ou de episódios macabros e fantasmagóricos.

O bando sinistro de corvos esvoaçando agourentos sobre o cadáver do outrora bom e timorato Sahyra; as exalações pútridas emanadas da decomposição cadavérica e o desesperado suplício cerebral que fez enlouquecer a carinhos a Romana, são passagens culminantes raramente atingidas pelos discípulos de Edgar Poe, incluindo mesmo o desventurado boêmio fidalgo que se chamou o grande Villiers de L'Isle Adam. Quantos são os escritores contemporâneos vivos que revelam essa estranha capacidade criadora de emoções violentas e apavoradoras? E se ainda existem, quantos conciliam esses dois sentimentos como Coelho Netto – o da natureza e o do trágico?

Dos nacionais só um, e esse mesmo não obstante o seu rico estilo aristocraticamente burilado, cambiante de variegadas cores e recamado de torturas, Virgílio Várzea, unicamente quando esboça uma narrativa inspirada nas velhas lendas do curso ou da pirataria, é que se arrebatava e, no gênero, remontando às alturas de um Cooper ou de um Sue, dá o sangue que jorra nas suas abordagens às páginas das suas novelas, vivificando-as de uma seiva forte que arfa e freme.

Em Coelho Netto evidentemente atuam duas correntes diversas e antagônicas claramente discerníveis. Por herança atávica, é ainda um estrangeiro do norte da Europa; e, por efeito da lei da obnubilação (para completa inteligência deste princípio, ler Araripe Júnior, sobretudo *Gregório de Mattos*) é um brasileiro. Naquela figurinha de aparência débil, sem a menor semelhança típica com o nortista brasileiro, tudo nesta observado externamente, é o que pode haver de menos nacional: olhos pequenos, cabelo alourado e um tanto hirto, larga a frente, nariz afilado, pele alva.

O sentimento colorista não lhe pode proceder senão dessa luxuriante natureza tropical que tão extraordinariamente deveria ter influído no ânimo dos seus remotos ascendentes, apurando o fenômeno da obnubilação, mas aquela tendência imaginativa para o fantástico, o espantoso, a desordem mental, o horrendo, a patologia mental em ação, acusam um atavismo de seus antepassados que seriam... Bretões? Celtas? Caledônios? Não teriam pertencido a essas tribos guerreiras quase misteriosas que, invadindo a península ibérica no princípio da Idade Média, deixaram fundações em Portugal? Normandos? Vândalos? Visigodos? Eis, talvez, o critério mais seguro para o estudo da complexa psicologia do opulento prosador, lírico e bucólico poeta das *Baladilhas*, colorista exímio e atribulado narrador do *Sertão*, fino maneirista do *Álbum de Caliban* e agitado psicólogo do *Rei Fantasma*.



## SIMPLES REFERÊNCIAS JOSÉ VICENTE SOBRINHO

Simbolismo, segundo a competente opinião de Remy de Gourmont (*Revue des Revues*, 1896) quer dizer individualismo em literatura, liberdade da arte, abandono das fórmulas ensinadas, tendência para o que é novo, estranho e esquisito.

De modo que o Sr. José Vicente Sobrinho, com aquele seu estilo ondulante e espumante, correntio e policromático; com aquela maneira aparatosa, mas simultaneamente - velada - de dizer as coisas, esboçá-las e envolvê-las, é um simbolista?

Rigorosamente não o é, e mesmo parece-nos, salvo curta preensão nossa, que não tem intenção de como tal insinuar-se.

Para ser simbolista na verdadeira acepção adotada pelos sequazes de mais renome, falta-lhe alguma partícula dessa maneira vaga, indecisa, misteriosa e também impressionista que se faz projetar na percepção intelectual e representativa de um qualquer canto da natureza viva ou morta.

Porém o Sr. José Vicente passa muito perto da estética dos novos, porque, em todo o caso, escreve conforme pensa, sem se importar senão em diferenciar-se deste ou daquele escritor; porque ama o nuançado das tintas; porque joga e equilibra bem os epítetos escolhidos, os vocábulos sonoros que dão sangue rico e nervos aos seus períodos.

Não é um estilista impecável; e quando intencionalmente acima dissemos que o seu processo verbal semelhante o ondear, o revoltear e o espumar, deixamos subentendido na imagem que há retas e curvas, ziguezagues e espirais na prosa do literato paulistano.

Sim! Prosa de luz e reflexos! E prosa de sombras e turvações!

Em todo o caso se o escritor tem indiscutivelmente um talento iluminante que dá brilho à sua exposição, contudo essa luz não cai diáfana e límpida sobre o fundo de seus quadros.

Sob esse ponto de vista, ela é como que sulfurosa; os aspectos muitas vezes parecem esbatendo-se em fundos sob manhãs brumosas; há uma saturação desigual de névoa contornando e superpondo-se às figuras e aos ambientes.

Não são propriamente meias tintas; são tintas que se empregam para o claro-escuro.

Tal se nos afigura o conto *Palhaços*, talvez o mais vibrante da série; porque os demais exelem antes pela feitura, pela plástica, pelo *savoir-faire*, do que pela observação; mas como não aceitamos dogmaticamente o princípio estético de que a observação pura seja o mais alto critério da arte, lho não censuramos.

E pelo sensível afastamento em que o sr. José Vicente Sobrinho colocou-se, da escola que pretende atingir a verdade por meio da literatura, não procede de modo algum, a menos que se não trate de um deplorável arbitrarismo, o contato que, nos consta, lhe quiseram dar ao grande Maupassant.

José Vicente é um pessimista? Talvez, mas só por *pose*. Nos contos propriamente ditos, o autor finge-se de pessimista, e se nós o não conhecêssemos pessoalmente nem tivéssemos lido as *Cartas à minha irmã*, diríamos: eis um indiferente que passa. Ao contrário, porém, nas *Cartas* o escritor volta-se expansivamente, na posse e gozo de todas as suas forças para a Vida, o prazer, a idealização de volúpias orientais. Adeus, pessimismo!

Quem já leu todo o Maupassant e quem sabe sentir o inefável sabor daquela obra imensa, genial e imorrível, pode capacitar-se de que esse, sim, é realmente um pessimista, não, aliás, como a crítica inglesa, por órgão de um seu representante célebre - Vernon Lee - dizia ultimamente: “Maupassant elimina com perfeito instinto tudo o que não é desprezível e, pelo contrário, agrupa tudo o que é absolutamente ignóbil”.

É uma injustiça irreparável formular semelhante conceito; e dir-se-á que na época atual o pobre grande Guy de Maupassant é uma vítima de falsas interpretações.

Porque ele, o contista e o romancista, por excelência, da clareza, o mestre dos mestres, foi lembrado quando se tratava do sr. Vicente Sobrinho, o estreante que foge da realidade, e parece preferentemente simpatizar com a nuança e o indefinido?...

O distinto prosador paulistano deve lisonjear-se muito mais com este sincero, sensato e justo elogio: escreve conforme pensa e pensa por si, originalmente, o que já é bem sucesso.

Há comparações que se deixam ver cobiçosamente o lado lisonjeiro da admiração, também mostram um reverso amargo: o ridículo...



## A NOSSA PROSA RECENTE (1897-1898)

Como não temos a mínima pretensão de proceder a um retrospecto literário destes últimos doze meses, procuramos afastar qualquer vislumbre de semelhante promessa, porque dado o inevitável fiasco, seria um compromisso vergonhosamente falho.

Mas, embora a escolha do título supra lido deixe antever o nosso limitado propósito, que é o de não passar da prosa última, relegando para outra ocasião um esboço do estado atual da poesia brasileira ainda assim receamos que seja ele bem genérico e muito extensivo, parecendo prometer mais do que intentamos dar. O certo é que outra qualquer epígrafe capaz de corresponder a nossa modesta resolução seria inadequada, porquanto, se é verdade que outro intento não é este senão o de consignar a maneira por que acolhemos algumas obras recém-publicadas, que são dignas de alta estima, como *Tentação*, de Adolpho Caminha, *Um Escândalo*, de Arthur Lobo, *Inverno em Flor*, de Coelho Netto, *Machado de Assis*, de Sílvio Romero e *História do Brasil de Aníbal Mascarenhas*, entretanto, com extraordinário pesar, deixamos fora deste ligeiro retrospecto *Maria Rita*, de Rodolpho Teophilo, *Narrativas*, de Galpi e muitas outras interessantes publicações, que nos não vieram às mãos, nem virão. Porque de dez livros editados de São Paulo para o norte, oito medrosamente receiam o agreste bafejo do inclemente *minuano* que soe soprar rijo através dos pampas do extremo sul do país.

### I

Repetem incessantemente e infundadamente muitos criticistas nativos que não produzimos nada original, anatematizando os autores e insinuando-lhes desdenhosos remoques, porque imitam copiosamente a literatura francesa. Dar-se-á, porém, a anomalia de que muitos desses eminentes homens de letras neguem-se a aceitar as leis da *imitação*, aplicadas ao desenvolvimento das literaturas. Causa não menos séria, e que é uma consequência do que dissemos, é a questão de saber se existe uma literatura nacional entre nós, proposição sutil e complexa que forma ao lado desta outra e da qual depende: temos uma nação brasileira definitivamente constituída? No país inteiro fala-se a mesma língua, a forma de governo é uma, ligando os indivíduos na mesma comunhão política; mas o sentimento comum de todos os homens que povoam esses territórios juntos, é capaz, em razão dessa semelhança, de agir de mútuo acordo, sob o ponto de vistas das crenças individuais de seus habitantes, sejam elas religiosas, políticas, artísticas e profissionais; e, ainda em virtude dessa mesma semelhança, de obedecer a regras também comuns, se tiver de agir sob uma simples unidade de vistas? Não discutamos agora esse melindroso problema, que demandaria largo espaço.

Cada qual medite sobre as circunstâncias da vida nos diversos estados da União, e tire as conclusões a que chegar. Nossa literatura, talvez, tenha que deixar de lado qualquer questão dessa ordem; porque, como a de todos os países cujo caráter individual do habitante ainda está dependente das várias obliterações devidas a superposição e amálgama de raças diariamente admitidas para povoamento do solo requer extrema cautela no exame das respectivas questões conexas; e no domínio de ideias cosmopolitas difundidas pelo comércio, pelos livros estrangeiros, pelas revistas, pelas modas e pelos usos de outras terras, não conseguindo de pronto fixar sua vida regular, própria e distinta, terá de ir refletindo toda a transição que ora atravessamos; o contrário disso é um absurdo; a literatura não pode preexistir à conquista que o homem brasileiro ainda não conseguiu. E se remontarmos à tradição dos velhos países de além-oceano,

encontraremos dois ou três como os únicos onde se define o caráter nacionalístico da literatura, o que parece significar que muitas vezes um país nem por ser antigo já tenha adquirido a completa nacionalização de seus institutos.

Posnett, que é autoridade inatacável, enuncia o pensamento nestas linhas: “Natural literatures then, require a vigorous and continuous national life; and if we seek for perfect types of national literature, we shall find them only under such conditions” (*Comparative Literature*, p. 342). Em seguida, mostrando ele como nem a Itália, nem a Alemanha, nem a Rússia conseguiram adiantar-se nas manifestações da vida nacional, conclui que a Inglaterra e a França hoje são os únicos tipos perfeitos do nacionalismo literário. À vista desse decisivo juízo, o que dizer dessa utopia, que outra coisa não é, - o querer já e já uma literatura nacional brasileira? E não podemos mesmo acrescentar que, enquanto o centro produtor por excelência localizar-se quase que exclusivamente no Rio de Janeiro, centro fatalmente cosmopolita, as ideias primordiais da literatura do país hão de acusar constante cosmopolitismo? E menos há de colimar-se o caráter nacionalístico quando os centros de produção irradiarem simultaneamente (se tal suceder algum dia) de Belém, de Fortaleza, de Recife, de S. Paulo, de Porto Alegre... Enfraquecido o espírito centralizante há de refletir as ações e os pensamentos da gente dessas longínquas e, entre si, desconhecidas terras.

Consequentemente, não é menos intolerado, nem menos injustificável, o retardamento da emancipação do romance brasileiro das fórmulas afrancesadas; entretanto, ainda em virtude da imitação, que outra coisa não é senão uma renovação constante, a almejada ruptura não se dará. Da ação uniforme e irrefragável desse princípio no âmbito literário, dá eloquente lição nos trechos logo abaixo transcritos um pensador emérito, Bagehot, em livro de mestre e que é também uma Bíblia de ciência social:

“Qualquer escritor poderoso, ou um grupo de escritores, assim se apodera do espírito público, e uma curiosa transformação no sentido de se os estudar, bem cedo assimila-lhe outros escritores. Indubitavelmente, até certo grau essa assimilação é produzida por uma causa fácil de compreender e que não tem curiosidade alguma; é o resultado de uma imitação voluntária. A. percebe que o estilo de B. teve bom êxito e imita-o” (*Lois scientifiques du développement des nations*, pag. 35 e 36). Mais adiante o profundo mestre explica como é que o escritor vê-se obrigado a escolher, sem pensar, o gênero de ideias e de estilo mais em voga, sujeitando o tom de sua obra ao tom adotado por uma época cujo *mot d'ordre* na matéria artística, já se vê, foi dado pelo homem de gênio, como Steele ou Adison, no tempo de Anna e Wordsworth em tempos mais próximos.

Há outras causas mais ou menos notáveis e que têm imediata relação com a matéria em que entramos. Pouco, porém, é o desejo de desenvolvermos o assunto que já anda muito fora do nosso alvo: o que é bastante, supomos nós, para atenuar a má vontade dos que bradam contra a *indigente e escassa originalidade* dos nossos prosadores.

## A NOSSA PROSA RECENTE

(*Continuação*)

À pág. 235 dos *English Humourists*, diz Thackeray: “I have no doubt that the above picture is a faithful a one as any from the pencil of his kindred humourist, Hogarth”.

---

<sup>1</sup> *Revista do Brazil*, ano II, n° 4, São Paulo, 30 de março de 1899

Pois bem, Tobias Smollett, esse fino espírito que foi historiador, romancista, crítico, médico, poeta e panfletista, cujo temperamento artístico compararam ao do grande pintor satírico Hogarth, provinha de meridionais; ele mesmo depois de fazer apologia do gênero criado por Cervantes, escreve: “The same method has been practiced by other Spanish and French authors, and by monsieur Le Sage, who, in his *Adventures Gil Blas*, has described the knavery and foibles of life, with infinite humour and sagacity” – Roderick Random: THE AUTHORS PREFACE. (1)

Quanto a Henry Fielding, outro mestre do humorismo, e a quem Walter Scott apelidara como sendo “o pai do romance inglês”, um outro crítico ilustre, também britânico, F. Harrison, diz: “Fielding learnt much from *Gil Blas*, which preceded *Tom Jones* by fourteen years; but he is no more copyist of French romance than was Le Sage of Spanish” (*The new Calendar of great men*, pag. 461).

Que Fielding era discípulo de Le Sage diz ainda a mesma obra, à pag. 457: “*Gil Blas* has indeed little of the dramatic skill with which Fielding, his pupil...”. E Sterne provinha, lierariamente falando, de franceses, isto é, de escritores de raça não saxônia? Di-lo afirmativamente um grave inglês: “As joyons satirist Sterne owed most to Rabelais, Cervantes and Molière” (Op. cit., pag. 458).

Entretanto, ficamos seriamente embatucados quando o abalizado criticista sergipano, *ex-cathedra*, em períodos repassados de pontifical sentenciosismo repete: “... o *humour*, essa particularíssima feição da índole de certos povos. Nossa raça, em geral, é incapaz de o produzir espontaneamente”. Iríamos muito longe, contestando vantajosamente sobre o campo da discussão, essas e outras inanes asserções do sr. Sylvio. Mas contentemo-nos com a simples aplicação de um de seus enunciados ao caso particular de Machado de Assis. Se a teoria do *humor* emitida por Hennequin, e que o enérgico e ilustradíssimo dr. Sylvio resume nesta frase: – o humorismo está num certo exagero da *sensibilidade*, – e, se é digna de fé esta fórmula, então com a verdade estamos nós, porque ainda sustentamos aquilo que pensávamos há seis anos, quando apareceu o Quincas Borba. Efetivamente, exprimimo-nos do seguinte modo:

“Quem tiver certa leitura das obras dos grandes romancistas Flaubert, os Goncourts, Eça de Queiróz, George Eliot, Dostoiewsky, Léon Cladel, Zola, Tourgueneff ou Balzac, e das dos mais modernos: Bourget, Huysmans, Maupassant, Rosny, Ed. Rod e M. Barrès, e empreender a leitura dos últimos romances do sr. Machado de Assis, sentirá dificuldade em definir-se prontamente, diante a sua arte que tanto se dessemelha da daqueles, que se sintetiza no estudo da alma ou na pintura colorida e mais ou menos variada dos lugares e costumes; o romance contemporâneo é ou analítico ou descritivo: ele é, segundo Bourget (*Études et Portraits*, pag. 269), de caracteres ou de costumes.

Os romances de Machado de Assis não são bem uma coisa nem outra, eles são humorísticos, filiados à escola inglesa do século XVIII, representada por Sterne, Fielding, Tobias Smoller, etc.

“Vem a tempo a pergunta: que é o humor? A resposta não é fácil, porque o assunto é de natureza complexa. O humorismo é um dos atributos da emoção, e consiste na faculdade que tem o artista de, daquilo que é deformado, fazer objeto do riso; a dificuldade está, porém, na maneira de explorar o deformado, visto como o exagero pode cair no aposto: em vez de provocar o riso pode despertar a compaixão ou mesmo a cólera (A. Bain, *Les Émotions et La Volonté*). A degradação explica-se, ou pela pretensão a uma dignidade sem valor ou pela fatuidade, ou pela presunção falsa, ou pela hipocrisia,

---

<sup>1</sup> Outros escritores, espanhóis e franceses, praticaram o mesmo método, e por ninguém com melhor felicidade do que Le Sage, que no romance “*Aventuras de Gil Blas*”, descreveu o embuste e as fraquezas da vida com infinito “*humour*” e sagacidade. (Roderick Random: Prefácio do autor). (N.A.)

ou pelo que faz com que a gente se tenha em maior conta do que realmente se vale, ou ainda pelo penoso esforço improficuo para se atingir uma brilhante posição que nunca se atinge, e por outras fraquezas que provocam a jogralidade. Dá-se, porém, que o riso do humorista é sempre fino, brando e demolidor, e nunca amplo, vibrante e largo (A. Bain, op. cit.); donde sucede que, segundo a índole do artista, esse desfilar da pequenez humana, essa exposição de tipos medíocres, exóticos, bufos, com todos os seus defeitos, *gaucheries* ou deficiências, pode deixar no espírito do leitor uma impressão azeda, acre, ou uma alegria marga, resultante da deformidade alheia” (*A Federação*, de 12 e 14 de Maio de 1892).

... No próprio Sr. Machado de Assis é encontrado mais de um exemplo em que o ridículo é aplicado contra episódios que irritam: No *Braz Cubas* um preto que vergasta um seu escravo, e no *Quincas Borba* uma assuada que sofre Rubião, as apreensões que assaltam o espírito da mãe de um mafarico que tomou parte na vaia, o qual sendo ainda muito pequeno, anos atrás, havia sido salvo de inevitável morte pelo mesmo Rubião; o receio que agora tinha a mulher que o menino viesse algum dia a enlouquecer, são episódios em que o escárnio, o ódio e a compaixão têm um lugar comum entre si. Como o humor dimana da emoção, e sendo esta a força predominante na atividade intelectual do romancista, sucede que, sendo ela muito intensa, como que sacrificou a minúcia da observação, faculdade exclusivamente dependente dos sentidos. Satírico ou comovente, a narrativa ou o comentário, ausente a detalhada enumeração das coisas, subordina-se à concepção geral que sobraça fatos, caracteres e lugares; o seguinte episódio confirma esse juízo: caiu uma das luvas de Sofia; Rubião inclinou-se.

“É possível que a pouca energia dos sentidos (a psicologia associacionista explica como o grau de sentimentos depende das diversas sensações, e como por esse motivo a percepção e a emoção tornam-se inseparáveis), determine a falta de sensibilidade no romancista; mesmo quando ergue as saias das suas heroínas, fato que, por uma natural sequência do humorismo, degenera a cena numa escandalosa charge caricatural, muito longe de abrir uma página de volúpia; a nudez, a brancura e a plástica feminina que tão torturadas e sugestivas páginas proporcionam à pena dos naturalistas, encontram absoluto desprezo da parte do sr. Machado de Assis” (*A Federação*, 1892, números citados).

O *humor* pode revestir-se das mais variadas tonalidades, e mesmo por ser manifestação psicológica é que se gradua de escritor a escritor, correspondentemente à índole deste. Se o *humor* de Sterne é saturado de um pessimismo tão carregado, já o de Dickens é mais brando; do mesmo modo que entre Charles Lamb e Fielding as tendências extremam-se.

Enfim, como esta não é ocasião oportuna para estudarmos o caso psicológico do Sr. Machado de Assis, resta-nos concluir o que vamos relatando sobre a desenvolvida obra do dr. Sylvio Romero, que, valha a verdade, deixa de ser um estudo lógico, imparcial e bem argumentado, da alta personalidade literária daquele cidadão ilustre. É, porém, um substancioso ensaio comparativo entre o grande romancista e o insigne catedrático da Academia de Direito do Recife, o que, aliás, parece-nos fazer deslocar a questão do terreno onde deveria ficar; porquanto se um era antes de tudo emérito ensaísta e jurisconsulto, o outro é um mero romancista.

Como, porém crítica, a distância é muito curta, passemos à *História do Brasil* de Aníbal Mascarenhas, o primoroso estilista e panfletário destemido, que em boa hora deixou a propaganda de jingoísmo à *outrance*, de que foi agitador notável, para estudar a história pátria.

Imparcial, calmo e desapaixonado, nada traindo que revele o exaltamento de outrora, Aníbal Mascarenhas, ainda assim, deixa transparecer dois indícios da sua não de todo extinta animadversão contra os portugueses. Num desses dois pontos estamos de acordo, que é quando o ilustre autor lamenta que a consagração oficial da descoberta do

Brasil confira a prioridade a Pedro Álvares Cabral, quando é certo que os espanhóis, Vicente Pinzón e outros, meses anteriormente ao almirante português, haviam avistado o litoral brasileiro.

É, porém, menos feliz o talentoso historiador, quando a propósito da guerra holandesa, muito sutil e discretamente, aliás, todavia, demonstra algum pesar pelo fracasso da ousada expedição neerlandesa. Nós não; até mesmo muito felizes nos julgamos pela permanência lusitana na época colonial; porque cremos que um Brasil batavo, protestante e militarizado, como queriam os dominadores de 640, seria hoje uma mera feitoria colonial, tal qual a Guiana Holandesa ou o Arquipélago Moluco.

A Holanda nem sequer pensou em colonizar a opulenta colônia: o Brasil era-lhe apenas um vasto quartel, bastante amplo para acomodar os seus seis mil soldados capazes de garantir as audácias da arrojada pirataria do Mar do Norte.

Diz sabiamente Oliveira Martins:

“Os mercadores não ambicionavam glórias nem façanhas; queriam caixas.”  
“Calabar morrera. Nassau partira; ficavam apenas os guarda-livros em Pernambuco.”

Felizmente o cadinho dessas depurações heterogêneas - indiferentes mercadores gananciosos de Flessinga e Amsterdam, judeus da Haia, piratas da Rochella, corsários de Dieppe e hereges de Inglaterra, superou e venceu este atual Brasil latino e católico, bem aparelhado para as mais opulentas conquistas morais. Isto mesmo já dissemos outro dia pela *Gazeta da Tarde*, de Porto Alegre.

Mas esse grosso volume de 600 páginas copiosamente preenchidas com uma vasta documentação imparcial, irrefutável e bem cuidado estilo, constitui um sólido estudo até certa época (por enquanto só apareceu o 1º volume), impressionando muito favoravelmente o leitor e fornecendo-lhe leitura atraente, ilustrante e altamente cívica.



## MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA

### I

O inteligente secretário da Intendência desta vila, o Sr. Ernesto Alfredo de Normann tem publicado pelas colunas editoriais desta folha interessantes artigos sobre a estatística deste município.

Como tenaz estudante das coisas rio-grandenses e obstinado cultor da História e da Geografia do país, a presente publicação do operoso e distinto funcionário municipal causou-nos a mais viva satisfação; e, pelo apreço que ligamos a trabalhos dessa ordem, pelo compromisso assumido perante outros cultores dessa natureza de estudos e, finalmente, pelo desejo de aprender e provocar qualquer discussão nesse sentido, resolvemos, também, tratar da matéria, contestando ou retificando ou desenvolvendo vários tópicos do proveitoso estudo que os leitores d'*A Razão* têm lido e apreciado.

No nº 22, afirmou o Sr. Normann que os primitivos povoadores do município foram ilhéus açoritas.

Esta proposição não exprime a rigorosa verdade.

Os ilhéus açorianos povoaram o litoral do estado, a saber: S. José do Norte, Rio Grande, estreito, Mostardas, Torres, Conceição do Arroio, Porto Alegre, Triunfo, Rio Pardo, Cachoeira, Taquari e Santo Amaro.

Dáí foi que irradiaram para outros pontos do estado os descendentes deles. Temos, porém, convicção de que os primitivos povoadores desta vila eram paulistas, o que prova os nomes das famílias ainda hoje existentes, tais como Bueno, Azambuja (o tronco desta família há quem diga que é madeirense; mas na Nobiliarquia Paulistana de Pedro Tacques, averigua-se que é de Pindamonhangaba), Bicudo, Prates, Freitas, Pires, Machado, Borba, etc. Os Borges são da Laguna e vieram no princípio deste século; os lagunenses são de origem vicentista, aliás, paulista.

João Pereira Borges, o primeiro que para aqui veio era filho de Mathias Pereira Borges, ambos naturais da freguesia de Sant'Anna, comarca da Laguna. Não sabemos se os Brito e os Peixoto que por aqui existem são oriundos da importante família dos sertanistas que primeiro desbravaram os sertões rio-grandenses de serra abaixo. Se o são, se descendem de Francisco de Brito Peixoto, que foi capitão mor de Laguna, têm o tronco em São Paulo, em família cujas tradições estão hoje em Gavião Peixoto.

Cosme da Silveira, em 1720, estava domiciliado em Viamão; se é fonte da importante família Silveira, ora aqui espalhada em grande número, confirma a nossa presunção de que os antepassados encruzilhadenses não eram açorianos, porque os Silveira de Viamão provieram dos paulistas. A falar documentalmente, Silveira é o nome mais antigo de que falam os papéis do Rio Grande do Sul.

Os Luz é provável que sejam portugueses de origem, porém não açoritas, porque o tipo ilhéu, predominante na região nordeste do estado, é bem conhecido, ruivo e claro, os olhos azuis. Todavia, no quarto distrito deste município, no vale do Camaquã, temos deparado com caracteres açorianos bem definidos. Talvez que no primeiro e no terceiro distrito o sejam os Rosa e os Nascente.

Os Moraes, os Moura e os Noronha são paulistas e lagunenses.

O operoso Sr. Normann deveria, e deve, provar qual o fundamento da sua dogmática asserção, publicando os documentos que possuir a seu alcance.

## II

Tratando-se de uma zona montanhosa, como é a deste município, o Sr. Normann foi deploravelmente deficiente, quando se referiu a esse assunto.

É difícil, difficilimo, descrever-se a Serra do Herval, não só porque, até agora, absolutamente nada há estudado acerca disso; como também porque poucos têm sido os espíritos observadores capazes de prestar qualquer informação.

Não obstante, aqui e ali, temos colhido algumas notas que ora trasladamos com o intuito de provocar correções e reparos, que poderão ser de geral utilidade.

Logo que pela primeira vez penetramos neste município, nasceu-nos a convicção de que há um grande maciço, de aspecto muito confuso separando o vale do Jacuí do de Camaquã e que recebe o nome de Serra do Herval.

Sendo o seu centro o chapadão bordado pela cadeia erriçada de cristas pedregosas, formada por uma enorme sucessão de serros, que tem o nome genérico de *Cordilheira*, contornando-o pelo norte e assinalando uma região seca; contudo as escarpas setentrionais apresentam outras caídas que vão gradualmente se estendendo até as nascentes dos tributários do Jacuí.

Ouvimos, entretanto, que a chamada *Cordilheira* <sup>(1)</sup> é uma cadeia baixa que corre de noroeste a sueste, cruzando a própria *Serra do Herval* em campos do Sr. João Luiz de Borba <sup>(2)</sup> e que tem origem num ponto assinalado: o *Serro Partido* <sup>(3)</sup>.

## MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA

### III

A *Serra do Herval* não constituirá um sistema de cadeias, cujo centro está situado neste Município?

Quem nos dirá o contrário?

É sabido que o critério que faz distinguir um sistema de outro é a constituição deles. Em manuscrito que anteriormente mandamos ao Instituto Histórico, dissemos que no Rio Grande do Sul há dois sistemas de montanhosa, e que são separados pelos vales do Jacuí e do Ibicuí, rejeitando em absoluto a opinião dos que entendem que a *Serra do Herval* é uma ramificação da *Serra Geral*. Por isso:

A constituição da *Serra do Herval*, aliás, mais conhecida que a da *Geral*, é totalmente diferente a sua riqueza mineral é, sob todos os pontos de vista, inteiramente superior a esta outra.

O que agora repetimos, e que dizíamos há já três anos (ms. cit.), vem confirmado por um erudito colaborador do *Anuario* deste ano, essa brilhante publicação redigida pelo benemérito dr. Graciano de Azambuja.

Não maçaremos agora a atenção dos que nos honram com a sua leitura; passemos adiante.

A *Serra do Herval* que se distende para nordeste separando os vales do Jacuí e do Camaquã, desde as proximidades de Batovi até as vizinhanças de Pedras Brancas, tem a base granítica e as fraldas compõem-se de formações sedimentárias, reveladas pelos xistos

---

<sup>1</sup> Informação prestada pelo tenente coronel Juvêncio Peixoto da Fontoura. (N. A.)

<sup>2</sup> Idem. (N. A.)

<sup>3</sup> Idem. (N. A.)

<sup>4</sup> *A Razão*, Encruzilhada, 13 de agosto de 1899

metamorfosados. As formações são tão antigas que o *gneiss* e o carvão de pedra abundam consideravelmente.

Em certas zonas as erosões acentuam-se inequivocamente, revelando a sua antiguidade constitutiva. Falam que as rochas basálticas erguem-se em muitos pontos, nós, porém, ainda não as vimos.

Afastamo-nos do nosso objetivo.

A Serra, como dissemos no número anterior, apresenta um grande chapadão seco, delimitado ao sul pela orla de serros mais ou menos abruptos, como o do Virador e o do Conceição, a Terra Cavada e outras eminências que se encadeiam desde a margem direita do Arroio Ladrão (dos Ladrões, os denominam os documentos antigos) até a esquerda do Maria Santa.

A parte setentrional descansa sobre um pequeno planalto, onde assenta a vila, e vai tendo inclinações suaves até as cabeceiras dos arroios Dom Marcos e Tabatingá e margem direita do arroio Passo Fundo, que é galho do Capivari.

Do lado oposto desse planalto, à légua e meia ao sueste da vila, soleva-se o Serro da Vigia, que é uma das mais altas cumeadas da Serra.

O espinhaço da Serra do Herval desprende contrafortes mais ou menos alterosos em direção ao rio Camaquã, cavando em seus desfiladeiros a passagem de muitos tributários daquela caudalosa corrente d'água.

É assim que a margem direita do Maria Santa é acompanhada de um espigão que a princípio tem o nome de Serra dos Nascentes e mais adiante o de Serra do Maria Santa ou dos Prestes.

Entre a margem esquerda do Ladrão (ou Ladrões) e o Subtil, corre um paredão padraço, quase precípito, coberto de vigorosas matas: - é a Serra propriamente dita do Herval, nesse ponto também chamada do Cachoeira, na colônia de São Feliciano destaca um outro pontão que é conhecido pelo nome de Serra dos Rosas.

Do município de São Jerônimo, nenhum dado autêntico possuímos; apenas temos notícia da Serra da Cavadeira e os Serros do Roque.

Cumpre assinalar que entre o Francisquinho e o Capivari corre uma cadeia pouco extensa, de onde, entretanto, destacam-se elevados como o do Tabuleiro e o do Azambuja.

---

O viajante que de Encruzilhada dirigir-se a São José do Patrocínio ou a qualquer outro sítio do Camaquã, a rumo de Encruzilhada, ao cruzar as adjacências do pequeno afluente do Ladrões, o arroio do Fole, surpreende-se com uma das mais belas perspectivas que lhe oferece a natureza rio-grandense.

A paisagem engalana-se dos mais sugestivos aspectos.

À esquerda, os sítios irregularíssimos, segundo o acidentado percurso da serra, tem um tom verde escuro, de floresta compacta, ordinariamente embaciado pelos ligeiros nevoeiros que flutuam aqui e ali, recordando as principais passagens da Serra de Cubatão, na Cadeia Marítima, ao longo do litoral Atlântico.

Em frente, para o Sul, o horizonte é majestoso; as campinas reverdecem na sua pureza esmeraldina, e o Camaquã, lá em baixo, recorta-se na sua gigantesca extensão, abrigado pelo matagal cerrado e uniforme.

---

Os compêndios de geografia, esterilmente plagiados ou copiados uns dos outros, têm a cômoda maneira de ensinar as denominações genéricas de Serra da Encruzilhada e Serra de Caçapava como se essa imperfeitíssima síntese conseguisse aplainar as dificuldades que assoberbam os estudiosos.

Encruzilhada, agosto de 99.



## A ILHA DE SANTA CATARINA POR VIRGÍLIO VÁRZEA

### I

Escrever a história da sua terra natal com o método, o engenho, a proficiência e o amor com que o Sr. Virgílio Várzea escreveu esse tratado completo (a ajuizar pelo primeiro volume ora dado à publicidade), que se poderia chamar *História da civilização de Santa Catarina* – é uma das mais simpáticas empresas por que um filho pode revelar a sua nobreza d'alma.

Das nacionais o autor é quem, até agora, teve a concepção que melhor se aproxima da maneira segundo a qual a história deve ser escrita, se permitem que assim nos expressemos. *Santa Catarina* é obra de um espírito que se revela apto, tanto para descrever minuciosamente os muitos quadros históricos e geográficos de seu país, quanto para abordar especulações de ordem mais elevada e geral, - sintética.

O assunto já de si bem atraente, e, além disso, desenvolvido em fluente e cantante estilo, sobremodo interessa-nos, a nós, rio-grandenses, atenta à tradicional corrente de simpatias que nos prende à estimada região vizinha, bela e ótima circunscrição sul-brasileira, companheira do Rio Grande em quase todas as suas comoções sociais, desde a que Zeballos trouxe, até esta recentíssima, na qual, como ele, foi danificada e ensanguentada pela inclemente depredação, originária da ignominiosa jornada que ficou com o negregado epíteto de invasão *federalista*.

O capítulo I. despreziosamente denomina-se *Notas históricas* título que a modéstia do autor escolheu de preferência a qualquer outro mais empavesado.

Logo nessas primeiras páginas deparam-se dois nomes que, sendo caros a Santa Catarina, não o são menos ao Rio Grande do Sul, tal se acham ligados à exploração e povoamento de nosso solo: Domingos de Brito Peixoto, o sertanista audaz, e José da Silva Paes, o consumado general e estratégico português que pôs aquela remota paragem em estado de se ter constituído, na época, "a chave do Brasil meridional".

Entretanto, nem por mui resumida que é a história bélica de Santa Catarina, deixa de ser digna do esmalte que lhe deu a inconfundível técnica do Sr. Virgílio Várzea, relatando os dois acontecimentos de maior relevância (quase que a estes dois reduz-se ele) – um, a façanha trágica em que os primitivos colonos chefiados por Velho Monteiro (<sup>1</sup>), envolveram-se com o pirata Lewis; o outro, muito mais grave, foi a agressão de Zeballos.

O capítulo seguinte estuda os habitantes da Ilha; e é com carinhoso cuidado que ele reivindica a ascendência açoriana, cuja excelência exalta após sugestiva análise psicológica da gente do arquipélago, onde relembra, evoca e desenha a bravura, a firmeza e a aptidão naval, consideradas como um patrimônio direto que os catarinenses adquiriram desses seus antepassados; e bem como também tivessem herdado a alegria, o sentimentalismo, a simplicidade, a beleza das mulheres, a vivacidade, o falar cantado, a concentração ao trabalho, a hospitalidade e a religiosidade.

---

<sup>1</sup> O autor, quanto ao nome do fundador de Florianópolis está com a opinião do nosso S. Leopoldo (*Resumo histórico da província de Santa Catarina*), mas dele se aparta para, talvez mais bem informado, acreditar na cilada inglória em que o tredo paulista apanhou os flibusteiros. (N. A.)

## II

Atualmente, o escrever a História mui pouco consiste na exposição cronológica de festas militares, esse indigesto amontoado de datas e de atritos entre povos e sem ligeiras consequências para o direito e à civilização, dizem os entendidos. E foram, a Inglaterra de um lado, com Macauley, Spencer e Buckle, e a França de outro, com Augusto Comte e Taine, que verdadeiramente remodelaram o estudo histórico, procurando não só estabelecer as leis naturais que subordinam os fatos, como aplicando eficazmente as generalizações do método indutivo. E que importa mesmo que certas e determinadas leis para uns tenham o valor que outros pensadores desprezam, segundo a doutrina a que se filiam? Acaso aproveitará isso à concepção empírica dos sectários da velha rotina, que teimam em chamar *história geral* a obstinada recapitulação de todas as intrigas camarárias e da biografia de todos os chefes de estado?

Sejam quais forem as doutrinas a que se filie o historiador contemporâneo, ele deverá procurar descrever o passado intelectual, moral e físico, “análise psicológica e visão fisiológica de uma época, de uma raça, de um movimento, de um aspecto do progresso humano (²)”. Ou como pretendia Macaulay: “Relatar tanto a história do povo como do seu governo, descrever o progresso das belas artes, estudar a formação das seitas religiosas e as variações do gosto literário, reproduzir os costumes das gerações sucessivas (³)”. Expostos e analisados estes e outros fatos mais, de modo que, por último, pudessem ser objeto de uma síntese que ao mesmo tempo fosse a chave explicativa da conexão deles, então seria um trabalho cabal, aproveitável e satisfatório; porque “o fim que se tem em vista, diz Spencer (*Educação*, parte I), é poder apanhar facilmente a harmonia que entre eles (os fatos) existe para se aprender a conhecer qual é o fenômeno social que com outro coexiste. O quadro dos séculos sucessivos deve ser disposto de modo que se veja como é que as crenças, as instituições sociais se tem modificado e como a harmonia de um edifício social se fundiu noutra que lhe sucede. A única história que tenha um valor prático que poderia chamar-se *sociologia descritiva*, e o melhor serviço que o historiador podia prestar-nos era relatar a vida das nações de tal modo que nos fornecesse os materiais da *sociologia comparada*, afim de nos permitir determinar em seguida as leis fundamentais que presidem os fenômenos sociais”.

Ora, no estado atual da mentalidade brasileira é raro encontrar um espírito bastante e severamente disciplinado que obedeça a um plano sistemático e que queira partir do particular para o geral, da análise para a síntese. E por isso, é que em matéria de história pátria, ninguém tem querido ir adiante do que foi o sr. Virgílio Várzea. Não é que se não possa ir, e até mesmo pode-se ir muito mais, mas desde que nos cinjamos ao Rio Grande, temos que ceder o passo, que fazer concessões e reconhecer que estudo desse feitio, não temos nenhum. E por quê? Pela dispersão de conhecimentos dos seus historiadores? Pelo retraimento ou transigência dos mais competentes? Ah! É que o assunto aqui se reveste de uma dificuldade quase insuperável, devido ao seu passado certamente mais agitado do que nenhum outro Estado brasileiro. A narração e a crítica das muitas campanhas de que foi teatro como nenhuma outra região pátria jamais o foi, além da precisão, critério e empenho que exigem é que tem absorvido sobremodo a atenção dos nossos especialistas, desviando-os desobrigando-os e esquecendo-os de esboçarem a situação intelectual dos nossos maiores, seus usos trazidos do exterior e os aqui adquiridos, as suas diversões, as suas disposições e relações para com o governo local, o emprego da justiça, o quadro do progresso material ou o desdobramento da atividade comercial, agrícola e industrial, em suma, toda a formação econômica ao lado, paralelamente, da formação moral e intelectual do *continente*.

---

² POMPEIO GENER, *Amigos y maestros*. (N. A.)

³ *Hist. of England*, t. I. (N. A.)

Virgílio Várzea agiu sem dúvida em meio incomparavelmente mais fácil, porque, como se disse, o seu estado natal tem tido sempre uma vida interna ao abrigo das copiosas convulsões políticas que frequentemente agitaram o Rio Grande, suas vistas de historiador encontraram outros aspectos a considerar, outras perspectivas que se antepunham e outros recantos que o interessavam mais. E, ainda assim, o assunto daquele capítulo II, do livro falado, que nos motivou estas ligeiras proposições, foi reduzido às mais discretas proporções, todo ele baseado em raciocínios bem deduzidos, conscienciosamente, e em documentos positivos.

E ele não é desses que facilmente podem levar o espírito, o mais sagaz e orientado, a perder-se em labirínticas especulações?

Ou mesmo quem sabe se este receio é que terá impedido os historiadores rio-grandenses de lá chegarem, onde chegou o Sr. Várzea?

### III

Não escapa à ordem de considerações do autor a ação dos governos locais que mais diretamente contribuíram para o desenvolvimento do pequeno e interessante país. Numerosos são os quadros movimentados, em que a pureza da arte rivaliza com a variedade de cores, tais como esses onde o autor figura todo o poder fanatizante do pomposo cerimonial católico exercendo-se supersticiosamente sobre a multidão devota e simples.

Qual a história do Rio Grande que tem uma página de tamanha piedade como aquela que nos dão o histórico da capela do Menino Deus, do Hospital de Caridade e da procissão dos Passos em Florianópolis?

Todos os usos populares, os prazeres, as preocupações domésticas e, finalmente, a vida rural e a pesca, estes dois principais objetos da atividade catarinense, ocupam propositalmente o conspícuo lugar que convém na obra de quem procura escrever a *história natural e social* do seu povo.

E com que simpatia tem-se aquelas primorosas descrições da festa do Espírito Santo, dos domésticos afazeres, como a caseira indústria das flores de escama, de penas, de pele de ovo, etc., a colheita da mandioca, a rapadura, os beijos, a alegria da lide, o carro de bois, o fandango, a chama-rita, o tear, etc., tudo isso aproximando-nos, ou pela lembrança de passadas viagens, quando, após incômoda travessia, providencialmente chega a hora de avistar-se a verdejante terra, vizinha e amiga, ou pela identificação de costumes, de origens e de ideias!

Desse modo fica-se habilitado a conhecer a forma, não só porque ali se adaptou a primitiva colonização europeia, criando essas raízes profundíssimas que são iguais em todo o resto do Brasil, como revela o quão intenso é o afeto que vincula o homem ao seu meio físico, o qual, apesar das grandes lutas e decepções de outrora, o antigo português, insulano ou não, venceu-o e dominou-o, e com ele identificou-se ao ponto de, por assim dizer, ter fundado esta religião reconfortante, sublime e ativa, fervoroso culto de seus posterios: a do supremo amor pátrio! E como não ser assim, quando “*l’homme est enchainé à la nature par ses besoins et ses passions*” conforme sentenciou De Laprade<sup>(1)</sup>.

O autor escreveu, contou e ensinou as coisas da sua terra com a competência de um verdadeiro historiógrafo e, além disso, com a fina arte do estilo, da qual é senhor de todas as graças. Estilo fremente, pelos nervos e pelo sangue, aquele sangue tão vivo como o que o autor falou uma vez, recordando Brandzen quando, a 20 de fevereiro de 1827,

---

<sup>1</sup> *Le sentiment de la nature.* (N. A.)

também nos campos de Ituzaingó, condecorado pelo fogo brasileiro, com a estranha rosa  
escarlate desabrochada sobre o peito...

Agosto de 1900.

ALCIDES CRUZ



## MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA (1)

### (Esboço Geográfico)

“As pretendidas estradas reais não são senão largas faixas de rocha ou de terra, coleando pelos vales e pelas colinas, cortadas de profundos atoleiros nas regiões úmidas e dividindo-se em trilhos laterais nos lugares escarpados. Nestas estradas empoeiradas, lamacentas ou pedregosas, seis, oito, dez juntas de bois puxam vagarosamente carretas de rodas que chiami”.

Élisée Reclus, *Estados Unidos do Brasil: geografia, etnografia, estatística*, 1900, p. 445.

#### 1º

*Itinerário* - Do passo do Rio Pardo, no rio Jacuí, à venda de Antônio Augusto, ½ légua; da venda à estância da *Boa Vista*, 2 léguas; da *Boa Vista* ao *Pantano Grande*, 1¼ légua; daí à casa do Sr. Feliciano da Rosa, 2 léguas; desta casa à hospedaria de Carlos Torres, 1½ légua; daí à venda de José Manoel, 2 léguas; da venda ao serro do Apertado, 1 légua; do Apertado à vila, 2¼ légua. Total: 12½ léguas.

Durante a estação seca, é caminho preferível, devido à maciez e planura, a estrada denominada do Passo Fundo, que da venda de Carlos Torres segue em direção à vila, cruzando esse passo. A distância é, igualmente, de 5 léguas.

Outro itinerário - Do passo das *Pedemeiras*, no rio Jacuí, à estância do sr. Maneco Silveira, junto ao passo real do *Iruí*, 4 léguas; daí à estância do sr. Juca Teixeira, 3 léguas; daí ao *Passo do Silva*, 3 léguas; do passo à vila, 1 légua. Há atalhos. Total: 11 léguas.

Da vila de Encruzilhada à *Cordilheira*, 2½ léguas; da *Cordilheira* ao passo dos *Foles*, 2 léguas; dos *Foles* à capela de S. José do Patrocínio, 4½ léguas. Total: 9 léguas.

Na estrada do passo da *Guarda*:

Da vila ao passo dos *Foles*, 4½ léguas; daí à casa do Sr. Felix Garcia, 1½ légua; daí ao passo da *Guarda*, 1½ légua. Total: 7½ léguas.

Assim, pois, da cidade de Rio Pardo, margem esquerda do Jacuí, a São José do Patrocínio, margem esquerda do Camaquã, vão cêrca de 21 léguas ou quase 140 quilômetros, em conta redonda, desprezando frações.

De Encruzilhada à colônia S. Feliciano, 9 léguas. De Encruzilhada à Cachoeira, 12 léguas. A S. João de Camaquã, 17 léguas.

#### 2º

Separando as cabeceiras dos tributários da margem direita do Jacuí, das dos tributários da margem esquerda do Camaquã, existe um notável terreno alto, grande

---

<sup>1</sup> O autor ficará profundamente penhorado se as pessoas que o honrarem com a leitura do presente trabalho, o não pouparem das emendas a fazer; que sejam inexoráveis, dando-lhe, porém, ciência a fim de que se possam aproveitar as respectivas correções. Bastará dirigirem-se, em Encruzilhada, ao sr. tenente-coronel Avelino Borges e, em Porto Alegre, à direção deste *Anuário* ou ao próprio autor desta relação, 241, rua Coronel Fernando Machado. (N. A.)

relevo, que apresenta muitas diferenças de altitude e obedece mais ou menos a orientação traçada de oeste para leste. Ora borda planaltos, como o que fica entre os arroios Maria Santa e Ladrão, ora forma uma cadeia de serros escarpados compostos de muito granito e massas eruptivas, estrangulando-se aqui para dar passagem a correntes cachoeiras que vão ter ao Camaquã, acolá serpeando-as ou desprendendo compridas lombadas que cavam alguns vales sensíveis por onde rolam os tributários dos citados Camaquã e Jacuí. Todas essas serranias que os geógrafos capitulam como pertencentes ao sistema do Herval são conhecidas por nomes diferentes, conforme certas circunstâncias de lugar: nomes de moradores ou de cursos d'água.

Assim é que temos a serra dos Nascentes, em terras da família Nascentes; a dos Rosas, em terras da família Rosa; a dos Prestes; a dos Ferreiras; a do Pequeri, etc. Todas estas serras revestem-se de belas matas e declinam de elevação nos lugares por onde os afluentes do Camaquã descrevem os seus vales caprichosos.

Da margem esquerda do Maria Santa até à direita do Ladrão (Ladrões é como rezam os documentos antigos), a serra resume-se a um lindo terraço elíptico que se denomina Cordilheira e é tapetado de boas pastagens; tem a altitude de 335 metros sobre o nível do mar, segundo observações realizadas com um aneróide de fábrica alemã e comprado na casa Fehlauer, de Porto Alegre. Na orla setentrional deste planalto a cadeia desenrola-se bizarramente porque, abaixando-se à nascente do arroio das Pedras prossegue já além (e desta eminência, por onde cruza a estrada geral para S. José do Patrocínio, a vista alcança dilatada amplidão), para o oriente, em curiosa sucessão de serros alongados que apresentam uma bem pronunciada regularidade dispositiva, porém mantendo decrescente escala no tocante à altura, os primeiros mui elevados e os derradeiros mui baixos, todos eles formados de matéria eruptiva, alteiam-se no meio de uma planície e são rematados por uma crista granítica que semelha gigantesca muralha feita por mãos ciclópicas. Esta linha de montes vai morrer cerca de três léguas ao nascente da vila de Encruzilhada, ao sopé da Serra do Herval, propriamente dita, que então corre de sudoeste a nordeste.

O planalto de que se falou é delimitado ao sul por uma série de montes que mostram uma forma piramidal e são compostos de massas eruptiva transformada em terra vermelha. Alguns, com caídas abruptas, têm nomes peculiares, como o Virador, por onde desce a estrada que vai ter ao passo da Guarda, a Terra Cavada e o Conceição coleado pela estrada que conduz a S. José. Nestas paragens o viandante surpreende-se com uma das mais solenes, belas e incomparáveis perspectivas que lhe oferece a inigualável natureza rio-grandense. A paisagem engalana-se de aspectos tão sugestivos e tão épicos quão grandiosos. À esquerda, ou à direita, os sítios irregularíssimos, segundo o acidentado percurso do alcantilado terreno, tomam um tom verde carregado de floresta virgem, ordinariamente embaciada pelos leves nevoeiros que flutuam pela manhã, o que faz recordar certos trechos da serra de Cubatão e da Serra do Mar, aliás, avantajada à nossa pela largueza e variedade e calma.

Em frente, para o sul, o horizonte é majestoso. As campinas reverdejam na sua pureza esmeraldina e lá em baixo, distante, o Camaquã copioso, majestoso e retorcido, esconde o seu álveo agitado, naquele opulento matagal, cerrado e sombrio.

3º

Vejamos a face setentrional da Cordilheira.

Descidos uns 30 ou 40 metros do planalto antes referido, começa uma extensa lombada que vem fenecer daí a seis léguas, e separa as águas do Capivari das do arroio Iruí. Neste contraforte, a trezentos metros de altitude <sup>(2)</sup> sobre o nível do mar, demora a

---

<sup>2</sup> Cálculo por nós realizado. (N. A.)

Saudável vila de Encruzilhada, muito apreciada não só pela amenidade do clima como pela ótima qualidade das águas, que dificilmente encontrarão rival em todo o Rio Grande do Sul.

Esta lombada não é única, e o que ela e as outras têm de característico é que rematam com as mais altas cumeadas que o sistema montanhoso soleva em todo o município. Assim, distendido entre o Iruí e o seu volumoso galho – o arroio das Palmas, há o considerável Serro Partido <sup>(3)</sup>, muito comprido e não tendo menos de trezentos e cinquenta metros de altitude. Denominam-no *Partido* em virtude de ser um vasto platô fendido ao centro por um desfiladeiro que, efetivamente, biparte o plano superior do monte em dois planaltos que guardam o mesmo nível. Apresenta massas de granito injetado, conquanto se lhe tenham encontrado ferro e legnito. Mais para leste, nas cabeceiras do Dom Marcos, encontra-se o esquisito serro chamado Lombo de Porco, por cujo cimo passa a estrada geral de Rio Pardo, na extensão de uns cem metros. É uma elevada planura estreita, árida e cascalhosa, tendo as encostas talhadas quase a pique. Logo após, a nordeste, fica o serrinho, que é, antes, um verdadeiro pico, conhecido por Agudo, que de mui longe se o avista como um penacho enfeitando o monte sobre o qual ele repousa, que é o Cabriola.

A outra lombada é, propriamente, uma ramificação da serra geral que atravessa o município; forma-se à légua e meia da vila, lançando-se para nordeste, paralela à do Herval; tem começo em três serros, do qual o mais alto, por cuja fralda meridional corta a estrada real que demanda a Colônia de S. Feliciano, chama-se da Vigia, situado em campos da família Teixeira. Este nome – serro da Vigia – já lhe era dado em 1832 (vide Ayres de Casal, 2<sup>a</sup> ed. p. 106), o que destrói a lenda de que lhe fora dado por ocasião da guerra civil de 1835, em razão das vedetas aí colocadas. Em sua caída de leste, abrupta e elevadíssima, jaz a principal cabeceira do Capivari Grande. Coleando este arroio, pela sua margem direita e seguindo o mesmo rumo dos três serros, a cadeia prossegue singularmente alterosa, cujos pontos culminantes são o Serro do Tabuleiro, em campos de José Maria de Azambuja e, mais ao norte, o Serro Grande, antigo Mateus Simões <sup>(4)</sup>, assim denominado porque está em terras que foram de Mateus Simões Pires. Ergue-se isolado de qualquer outro rival, e numa região de muitas léguas quadradas, mostra a sua configuração trapezoidal, de qualquer lado que se o encare, e rematando em plataforma.

#### 4º

Os moradores da zona distinguem o sistema montanhoso que vimos de descrever do que propriamente chamam Serra do Herval que, segundo as castas geográficas do velho São Leopoldo e dos engenheiros Werneck e Krauss, começa mais para o nascente e segue pronunciada direção nordeste. São tão imperfeitos, tão apoucados, os conhecimentos topográficos dessa região que se torna, mesmo, impossível fixar com rigor os limites topográficos da Serra do Herval. Esta denominação é aplicável a certa cadeia ou encerra uma significação sistemática? Sem um completo levantamento topográfico e o correspondente estudo geológico não deixa de ser temerária qualquer afirmativa.

Do Serro da Vigia para leste, bem como da margem esquerda do arroio Ladrão para além, efetivamente o aspecto é outro. A floresta acentua-se com a sua rica variedade, os cabeços são mais numerosos e os vales mais cavados. Todavia parece-nos que, atendendo ao exíguo conhecimento que temos da constituição das rochas, aliás, quase virgens de investigação, o sistema é um só. Sabe-se que “a grande Serra do Herval, tendo por base o granito, é coberta nas suas fraldas pelas formações sedimentares, desde as

<sup>3</sup> Assinalado pela cartografia alemã. (N. A.)

<sup>4</sup> Do qual fala Ayres de Casal. (N. A.)

mais antigas, como o gneiss e xistos metamorfoseados, até a formação carbonífera e a jurássica, em certas partes ricas de minerais” - (*Anuario do Estado do Rio Grande do Sul*, 1899, dirigido pelo dr. Graciano de Azambuja, p. 252).

O autor desse artigo, que evidentemente é o dr. Dahne, quis referir-se a toda a cadeia, desde Batovi até Mariana Pimentel? Parece que sim. Ora, formações sedimentares encontram-se abundantemente em muitas lombadas e no vale do Pequeri; granito há em toda a parte, o qual, segundo presume o ilustre dr. Orville Derby <sup>(5)</sup> foi injetado nos xistos, calcáreos, etc.; formações carboníferas e depósitos calcáreos também os há pelo município descrito, de modo que a constituição *geológica* é idêntica em todo o sistema <sup>(6)</sup>.

##### 5º

As águas que irrigam o florescente município de Encruzilhada pertencem à bacia oriental, que se escoia no Atlântico pela barra do Rio Grande. Entretanto, estudo profundo e exato nesse sentido ainda está por aparecer. E quem viajar através dessa feracíssima, formosa e risonha zona situada entre os dois grandes cursos fluviais, os rios Jacuí e Camaquã, há de capacitar-se e entristecer do quanto é desprezado o estudo de nossa geografia que, sem embargo de um montão de detestáveis compêndios escolares, só produziu até agora um bom livro - o *Rio Grande do Sul* pelo erudito dr. Alfredo Varella. Carta geográfica, também, não temos nenhuma capaz, excetuado as da região colonial. E já agora também se diga que é de lamentar sinceramente que o ilustrado pessoal técnico que construiu a grande via férrea que margina o Jacuí durante mais de 180 quilômetros, não tivesse procedido ao levantamento de uma planta desse belo rio. Mas tirando do labutar profissional obrigativo, a nossa engenharia oficial, aliás, sempre competente, com raras exceções detesta o diletantismo científico, pelo que não é de estranhar o não encontrar nada a tal respeito. Não eram precisas monografias especiais, porém bastavam memórias esparsas pelas páginas de revistas ou outras publicações congêneres; um zero é o que existe acerca da geologia ou botânica ou geografia da dilatada extensão percorrida pela velha estrada de ferro do norte.

Com simpático interesse, há tempos, interrogava o sábio professor dr. Derby: “Que tem feito que corresponda a isto (geologia brasileira) a seção de minas estabelecida na Escola Politécnica e as cadeiras de história natural mantidas por muitos anos em diversos estabelecimentos de instrução superior?” (*Rev. Bras.* tomo II, p. 140).

De todas as cartas nacionais, a que representa o Jacuí mais ou menos com exatidão (da Cachoeira para baixo) é a do Visconde de S. Leopoldo. As outras são deficientes e errôneas. Examinadas duas ou mais, claramente se deduz que uma foi copiada da outra, e com erros.

O Jacuí, abaixo de Cachoeira, quebra de rumo e, até readquiri-lo novamente, descreve algumas voltas bem pronunciadas. Quem o subir, logo acima de Rio Pardo, descobre facilmente que se vira para o Sul, e, nessa direção, navegam-se, no máximo, dez quilômetros. Entretanto, pelas cartas de Werneck & Krauss, Camargo, Niemeyer e coronel Jacques, a aplicar-se as respectivas escalas com que foram construídas, aquele desvio abrange um comprimento de quase trinta quilômetros! A última nem mesmo menciona o Tabatingá, além de erro mais grave que por enquanto calamos e calaremos até a publicação da planta cujo levantamento está sendo procedido por determinação do

---

<sup>5</sup> Carta particular de maio de 1900. (N. A.)

<sup>6</sup> Em sua recente viagem ao Estado, contou-nos o senador Ramiro Barcellos, acompanhado do mineralogista Van de Capelle, que só na zona do Pequeri observou terrenos que compreendem as cinco idades, isto é, desde as formações laurenciana, câmbrica e a silúrica até a diluvial, ou sejam da primordial até a quaternária. (N. A.)

patriótico Governo do Estado. Quiçá, porém, seja a planta do coronel Jacques a única exata no ponto onde queremos chegar?<sup>7</sup> (7)

Assim, pois, no meio de tanta confusão e incoerência, não temos a mínima pretensão de presumirmo-nos portador de qualquer retificação ou correção. Nós é que queremos merecer a honra de que outros, mais competentes, corrijam-nos.

## 6º

O Pequeri tem as suas cabeceiras nunca menos distantes da vila de Encruzilhada, seis léguas, ao poente.

É difícil precisar, com pleno conhecimento, a sua nascente, devido ao grande número de pequenos tributários que o formam, conquanto derivem todos eles da fralda norte da serra que separa as vertentes do Jacuí das do Camaquã, e que foi objeto das referências feitas nos §§ 2º e 3º. Como todos os rios do Estado, corre tortuosamente por entre ribanceiras umbrosas. Seu curso é de sueste para nordeste e deságua na margem direita do Jacuí, quatro léguas ao ocidente de Rio Pardo, depois de ter incorporado, pela margem direita, o copioso Iruí, já quase ao despejar-se no Jacuí.

Parece que primitivamente deram ao Pequeri, pelo menos a uma das suas mais fortes vertentes, o nome de arroio Bicca, por dimanarem muitas delas em campos da antiga sesmaria da família Bicca; a vertente acima citada sai de perto da *tapera do Bicca*.

Descida a serra do Pequeri, antes de se lhe alcançar, à margem direita, há uma grande várzea onde recentemente foram descobertas minas de cobre.

O Iruí tem as suas cabeceiras na própria vila de Encruzilhada, de onde corre, e são: a fonte do Pedroso; o arroio Lava-pés e o arroio da Rondinha. As outras vertentes que o formam, são: o arroio do Silva; o Aarão; o Chanã e o Lajeado; engrossado por estes e outros tributários, segue o seu curso em direção de Sul a Noroeste, quando, a sete léguas da vila, recebe pela margem esquerda, pouco antes do passo geral, por onde cruza a estrada da Cachoeira, o arroio das Palmas, que tem origem na parte ocidental do Serro Partido, e corre a rumo S.N., recolhendo pela esquerda uma vertente que sai da lombada da serra que corre entre o Pequeri e o Iruí, e a qual chamam coxilha ou serra do Pequeri; ao juntar-se com o Iruí, o arroio das Palmas traz a direção O.E.

O Dom Marcos nasce de diversas vertentes que saem de várias canhadas ao ocidente do serro Lombo de Porco, cujo lugar é conhecido pela geral denominação O Apertado. Segue meandroso, mas guardando quase rumo certo (S.N.), num desfiladeiro risonho e assaz pitoresco, até perto do passo da Soledade, cinco léguas ao N. O. da vila de Encruzilhada, por onde cruza uma estrada geral. A ribanceira esquerda do Dom Marcos, desde as nascentes até aquele passo, bem como a margem direita do Iruí, são profusamente povoadas e a miúdo deixam entrever um sem número de ranchos cercados de esmeraldinos laranjais, no meio de abundantes plantações de milho, arroz e trigo. Daí para além, a sua corrente serena, estreita e sombreada, vai cortando magníficos campos próprios para criação, até desaguar no Jacuí, por uma boca pequena, pouco mais de uma légua e meia, abaixo do passo do Pederneiras<sup>8</sup>.

O Tabatingai forma-se de dois galhos que, flanqueando uma coxilha chata, juntam-se ao sopé da parte alta por onde ela cai, perfilando uma face íngreme volvida para o norte; aí os dois confluente resolvem-se num só arroio que é o dito Tabatingai, vagaroso e estreito a deslizar-se entre beiradas mui matagosas, que se avistam desde as longínquas coxilhas da Boa Vista e que sombreiam, como uma infinda faixa glauca, tintando lindos varzedos onde pascem milhares de cabeças de gado.

<sup>7</sup> É uma dúvida acerca do Iruí e do Pequeri. (N. A.)

<sup>8</sup> Há belos margais nas cabeceiras do Dom Marcos. (N. A.)

O Tabatingai não rega o município de Encruzilhada, suas cabeceiras devem ficar a cinco léguas da vila e à meia légua da linha divisória do município. Este arroio, bem como o Iruí e o Dom Marcos, não é navegável, senão por canoas.

O Capivari é um rio que se origina de dois galhos principais, denominados Capivari Grande e Capivari Mirim; o Grande desce, como vimos, da fralda oriental do serro da Vigia, légua e meia ao nascente da vila de Encruzilhada. O Capivari Mirim sai da vertente oes-noroeste da Serra do Herval e, a princípio, indo a rumo S. N. muda pouca coisa para oeste e deságua à margem direita do Capivari Grande, mais de seis léguas ao nordeste da vila e abaixo do serro Mateus Simões, hoje Serro Grande.

Reunidos esses dois Capivaris, prosseguem incorporados num só rio em direção S. N. que é o Capivari, propriamente chamado. Volumoso, porém calmo, este rio, que o tratam de adaptar à navegação até as abundantes caieiras, que ficam a seis léguas da sua barra, desemboca à margem direita do Jacuí, três léguas abaixo do Rio Pardo.

Recolhe, pela margem esquerda, o Passo Fundo, pequeno arroio que separa o município de Encruzilhada do de Rio Pardo. Durante a estação hibernal torna-se mui espriado e cheio.

7º

*“As terras adjacentes (ao rio Camaquã) são campinas aprazíveis e férteis em trigo”.*

Ayres de Casal, *Corografia Brasílica*, p. 111, vol. I.

O caudaloso rio Camaquã nasce de diversas vertentes, uma das quais sai da Coxilha do Acampamento e parece ser o Camaquã propriamente dito; outra é formada pelo Camaquã do Macedo que também se origina na Coxilha do Acampamento e, correndo de S. O. para N. E., deságua pela margem direita do Camaquã, a quatro léguas das suas cabeceiras, acima referidas; a terceira é o Camaquã Chico, que brota do sítio onde começa a Coxilha de Santo Antônio; recolhe pela esquerda o Camaquazinho, o Cardoso e o arroio da Mantiqueira, pela direita o Colorado, o do Tigre e o das Palmas ao qual se junta, pela esquerda, o arroio das Traíras; vai desaguar no Camaquã, uma légua abaixo do Camaquã das Lavras. A quarta é o Camaquã do Jacques, que também se forma na Coxilha do Acampamento e, correndo na direção S. N., deságua na margem direita do Camaquã, meia légua ao oriente do Camaquã do Macedo. Finalmente, a última é o Camaquã das Lavras, por seu turno, formado de várias outras vertentes; corre a rumo S. N. e deságua no rio Camaquã, margem direita, a três léguas abaixo do Camaquã do Jacques e defronte do banhado do Seival, que se comunica com este rio.

O rio Camaquã, mui rápido e cachoeiroso, corre em direção quase seguida à da cordilheira que lhe fica ao setentrião, da qual já falamos, e deságua na costa ocidental da Lagoa dos Patos entre o baixio do Quilombo e o de D. Maria, opulento pelo tributo de seus muitos afluentes que pela maior parte são fortes e se despenham por entre penedias. Segundo a abalizada opinião do dr. Alfredo Varela, o curso do Camaquã é de 50 léguas. Em sua embocadura, diz esse geógrafo, forma “um grande delta e escoas as águas por três barras”.

No município de Encruzilhada são estes os seus afluentes, todos da margem esquerda:

O Vargas, arroio que delimita o município de Caçapava nasce no serro Maria Pinto e recolhe, pela margem esquerda, o arroio dos Nobres.

O arroio das Pedras ou dos Pedrosos, este e o da Caneleira <sup>(9)</sup> formam o rincão dos Machados, fechado ao sul pelo rio Camaquã.

O da Cria <sup>(10)</sup>, arroio que sai do Capão do Pinheiro e recebe pela esquerda o arroio Moinho do Simão.

O do Serro da Árvore, que nasce junto ao serro deste nome; o Abranjo e o Miséria.

O Maria Santa que dimana de diversas vertentes, sendo as mais assinaladas a que sai da vila de Encruzilhada e a que se origina na estrada geral de Caçapava, no lugar denominado Olhos d'Água. Este arroio, fragoso e encorpado, desliza-se por entre penedias elevadas. Deriva o seu nome de D. Maria Santa de Jesus, cujo pai, Antônio Machado Bittencourt da Silveira, foi um dos ricos sesmeiros do município.

O segundo arroio com a denominação de Pedras sai da Cordilheira, 2½ léguas ao sul da vila, e recolhe pela esquerda o arroio dos Foles, que não é galho do Camaquã, como erradamente pensam os cartógrafos. O arroio das Pedras, depois de desembaraçado dos alcantis por entre os quais descreve um sem número de meandros, irriga os melhores campos de Encruzilhada, onde o gado engorda admiravelmente.

O Ladrão (ou dos Ladrões), que tem suas cabeceiras quase a três léguas ao oriente da vila, na própria Serra do Herval, recebe um braço, pela margem direita, que se origina das caídas meridionais dos serros da Vigia; tem outros tributários de mínima importância. O Ladrão é forte, profundo e volumoso. Seu afluente mui cachoeiroso, o Carahá (pronuncia-se o *h* aspirado) tem grande parte do percurso no meio de serras, e uma delas, que se desdobra a contar da margem esquerda do Ladrão, é abrupta, longa e cheia de matas; esta serra que é verdadeiro contraforte sul da Serra do Herval, aí denominada da Cachoeira ou do Ladrão, pelo lado sul parece quase inacessível. O Ladrão faz barra no Camaquã, junto a São José do Patrocínio.

O Carahá, que deságua na margem esquerda do Ladrão, cerca de 2½ léguas aquém de sua foz, recolhe, também pela esquerda, o Perdizes.

O Subtil, outro considerável tributário importante do Camaquã, também é formado por diversas vertentes que se escoam através das profundas quebradas da Serra do Herval; depois, avigorado pelos seus afluentes da margem direita, Divisa ou Caneleira e Xavier, faz barra 2½ léguas abaixo de São José do Patrocínio.

## 8º

A vila de Encruzilhada, cabeça de comarca e sede do município do mesmo nome, foi fundada no final do século XVIII, talvez durante o seu último trintênio, porque já em 1781 havia a igreja, cujo orago é dedicado a Santa Bárbara.

Os primitivos habitantes procederam das ilhas dos Açores, da então vila da Laguna, de São Paulo e de Rio Pardo, conforme verificamos, manuseando e folheando documentos antigos, tais como livros de assentamentos paroquiais, inventários e autos de questões remotas. Grande, também, foi o contingente indígena, representado por uma leva de índios moradores em Missões, que para aí foram remetidos em princípio deste século; supomos que em seguida à campanha de 1816.

Primitiva povoação de Santa Bárbara de Encruzilhada no século passado, em fins desse - 1799 - foi elevada à freguesia e em 1849 à vila. A atual igreja, que é nova e foi construída ao lado da antiga, é espaçosa, bem trabalhada e ocupa o local mais elevado da vila; tão

---

<sup>9</sup> Forma, poucos quilômetros abaixo de suas cabeceiras, uma cascata que não terá menos de 50 metros de altura. (N. A.)

<sup>10</sup> Tem o passo real a quatro léguas longe da vila. É arroio mui fundo e correntoso. Tem, também, o passo Novo e o da Raiz, ambos próximos da sua barra. (N. A.)

alto é ele, que desde Rio Pardo, mesmo da própria cidade, avistam-se, branqueando num canto do horizonte, sobre verdejante eminência, a igreja e a vila de Encruzilhada.

Esta localidade tem quatro ruas paralelas, das quais, apenas duas são edificadas seguidamente; dez transversais, quatro das quais são totalmente edificadas, três praças e cento e sessenta e dois prédios. O comércio, animado e florescente, conta dezesseis estabelecimentos, três alfaiatarias, duas sapatarias, duas marcenarias, uma padaria, um bom hotel, um bilhar, duas barbearias e açougues. As ruas, agora bem tratadas, tem o leite regularmente macadamizado.

Pela amenidade do clima, que excepcionalmente no verão deste ano contou dias de 35° centígrados, à sombra, (7 e 8 de fevereiro), de ordinário, no rigor estival, não excede de 28°, e isso mesmo em poucos dias do começo de fevereiro. Em janeiro, a média é de 20° (à sombra); em fevereiro 25°; em março 20°. Em abril começa a baixar e a variar extraordinariamente. De maio em diante, até setembro, o frio é intenso, chegando a nevar amiudadas vezes.

São José do Patrocínio, decadente povoado, se bem que centro de um distrito onde a criação de gado vacum é a mais rica de todo o município. Tem uma pequena capela, já arruinada.

São Feliciano é uma colônia estacionária, cujo progresso não se acentua. Não obstante povoada por polacos, nacionalidade cuja aptidão agrícola fica bem longe da italiana ou da alemã, ainda assim, esta colônia cuja sede está colocada num rebaixo da Serra do Herval, a 175 m <sup>(1)</sup> sobre o nível do mar, é que abastece de cereais a vila.

---

A nossa simpatia pelo município de Encruzilhada não pode ser posta em dúvida, porque transparece inequivocamente sempre que se oferece ensejo de a exprimirmos. Por isso mesmo, todo o nosso empenho é que ele prospere com a maior segurança, entretanto, afigura-se em o nosso espírito, pobre de otimismo, a terrível apreensão de que um grande mal, se não for prevenido a tempo, virá ser causa de amargas decepções para a geração futura.

Queremos falar do erro cometido sucessivamente por duas gerações, a passada e a atual - a da impiedosa destruição das belas florestas que engrinaldam o aprazível território encruzilhadense.

Cumpramos preparar previamente o espírito do povo por meio de uma propaganda tenaz e ao alcance de todos, mantida pela imprensa, pelo professorado público, pelo sacerdócio, pelas intendências e por todos quantos conheçam os benefícios a auferir da prática da silvicultura. Feita ele, e compreendida a verdade que encerra, os proprietários territoriais e os próprios donos das matas serão os primeiros a zelar pela sorte desse precioso patrimônio prodigalizado pela natureza, mas cujo desbarato está sendo causa de profundos dissabores, como o que certas regiões do Estado tiveram, ocasião de provar durante o verão deste ano.

A última mensagem presidencial do ilustre dr. Júlio de Castilhos, quando se abriu a sessão da Assembleia dos Representantes, em 1897, a exposição de motivos da recente lei de terras, bem como os arts. 2º e 3º e parágrafo único, da dita lei estadual de 5 de outubro de 1899, são o testemunho indubitável de que a questão está afeta ao poder público. Compete agora a nós, governados, concorrermos também com o contingente de nossas forças, secundando-o em seus patrióticos esforços.

---

<sup>11</sup> Cálculo do Sr. Júlio Vasques. (N. A.)

Basta para tanto que todo o encruzilhadense tenha sempre presente no espírito a seguinte sentença, de um distinto naturalista alemão (<sup>12</sup>), muito amigo do Rio Grande do Sul: “*Os morros ou as montanhas de forte declive não devem ser privados ou despídos dos seus matos. Tirem-se deles as boas madeiras e a lenha, mas deixem-se crescer as árvores novas e as que não tiverem atingido ainda o seu pleno crescimento*” (*Anuario para 1892*, p. 170).

Maio de 1900.



---

<sup>12</sup> O dr. Hermann Von Ihering. (N. A.)

## VESTÍGIOS DA CIVILIZAÇÃO MISSIONEIRA

Tinham ardido as míseras choupanas  
Dos pobres índios e no chão, caídos,  
Fumegavam os nobres edifícios,  
Deliciosa habitação dos padres.  
Entram no grande templo e vem por terra  
As imagens sagradas. O áureo trono,  
O trono em que se adora um Deus imenso,  
Que sofre e não castiga os temerários,  
Em pedaços no chão.

.....

Em roda os seus fortíssimos guerreiros  
Admiram, espalhados, a grandeza  
Do rico templo e os desmedidos arcos,  
As bases das finíssimas colunas,  
E os vultos animados que respiram.  
Bazílio da Gama. O Uruguay.  
Canto IV

### I

Carlos Von den Steinen, celebrado geógrafo e antropólogo alemão, após laboriosos estudos e viagens repetidas ao interior do Brasil propõe a seguinte classificação definitiva para as tribos indígenas que povoam e povoaram o país: *Tupis*, *Gês* ou *Crans*, *Caraíba*, *Maipures* ou *Nu-Arnaks*, *Goitacás*, *Panos*, *Miranhas* e *Guaicururus*.

Paulo Ehrenreich, outra sumidade na matéria e igualmente filho da fecunda Germânia, pretende que a classificação dos povos brasílicos é suscetível de maior redução. Por isso, depois de sucinta análise às principais classificações, quer linguísticas, quer antropológicas, até então feitas, conclui que a maioria das tribos pertence aos quatro grandes troncos - *Tupis*, *Caraíbas*, *Gês* e *Nu-Arnaks* (*Rev. da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, VIII, pág. 53, *Globus*, Bruswig, 1897).

As antigas relações descritivas, legadas pelos primitivos viajantes, falam de muitas outras famílias; mas tais documentos, valiosamente estimáveis quanto à fidelidade com que descrevem os usos e costumes dos silvícolas, pouco proveito revelam quanto à classificação tribal.

Naquela época era impossível o estudo sintético que só recentemente parece ter-se conseguido, e que veio demonstrar que aquela extraordinária multiplicidade de grupos era arbitrária e não correspondia à realidade dos fatos.

De modo que, reduzida a classificação, conforme acima foi exposta, verifica-se que os antigos habitantes que povoavam o sul do Paraguai, nordeste da Argentina e noroeste do Rio Grande, ocupando a zona conhecida por “Missões do Paraguai, Missões do Paraná e Missões do Uruguai” eram tupis ou, como os chamavam os espanhóis, - *guaranís*.

Eram os ramos mais distantes do grande tronco tupi, que do centro da América do Sul irradiou-os para diferentes pontos do continente.

Seu estado cultural não podia ser mais rústico, mais agreste, quando os jesuítas inauguraram a respectiva catequese; estavam destituídos de qualquer rudimento que

revelasse esse progresso espiritual que em outros povos circunvizinhos desde muito se manifestara.

Tudo o que foram, tudo quanto fizeram, devem aos seus beneméritos civilizadores, aqueles imortais jesuítas que os adestraram para a guerra e os instruíram nos salutares princípios do trabalho regenerador.

Em dilatado recanto do Rio Grande do Sul, zona feracíssima que, dir-se-á um outro paraíso terreal, estende-se a afamada região missioneira, teatro de heroicas ações que singularmente iniciaram um dos mais enérgicos períodos da civilização pátria, compatível com a época.

Território privilegiado em que tudo são riquezas naturais, em cujos domínios a natureza abriu a mão mais prodigiosa, porquanto em nenhuma outra parte as matas tributam madeiros mais agigantados, nem as serranias mais ricos tesouros, nem os campos maior fertilidade, nem o sol vivifica com tanta alegria a cultura dessas plantas onde a exploração humana encontra o seu grande derivativo; as águas, propagando-se pelas quebradas dos montes, ou fluindo pelas várzeas, são tão copiosas na quantidade quanto na pureza.

Madrugava o sol com serena claridade; os dias expandem-se festivos; a abóboda celeste raramente tolda-se pela borrasca e as entranhas da terra jamais agitaram-se e conturbaram-se com esses tremendos abalos subterrâneos que apavoram as mais valentes raças humanas!

*(Continuação)*

A obra dos jesuítas faz a admiração de todos os historiadores. São milhões e milhões de seres que viviam como feras e cujos descendentes hoje vivem como homens. São rios, lagos, montanhas e planícies revelados ao mundo por esses inumeráveis viajantes da Companhia, que eram santos, eram geógrafos, escritores, historiadores e naturalistas e cujas obras sobre as novas terras formam por si só bibliotecas, que a posteridade relê, aprendendo.

E. Prado, III Conferência Anchieta

## II

A Companhia de Jesus, fundada não havia ainda um século, e já a virgem América hospedava os seus laboriosos e valentes irmãos.

Foi no princípio do século XVII que se estabeleceram no Paraguai, conquanto desde muito antes se tivessem fixado no Brasil. E lá chegados começaram a sua obra, incessante e benemérita, da conversão do gentio inculto ao cristianismo e à civilização.

Em 1610, percorrendo a zona de Guaíra (Quayra), extensa província que compreendia todo o território que vai do Itararé à margem esquerda do rio Paraná, criaram, com índios submetidos, as povoações de Loreto e Santo Inácio, seguindo-se mais onze.

Em 1630, os jesuítas já tinham fundado outros estabelecimentos fora dessa província, das quais três ao oriente do rio Uruguai e, por conseguinte no Rio Grande do Sul, então totalmente entregue às hordas selvagens.

---

\* *A Federação*, 66, Porto Alegre, 18 de março de 1901

Segundo o sábio barão do Rio Branco, estas missões do Rio Grande eram São Nicolau (1626) sobre o Piratini, Candelária de Caázapamini (1627) entre o Ijuí e o Piratini e Mártires de Caaró, fundada em 1628, no Ijuí Mirim.

1660 foi, porém, o ano terrível em que desgraças, de novo gênero, até então desconhecidas, produziram as mais funestas consequências entre os catecúmenos, lançando-os no vórtice de tão profundo infortúnio que só a inteligência, coragem e sublimidade evangélica das virtudes jesuíticas, puderam salvá-los de total extermínio.

Foi o caso que, nesse fatalíssimo ano, e no seguinte, uma considerável coluna de ferozes aventureiros paulistas, comandada por Antônio Raposo seus lugares-tenentes Antônio Bicudo, Frederico de Mello, Simão Álvares e Manoel Morato, forte de 800 mamelucos (os oriundos da cruz de português com índio) e 3000 índios aliados, todos com armamento de fogo e outras armas de guerra – caiu inesperadamente sobre a indefensa redução, operando com descritível selvageria, incendiando, arrasando, depredando, assassinando mulheres e crianças, profanando a igreja.

E logo, aprisionados milhares de cativos e carregados de ferros, os invasores retiraram-se sem demora, deixando centenas de mulheres degoladas.

“Nem os mouros, nem os judeus, nem os hereges se portaram com tanta insolência, desumanidade e tirania, nem os holandeses quando tomaram a Bahia usaram de rigores semelhantes, antes tratavam os vencidos com mais humanidade e brandura” (Carta do padre Simão Mazeta).

E que sublime odisseia, aquela comovente conduta do diretor da *missão*, o abnegado Simão Mazeta, a pé desde o Paraguai até São Paulo, seguindo a *bandeira* atroz e sanguinária, por caminhos ínvios, serros abruptos, rios caudalosos, penhascos precipites, para levar o conforto, os sacramentos e os remédios às suas amadas e pobres ovelhas que iam acorrentadas como se fossem bandidos na legião depredadora!

“Poucas páginas mais comoventes e trágicas, diz um eloquente panegirista da Companhia de Jesus, tem a historiado que está”.

Em São Paulo, no Rio e na Bahia, por onde peregrinou esse grande apóstolo da redenção dos índios, implorou a entrega e a liberdade de seus conversos – mas em vão, e até na velha e hoje culta pauliceia, ameaçaram-no de morte.

E como se aprestasse nova expedição para idêntico fim, o benemérito jesuíta apressou-se a ocupar o posto que a Fé ordenara-lhe, retrocedendo para Guaíra.

Entretanto durante a sua demorada ausência, novas violências cometeram os famosos portugueses de São Paulo que não só tinham arrasado dez povoados de índios como assolado várias cidades do Paraguai.

Estas temerosas depredações atuaram decisivamente no ânimo de Mazeta que reconheceu a impossibilidade de permanecer por mais tempo nessa região com os seus neófitos.

Reunindo os índios fugitivos das outras reduções, resolveram os jesuítas emigrar para o território compreendido entre o Paraná e o Uruguai, deixando Guaíra de uma vez por todas.

Com inenarráveis dificuldades foi a retirada homérica desses doze mil índios, efetuada a princípio por terra, aossada de perto pelos desumanos paulistas; enfraquecidos pela fome e pelo cansaço, a pé, trazendo os víveres e a bagagem às costas, bem como os velhos e os doentes; foi um martírio que a história glorificou com o bafejo épico.

Depois, alcançado o rio e impossível a viagem por terra, desceram o Paranapanema e o Paraná em setecentas balsas.

Mal se haviam estabelecido em Loreto e S. Inácio Mini, os paulistas aí as vieram inquietar; e, desse modo, perseguidos impiedosamente pelo poderoso adversário, que tinha conquistado toda a região a leste do Paraná e ao norte do Iguaçu, os jesuítas

deliberaram estabelecer seus arraiais na zona oriente do Uruguai, isto é, no Rio Grande do Sul, onde já contavam três estabelecimentos, conforme vimos.

Como ensina o insigne Rio Branco, cujas pacientes e luminosas investigações nos arquivos de Madri, Roma e Paris desvendaram o caos e corrigiram os erros que, até pouco, ainda imperavam neste assunto, em 1636 havia quinze aldeias jesuíticas no Rio Grande do Sul, disseminadas entre o Ijuí e a Serra Geral ao Norte; o Taquari (*Tebiquary* dos índios e rio do *Espírito Santo* dos padres); o Jacuí (*Igay* dos índios e *Phasido* dos jesuítas) e o Ibicuí (*Ibicuity*) ao sul, e o Uruguai ao oeste. Ao território rio-grandense fora de limites, os missionários chamavam - *a província do Tape*.

As povoações missioneiras do Rio Grande do Sul, em 1636, eram as seguintes:

Na margem direita do Rio Pardo (nessa época *Jequí* ou *Rio Verde*) *San Christobal* (1634) e Jesus Maria (1632); perto das cabeceiras, *San Joaquim* (1633).

No passo do Jacuí, na margem esquerda, *Sant'Anna* (1633) e na direita, mais acima, *Natividade* (1632).

Próximo às cabeceiras do Jacuí, não longe do local onde hoje se acha a cidade de Cruz Alta, *Sancta Theresa* de Ibituruna (1633). Nas cabeceiras do Ijuí-mirim *Apóstoles de Caázapaquassu* (1631) e descendo esse rio, *Martyres de Caaró* (1628). Entre o Ijuí e o Piratini, *Candelária de Caárapamini* (1617); na margem esquerda do Piratini, perto do sua confluência com o Uruguai, *San Nicolas* (1626); na margem direita do Itu, *Santo Thomé* (1633); na margem direita do Ibicuí, subindo esse rio, *S. José de Itaquatiá* (1633); *S. Miguel* (1632) e *S.S. Cosme y Damian* (1634) - (Vide Barão do Rio Branco, *ESQUISSE DE HISTOIRE DU BRÉSIL AP. LE BRÉSIL EM 1889*, Memória apresentada ao Presidente dos Estados Unidos, vol. II, cap. IX).

Todos estes estabelecimentos foram tomados pelos paulistas ou abandonados pelos jesuítas, mas, já então, após renhidos combates.

Nova emigração de índios verificou-se, para, outra vez, voltarem a ocupar a margem ocidental do Uruguai, hoje província argentina de Corrientes.

Em seu novo estabelecimento, ainda sofreram um formidável ataque de poderosa *bandeira* paulista, composta de 400 mamelucos e 2.700 índios aliados; os jesuítas, porém, a esperaram com 4000 de seus índios e a derrotaram completamente em *Mbororé*.

Novas facções seguiram-se, tendo sido agora constantemente rechaçados os atrevidos bandeirantes que, finalmente, de 1652 em diante, cessaram ou foram rareando em suas hostilidades, porque encontravam os missionários e seus dirigidos armados, disciplinados e rigorosamente adestrados na guerra.

Desse modo, assegurada a integridade dos domínios jesuíticos, puderam eles regressar ao lado oriental do Uruguai, para aí, transferindo-se em 1687, as missões de *S. Miguel* e *S. Nicolas* e criando as cinco outras *S. Luiz Gonzaga*, em 1687, entre a de *S. Miguel* e a de *S. Nicolas* que tinham por limite norte o Ijuí e por limite sul o Piratinim; *S. Francisco de Borja*, em 1690; *S. Lourenço*, em 1691; *S. João Baptista*, em 1698 e *Santo Ângelo*, em 1706.

Tal foi a origem das chamadas *Sete Missões Orientais*, vulgarmente pelos portugueses denominados os *Sete Povos das Missões*.

(*Continuação*)

### III

As reduções jesuíticas, a princípio, estavam sujeitas aos governadores do Paraguai e de Buenos Aires, a quem incumbia a nomeação dos alcaides, corregedores, procuradores e outros ofícios públicos.

---

\* *A Federação*, 67, Porto Alegre, 19 de março de 1901

Por seu turno, de Buenos Aires e do Paraguai, vinham solicitações de serviços dos índios para obras de fortificações e outras congêneres em diversos pontos desses países.

Mais tarde, os jesuítas conseguiram que o rei de Espanha concedesse-lhes uma completa autonomia, sendo as missões governadas pelo sistema que a Companhia de Jesus estabelecesse, o que posteriormente foi causa de sua completa ruína, como adiante veremos.

Na época, porém, em que floresceram os sete povos das Missões do Uruguai, o governo jesuítico concentrava em si todas as funções temporais e espirituais. Mandou vir engenheiros europeus e estes deram começo àquelas extraordinárias construções.

Os povoados eram levantados de modo que dominavam o cimo de risonha coxilha.

Ouçamos um brasileiro, e dos mais ilustres e eruditos que, pertencendo a Companhia deve ter lido acerca do assunto - o padre Américo de Moraes:

“Não tivessem tido os nossos primeiros missionários dependência alguma dos colonos, como a não tiveram os padres do Paraguai e os aldeamentos do Brasil nada haveriam tido que invejar às reduções, que, como dissemos, foram sobre elas modeladas. Que beleza! Que ordem! Que perfeição a dessas reduções! Aí, casinhas uniformes, de um só andar e de pedra, formavam ruas largas e alinhadas, cujas extremidades pegavam a avenidas de belíssimas e enormes arvoredos.

“No centro estava a praça, tendo à direita a habitação dos padres e os edifícios públicos; ali alvejava a igreja ou capela. Via-se atrás desta um quadrilongo circunvalado de palmeiras e cortado por alas de laranjeiras: era o cemitério, onde os índios reduzidos costumavam ir orar pelos seus mortos, terminados os trabalhos. Em rompendo o dia, e ao toque do sino, os meninos para aprenderem os mistérios da fé ajuntavam-se no templo. E, como estava provado pela experiência a veracidade do dito de Nóbrega, que - com a música e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da América, - eram cantadas em coro as orações matutinas. Depois, grandes e pequenos ouviam missa e, concluídos os officios divinos, encaminhavam-se para o trabalho. As mulheres atendiam ao manejo dos negócios domésticos e, quando se não ocupavam em coser e fiar o algodão, ajudavam os maridos no amanho da sua terra. As crianças que mostravam inclinação para as letras ficavam nas escolas. Dos homens, alguns passeavam os rebanhos, outros iam à caça e à pesca, e a maior parte cultivava a jeira que lhes coubera na divisão das terras, ou campo chamado Tupamba, isto é, o patrimônio de Deus. Os produtos do campo eram recolhidos ao celeiro comum para ocorrer às necessidades de todos. Assim, senhores, este sonho de perfeição, que é irrealizável pelo socialismo ou pelo comunismo ímpio de nossos dias, e que consiste na igualdade dos cidadãos e na comunidade dos bens, realizaram-no os jesuítas inspirados pelo Evangelho. Devido também aos seus esforços, as reduções se transformaram em verdadeiras oficinas, onde havia carpinteiros, serralheiros, ferreiros, pedreiros e até ourives, escultores, pintores e douradores. Os mesmos índios fabricavam órgãos, harpas, flautas e guitarras”(V Conferência Anchieta: *O método da catequese e ensino dos índios, usado pelos jesuítas*).

A igreja, sempre ampla e primorosa nos seus termos, linhas e mostras esculturais, é o remate de toda a capacidade arquitetônica da época.

Outro padre historiador, o Rev. Cônego J. P. Gay, assim conta:

“Da mesma pedra (grés) são feitos os arcos, nichos, coroas, que enfeitam o frontispício e os frisos, cornijas que coroam o frontispício e as colunas e as estátuas dos santos, que adornam a frente, onde há três pontes de madeira diversamente lavradas... Ordinariamente há cinco altares com retábulos do tamanho que requer a igreja, feitos de madeira com colunas, cornijas, entalhados de diversos feitios, debuxos, guarnições, estátuas, molduras douradas e pinturas em que são representados os sagrados mistérios. O altar-mor com seu retábulo ocupa todo o fundo do coro que é todo dourado com mais

ou menos profusão de adornos e riquezas. O coro de alto a baixo está coberto de estátuas de santos: a do padroeiro do povo coroa a cornija do altar-mor, a meia laranja esculpida e pintada a ouro, tem em seus quatro pendores um nicho com o busto de um papa. Os soalhos são feitos com lousas de pedra bastante brunidas, são de dois palmos quadrados pelo ordinário, raras vezes o ladrilho é empregado para esse fim. Há igrejas de 350 palmos <sup>(1)</sup> de comprido e 120 <sup>(2)</sup> de largo como a de S. Miguel, a de S. Luiz tinha 300 palmos de comprido e 100 de largo. As alfaias de prata, como jarros, bacias, cruces, castiçais, lâmpadas e candelabros são mui numerosos e grandes, posto que pouco polidos, com exceção de raras peças. Os vasos sagrados são muitos e da melhor obra e alguns são de ouro.” (História da República Jesuítica do Paraguai, cap. 13)

“Nos sete povos da margem oriental do Uruguai, o templo de S. João, foi o único concluído pelos jesuítas, os outros nunca o foram.” (Op. cit.)

Contíguo está o refeitório dos padres, sempre suntuoso e com várias galerias subterrâneas; em seguida ficam as oficinas, armazéns, etc. Não longe há um recolhimento de viúvas e donzelas e um hospital.

Nos arrabaldes, pela encosta da coxilha, há lindas chácaras rodeadas de simétrico laranjal e esplêndidas hortas e quintais de pinheiros, marmeleiros, limoeiros, macieiras, pessegueiros, noqueiras, parreiras, oliveiras, etc.

Era de notar nas circunvizinhanças de cada povo uma extensa plantação artificial de árvores de congonha, cujo segredo possuíam.

Suas estâncias eram magníficas, e uma delas, a de Santa Tecla, contava cinquenta mil cabeças de gado vacum, cavalar e muar. Todas elas tinham sua capela, laranjal e rica plantação de árvores frutíferas, cujos vestígios ainda restam.

A verdadeira prosperidade desta região só se acentuou depois que os paulistas cassaram as suas correrias, sendo, aliás, forçados a isso, devido ao regime de paz armada que os missionários se viram obrigados a adotar.

Compreendida a necessidade da defesa armada, vinte anos após o seu estabelecimento, obtiveram da corte de Madri licença para os seus neófitos poderem usar armas de fogo.

Criou-se então, um regime militar, confiando-se o comando a chefes índios, mas sujeitos à administração superior do provincial.

“Logo tiveram canhões, fabricaram pólvora e tiveram um arsenal bem provido de armamentos. Todos os domingos à tarde eram os índios obrigados a comparecerem na praça da matriz ou em qualquer outro lugar com armas de fogo e arcos ao toque de caixas. E se lhes mostrava o modo por que se deviam haver no acometer o inimigo, e como se deviam retirar em boa ordem. No fim do exercício depositavam as armas no arsenal até o domingo seguinte, bem fechadas, por ordem do cura, até o domingo seguinte”.

Do Chile vieram jesuítas que haviam sido militares na Europa e redigiram várias ordenanças provendo as mais prudentes e enérgicas medidas marciais.

Evidentemente foram os paulistas que tiveram a triste e estranha sorte de medir o valor guerreiro dos índios missionários e julgar da capacidade militar de seus instrutores.

Assinaladas derrotas logo esmoreceram o outrora temido ardor dos *bandeirantes*, e de 1641 em diante já os missionários não os temiam de modo algum.

Um dos chefes jesuítas, o padre Alfaro alcançou celebridade como cabo de guerra e, em 1653, nos desertos campos da Vacaria, derrotou as forças do intrépido mestre de

---

<sup>1</sup> 77 metros.

<sup>2</sup> 26 metros.

campo Manoel de Campos Bicudo <sup>3)</sup>, ousado paulista descendente de uma antiga família de bandeirantes, que, por sua vez, provinha de fidalgos portugueses.

Para o fim julgavam-se tão inexpugnáveis que saíam a provocar e a expulsar os paulistas de seus pontos fortificados. E mesmo, o Superior das Missões chegou a escrever uma carta enérgica em que dizia: *Esterorum acies non tiemus. Nihil foris conturbare nos potest* (Não tememos nenhum exército estrangeiro. Nenhuma força externa pode perturbar-nos).



---

<sup>3</sup> A família Bicudo, hoje assaz numerosa em São Paulo, tem representantes no Rio Grande do Sul, em S. José do Patrocínio.

## DIGRESSÃO HISTÓRICA

Coube ao preclaro jurista Clóvis Bevilacqua a tarefa de escrever para o grandioso livro comemorativo do 4º centenário da descoberta do Brasil o histórico das Alianças, Guerras e Tratados.

Esse capítulo, aliás, de fremente fôlego, está sendo reproduzido na *Revista Militar*, onde conseguimos lê-lo com o alvoroço que soe despertar toda a leitura de um novo trabalho do fecundo dr. Clóvis.

Que a recente produção histórica do operosíssimo jurisconsulto está muito abaixo da culta mentalidade e reconhecido estudo que tanto caracterizam e distinguem o, já hoje, notável contemporâneo – é verdade que, conquanto pesada, não se pode ocultar.

E assim, pois, temos provas de como o laureado autor do projeto do código civil não conseguiu, na qualidade de historiógrafo, desdobrar a sua invejável competência que no domínio da cultura jurídica impõe-se e deslumbra.

Propositalmente, abrimos no capítulo que resume aquela remota guerra cisplatina.

Logo de começo, lê-se um período sibilino, no qual enxergamos uma alusão ao Rio Grande do Sul e que, por si só, poderia comprometer todo o mérito histórico da ligeira narrativa, se tivesse algum.

Parece-nos que, veladamente, o dr. Clóvis quis dizer, se bem apreendemos a intenção de s. ex., que se a província Cisplatina, hoje República Oriental do Uruguai, se tivesse separado mais tarde do que se separou, pois que a separação era inevitável, - teria levado consigo o Rio Grande.

Muito mais, e ousadamente, já disse o Sr. Capistrano de Abreu. Este foi muito além, porque escreveu no prefácio de um livro largamente divulgado em Portugal, e também aparecido por ocasião do 4º centenário, - História Topográfica e Bélica da Nova Colônia do Sacramento, por Simão Pereira - que foi um erro o império ter se descartado da Cisplatina sem se ter também descartado do Rio Grande, tão incômodo foi-lhe sempre este!

Voltemos, porém, ao dr. Clóvis.

Nossa decepção não foi tanta a respeito dos aleijões históricos de que o curioso trabalho está inçado, quanto a de vermos todos eles endossados pelo Estado Maior do Exército, cuja 1ª Seção tem a seu cargo a redação da *Revista Militar* do Brasil, que não quis corrigir os erros do dr. Clóvis.

Merece vários e urgentes reparos, de alguma gravidade, o resumo da guerra cisplatina.

Contesta-se que a 19 de abril de 1825, Juan Antonio Lavalleja saltasse no Aerial Grande à frente de 36 aventureiros.

Qualquer colegial estudioso e não de todo leigo nestas nugas de história e geografia sul-americana, corrigirá aqueles 36 para 32, que com Lavalleja completavam os trinta e três heróis que deram origem a uma nacionalidade assinalada no mapa das nações modernas e a uma localidade implantada na República Oriental.

“Em *Mercedes* deu-se o primeiro encontro, destroçando Rivera uma pequena força comandada pelo coronel Jardim”. Outro erro. Antes desse *primeiro* encontro, já em Arbolito, o nosso Bento Manoel havia derrotado, no mês de setembro (4) o ativo Rivera.

A surpresa onde foi tão mal sucedido o coronel Gomes Jardim (que parece ser ao que alude o dr. Clóvis) foi posteriormente, no Rincão das Galinhas e não em Mercedes, então ocupada pela divisão do intrépido Abreu.

Refere-nos o douto Clóvis “que o vice-almirante Rodrigo Pinto Guedes pôde, a 29 de julho de 1826, desfechar um golpe formidável sobre a esquadrilha de Brown”. Lendo este período, duvidamos da veracidade do fato, que desconhecíamos, e por isso recorreremos à bibliografia dessa guerra.

Inutilmente, porque nada colhemos. É evidente que o autor alude ao combate da divisão brasileira de James Norton com a de Brown, não a 29 de julho de 1826 e sim a 30 desse mês de 1827. É verdade que não passa de um mero lapso de datas; questão de detalhe, em todo o caso impróprio de uma revista militar tê-lo perpetrado.

A célebre batalha de 20 de fevereiro de 1827 é resumida nas seguintes referências, deploravelmente reduzidas a nenhuma exatidão: “A cavalaria de Bento Manoel fora, imprevidentemente, afastada para o Passo do Rosário”. Barreto comandava a ala direita do exército brasileiro e Callado a esquerda, segundo rezam todos os documentos oficiais; é precisamente o que afirma o dr. Clóvis?

Essa batalha de Ituzaingó, como os platinos denominaram-na, e como modernamente também a chamamos, é a mesma do Passo do Rosário, como foi outrora conhecida pelos nossos historiadores, tudo porque foi travada junto ao passo do Rosário, do rio Santa Maria, e ao sopé do riacho Ituzaingó, atualmente Itambé, seu afluente.

Para quem isso sabe, ficará evidenciado o erro de se dizer que *a cavalaria de Bento Manoel fora imprevidentemente afastada para o passo do Rosário*.

Ela achava-se, aliás, no passo do Umbú.

O Visconde da Laguna, reintegrado pela terceira vez no comando em chefe do exército do sul, após o revés de Ituzaingó, acima falado, estava bem longe de ter preparado o terreno para desferir golpes mais vigorosos do que o seu antecessor, quando se abriram as negociações de paz, segundo a complacente opinião do dr. Clóvis.

Pelo contrário, o Visconde da Laguna em 1828, com um exército de 11.000 homens, o dobro do que operou em 1827, condenou-se à mais inexplicável apatia, deixando-se vencer por uma inalterável letargia de tal modo prolongada, que deu tempo de sobra para o inimigo refazer-se e talar toda a fronteira do Rio Grande, até o interior da região missioneira.

Esse velho guerreiro lusitano Carlos Frederico Lecor, que batalhara com sumo valor nas campanhas peninsulares contra as hostes napoleônicas e que, detendo Junot sobre a ponte do Zezere, deu tempo a que o príncipe real fugisse para o Brasil em 1808, agora não passava de uma veneranda relíquia.

Em três decênios de incessantes campanhas, não há soldado, por mais vigoroso que seja, que se não endureça de anos e vicissitudes inerentes às guerras.

As imperfeições dessa síntese histórica vão além, há outras. Bom foi, contudo, que o dr. Clóvis não tivesse querido ligar a sorte do Rio Grande à da Cisplatina, pela maneira estranha e injuriosa do sr. Capistrano de Abreu. Esse conhecido professor lançou os seguintes períodos no prefácio de que antecedentemente se falou:

“Finalmente pela convenção de 27 de agosto deste último ano (1828), sob a pressão do embaixador da Inglaterra no Rio de Janeiro, a província Cisplatina foi declarada independente do Brasil e da Argentina. Infelizmente, d. Pedro I não era homem de largo descortino e não compreendeu a situação novamente criada.”

“Nas concessões, diz Roscher, daí antes de mais que de menos, exatamente como o cirurgião de um membro gangrenoso, antes corta de mais que de menos”.

Separada a província Cisplatina, que ficava significando o Rio Grande do Sul? Que se lucrava em, derribadas as muralhas de Ilion, guardar o cavalo de Tróia?

“A resposta não se fez esperar. Em 1835 rebentou uma revolução que durou dez anos. Desde então, ou doutrinário, ou sanguinário, ou pecuário, ou caudatário, ou federatário - as formas variam, o fundo permanece, - grassa o artiguismo além do cabo de Santa Marta. O doutor Francia pode prender o corpo, mas a alma de José Artigas (chacal conjugado a Moloch) ulula, duende impropiciável, pela campanha e sobre as coxilhas.

Haveria médico, diz Wilhelm Roscher (*Politik: geschichtliche Naturlehre der Monarchie, Aristokratie und Demokratie*, 34, Stuttgart, 1892), incumbido do tratamento de um tísico, que em falta de medicamento eficaz, não querendo ficar sem fazer nada, cosesse a boca do paciente para impedir os escarros de sangue?

Se há! Desde mais de meio século não tem estado outros à cabeceira do enfermo Brasil”.

Quis dizer que, sendo o Rio Grande um país habitado de povos bárbaros, não de todo civilizados, teria como medida de boa política tê-lo espontaneamente desagregado da comunhão brasileira em 1828, para poupar o resto do país dos incômodos que lhe tem dado.

Essa monstruosidade elaborada por quem de propósito finge ignorar supinamente a evolução da história rio-grandense, é, antes, fantasia do cérebro doentio de um literato de insuficiente bom senso, que renegou o seu sólido preparo, do que obra de quem tem falta de qualidades exigidas pela verdade histórica, eclipsada pela paixão.

Aquela estafada diatribe, em pretensioso estilo, foi posta, pelo professor de História do Brasil do Ginásio Nacional, no limiar do livro que o Liceu Literário Português do Rio de Janeiro editou para solenizar o centenário do descobrimento deste país a quem foi dedicado!

Podem os que, por cálculo ou ignorância, querem molestar-nos dizer tudo isso do Rio Grande, e mais ainda; o que, porém, por mais eloquente que seja o narrador e por mais sugestivo que seja o estilista, não poderá jamais duvidar, é que foi a valorosa espada dos Pinto Bandeira, dos Abreu, dos Osório, dos Marques de Souza que deu lustro às armas brasileira, tornando-as temíveis e respeitadas.

Nem pareça que são velhas tradições quase desmorecidas.

Outrora berço de guerreiros afamados, hoje é a terra de Borges de Medeiros e de Júlio de Castilhos, dois vultos de que se ufanaria qualquer das velhas nações dalém mar, e que não teriam desabotoado se o nosso meio também não fosse perfeitamente civilizado.



(*Correio Paulistano*, 29 de novembro de 1904)

## PEQUENAS NOTAS DE VIAGEM

---

### POR SÃO PAULO

#### I

(Capital e Metrópole)

Bem pouco atraente é uma travessia do Rio Grande a Santos, durante a estação hiberna.

Vi uma carta marítima, belo *specimen* da cartografia inglesa, que, segundo informaram-me, é usada pela acreditada linha transoceânica *The Royal Mail*, na qual se assinalam como as mais temerosas paragens desde a Europa até o extremo da América Meridional - o golfo de Biscaia e o golfo de Santa Catarina (*the gulf of Gascony and the gulf St. Cathérine*), sobretudo pela inclemência dos temporais e decorrentes perigos que tão pavorosos fenômenos meteorológicos oferecem aos navegantes.

Certo, custará a decifrar o significado do tal golfo de Santa Catarina, denominação estranha aos que estudamos a geografia em mapas franceses ou alemães. Pois o golfo de Santa Catarina não é senão o muito conhecido trecho do litoral compreendido entre o sul da ilha de Santa Catarina e a entrada do estuário do Prata; destarte, toda a desolada costa do nosso caro Rio Grande do Sul incide naquela via dolorosa fatidicamente apontada pela geografia dos reis do mar, mandando que a evitem todos quantos transitam do Rio de Janeiro para o hemisfério austral deste Continente. Tal é o desolador conceito da orla marítima rio-grandense, em uma angra, sem um abrigo, e que com a mais dolorosa surpresa dele tivemos ciência. Ora, de junho a setembro, a viagem redobra de perigo, e daí o alento que o viajero toma no momento em que, finda a agitada travessia, o navio envereda pela barra de Santos, seguro e vasto surgidouro.

Se a capital, a tradicional e intemerata Pauliceia é a cidade das habitações suntuosas, dos palácios vários, das ruas que são outras tantas artérias por onde circulam, febricitantemente, veículos dos mais variados aspectos e gentes com a cabeça cheia de mil preocupações, cada dia mais ávida de dinheiro e de gozo. Em compensação, a velha cidade de Santos é o entreposto do comércio bruto, avolumado, progressivamente enriquecido por um incessante e dúplice movimento de prodigiosa importação e inigualável exportação de mercadorias.

S. Paulo, sem embargo da sua *viz* essencialmente especulativa, é notável pela sua eminente cultura intelectual, a desenvolver-se constantemente. A seguir para além, surda ao frêmito egoístico das suas inúmeras máquinas a despejarem golfadas de fumo das chaminés e aos estridentes apitos das centenas de locomotivas que de lá se espalham para os quatro pontos cardeais, sem cessar, como o fluxo e o refluxo das marés desbordantes. E, ainda assim, S. Paulo está cheio de suntuosos hotéis, confortabilíssimos cafés, casas de modas, grandes parques, carruagens de luxo e tudo quanto revela uma vida de bom gosto e arte.

Em Santos, nas docas imensas rengueadas de galpões atopetados de mercadorias, onde encostam transatlânticos procedentes de todo o orbe, a desfraldarem bandeiras de todas as nações do ocidente europeu, não há quem não sinta uma volúpia estranha quando se acotovela com essa maruja altiva que percorreu tantos mares remotos e enfrentou toda a sorte de vicissitudes.

A vida de Santos concentra-se exclusivamente no cais e nos quarteirões adjacentes a ele. Mal o *Satélite* desembaraça-se das formalidades aduaneiras, insinua-se entre as massas imensas de navios transatlânticos ingleses, franceses, alemães, austríacos e italianos que desfraldam ao vento emblemas e cores das mais ricas e opulentas empresas marítimas: Lampot & Holt; Prince Line; Hungria; Hamburgo-Amerika; Hamburgo Sudamerikanische; Norddoutcher-Lloyd; Transport-Maritimes; Chargeurs Reunies; Rob Sloman's; Mensageries-Maritimes; La Veloce; La Liguria; Italia; Italo-Braziliana... Quão prodigioso e produtor não será o incalculável capital reunido de todas essas arrogantes associações comerciais, em luta constante contra a concorrência, e o progresso da arte de navegar, cada dia mais acentuado e mais exigente?

Vejo isto em Santos, e sinto palpitar em plena atividade a alma paulistana, irrequieta como o deveria ter sido há dois séculos, na fase áurea do *bandeirantismo*, na sua insaciável sede de ouro e de esmeraldas. O navio prolongou-se à doca, fortemente detido por várias espias, que o tornam imóvel e cativo do cais, para que do seu amplo ventre repleto de mercadorias começasse a descarga. O aspecto geral da cidade, original e grandioso, profundamente impressiona o recém-chegado. É aquela confusão de mastros e de chaminés, a massa escura e monótona dos armazéns ao longo das docas, com as suas paredes de zinco em gomos, velados por esses elevados postes de luz elétrica, e o barulho ensurdecido das locomotivas, dos guinchos a trabalharem insaciavelmente, movimentando mercadorias de toda a sorte de dentro dos inúmeros navios amarrados nessa extensa linha de docas de pedra cortada, que parecem não ter fim.

As instalações do porto de Santos deverão ter um comprimento de perto de 3.000 metros. A cidade é plana, baixa, sem ladeiras; de forma que, pronto o cais, de bordo dos navios não se avistará a edificação de Santos, porque ficará encerrada num tapume de armazéns ou galpões, do mesmo tipo uniforme, circundados de grades, onde se amontoam milhares de sacos de açúcar, fardos de charque, etc.

Apenas o navio amarrou, defrontou-o uma poderosa máquina hidráulica, trazida por umas duas dezenas de estivadores - essa multidão cosmopolita que dá vida aos grandes portos marítimos durante o dia, e durante a noite povoa as *shipchangers* dos bairros comerciais. Sobre quatro rodas que deslizam pela via férrea mais junta à orla do cais, ergue-se uma espécie de pirâmide apoiada em quatro suportes que descansam sobre cada uma das rodas. No cimo da pirâmide assenta um mastro maciço de ferro negro, de cuja base, como a hipotenusa de um triângulo, avança o balancim, sustentado por uma corrente; do lado oposto, um contrapeso equilibra o sistema; tais são os guindastes, que facilmente se transportam de um ponto para outro das docas.

É curioso observar por alguns minutos o trabalho dos intrépidos *dockers* a servirem esses ciclóticos aparelhos movidos por agentes ocultos, invisíveis, o vapor, a água ou a eletricidade.

Ouve-se o rumor esquisito e áspero do guindaste, cuja corrente terminando por um terrível par de *crocs* some-se na profundidade negra dos porões dos navios. Daí a pouco a alavanca gigantesca girou, e um amarrado (de volumes de fardos, ou de barricas, ou de caixas, ou de sacos) surge, alçado até a altura da chaminé do navio, em cuja eminência paira, como indeciso, vacilando se deve ou não abandonar o antro escuro de onde saiu, em busca da claridade que se esbate rutilante e bravia no granito cálido da doca. Mas é só um instante. Aquilo descreve um quarto de círculo e a cadeia, desenrolando-se fragorosamente, arria a mercadoria em terra ou dentro dos vagões, que incessantemente circulam por entre armazéns, depósitos ou galpões, sobre uma quádrupla linha paralela de trilhos.

Nas docas de Santos confundem-se os mais discordantes idiomas falados. O italiano como o português, o inglês como o dalmata, o russo como o basco - eis o que se entrecruza pelo escol do que essas raças possuem de rijo em musculatura, espáduas,

saúde e força muscular. A corrente, flutuante e espessa, de *dockers* é que maneja os milhões de volumes que desembarcam e embarcam, desenvolvendo tamanha agilidade e tamanho esforço que, não raro, veem-se carregadores levando às cavaleiras 3 e 4 sacos de café, isto é, um peso líquido de 180 a 200 quilos!

E o forasteiro, na maioria das vezes, um miserável dessorado, um esgotado rebentão de uma geração amolentada pela neurastenia ou a dispepsia, detém-se para admirar, em estático enlevo íntimo, aquele vai e vem de atletas oscilando cadenciadamente os seus quadris, curvado o tórax ao peso da mercadoria que lhe encobre a omoplata direita, enquanto a mão esquerda vai apoiada ao quadril esquerdo, o dorso ostentando, num relevo vívido, a mais rica das musculaturas, causando surda inveja toda essa exuberância triunfante que participa vagamente do esplendor dos antigos lutadores do anfiteatro romano.

---

## PEQUENAS NOTAS DE VIAGEM

### POR SÃO PAULO

#### II

#### (Capital e Metrópole)

Fato interessante na estação da *Inglesa*, em Santos, e que logo chama a atenção do passageiro, é a movimento prodigioso de embarque e desembarque feito em perfeita ordem, sem tropel nenhum, sem precipitação, sem a mínima alteração. E que boa disposição em tudo, que pessoal atencioso e civilizado!

Pela manhã chegara da Itália o *Cittá di Genova*, ótima nave da *La Veloce*, repleto de passageiros de todas as classes, italianos e assírios, na maioria domiciliados ao interior de S. Paulo e que regressavam da viagem que, a recreio ou negócios, os havia levado à Europa ou Oriente; portanto, o expresso de Serra Acima deveria ir repleto.

Ainda assim, o serviço de passageiros faz-se inalteravelmente, numa invejável boa ordem. Na gare do embarque só tem ingresso quem exhibe o bilhete de viagem, medida de prudência, com o fim de evitar a confusão e os demais inconvenientes resultantes das aglomerações desordenadas.

Ao partir de Santos, surge a luz nas lâmpadas da iluminação elétrica do comboio. O trecho até o sopé da Serra, uma rechã paludosa, escarvada de pauis, de mangues e de estagnos é vencida em minutos. O trem percorre-os com a velocidade de quem quer escapar-se daquela região lamacenta, imunda e insalubre, sequioso pelo respirar sutil e frio daquelas deliciosas aragens da montanha próxima.

- Vá, vá a S. Paulo e verá uma cidade europeia, dizia-me, horas antes, à porta da Associação Comercial de Santos, um conceituado rio-grandense aí estabelecido. Cidade europeia! - apóstrofe que me acariciava o ouvido com eu não sei que de estranho, quase a ponto de alhear-me da vertiginosa rapidez com que fora vencida a ingrata faixa pantanosa entre Santos e a Raiz da Serra, majestosa, a delimitar-nos a frente, toda ela envolta numa bruma leve, ligeiramente azulada, desenhando-se num horizonte totalmente fechado pela sua profusa massa colossal, esbatendo-se informe à luz branda de um modesto poente de julho.

---

\* *Correio Paulistano*, 30 de novembro de 1904

Considerarei-me, então, num meio estrangeiro, bem longe do Rio Grande e, por todos os motivos, tão diferente deste quanto a distância que o separa.

Nas paredes do vagão há frases em português e em italiano, a multidão de passageiros ri-se, agita-se, fala alto; mas em língua que não é a nossa.

Felizmente, os homens que vejo de chapéu de pano claro, fisionomia franca e expansiva, não têm a rebarbativa gravidade da feição fria dos ingleses, nem a carrancuda austeridade do rosto avermelhado e desdenhoso dos alemães. São italianos simpáticos, já desbastados da grosseria peculiar aos imigrantes, a gente que viaja em terceira classe.

Os que vejo no mesmo vagão que eu, são pessoas de acentuado trato, naturalmente varejistas de S. Paulo, Campinas, Jundiaí ou Ribeirão Preto, que regressam de sua visita à mãe -pátria. Um deles, de bela barba preta, cuidadosamente conservada, chapéu verde-garrafa com fita branca, *veston* azul ferrete, pergunta-me com tocante amabilidade, em português, aliás, correto, - “se eu tinha vindo de Montevideú, no vapor brasileiro, imigrado por motivo de revolução”.

A pergunta derivava, julgo eu, da circunstância fortuita de eu trazer ao bolso do *over-coat* uma brochura espanhola, com o dístico da livraria Barreiro y Ramos. Dando ao meu interlocutor atenciosa resposta, ele não demorou o seu pedido das mais francas desculpas, e, com um gesto delicado, convidou a vermos se no botequim da estação haveria *Marsala* ou *altro vino*.

O rumor rouquenho das ferragens do trem em movimento desperta a ideia de que se vai penetrar a região assombrosa, desconhecida, fantástica, essa famosa serrania que é a borda arrogante do ubertoso planalto do Brasil Central.

O que era a ascensão da serra de Cubatão outrora, disse Simão de Vasconcellos, o insigne geógrafo da Companhia de Jesus, no seu estilo puro: “O mais de espaço não é caminhar, é trepar de pés e de mãos, aferrados às raízes das árvores, e por entre quebradas tais e tais despenhadeiros...”. A engenharia do século 19 empalmou e comprimiu na sua mão miraculosa toda a aspereza da serrania agreste, para reduzi-la simplesmente a formosa e aprazível travessia de uma hora e meia, zombando da inapreciável profundidade dos vales, da interminável sucessão de montes, da torrente forte das inúmeras vertentes que lhe cortam as passagens, para elevar o viajor ao cume do dorso e de lá contemplar, pasmo e surpreso, o mar longínquo e mesquinho como um campo de algodão, a terra baixa e varia, as matas, as cordilheiras menores, as nuvens lá baixo como rastejando a terra e nós cortejando o céu.

O primeiro plano inclinado que é vencido pelo sistema antigo de ascensão por meio de um cabo de aço atado ao vagão, deslizando por carretéis fixos no meio da paralela dos trilhos, e que uma máquina no cimo do plano põe esse cabo em movimento; galgado esse plano começa a série de túneis, três dos quais (o 8º, o 9º e o 10º) são vencidos sucessivamente e com uma rapidez de fagulha, quase entontecedora. Desdobram-se agora os mais extraordinários e variados panoramas que a natureza brasílica só revela a quem uma vez desvenda-lhe o interior das suas serras e que a cadeia de Cubatão talvez não tema competência.

E nem se sabe o que admirar mais, se o empolgante espetáculo da natureza agreste, se o surpreendente conjunto da maravilhosa obra humana através dessas gigantescas quebradas.

Transposto o antro medonho e tenebroso do primeiro túnel, já o viaduto que o segue, ligando dois penedos fronteiros, separados por um vale de espantosa profundidade, deixa entrever a imensa, a colossal altura, a que em tão poucos minutos atingiu-se.

Túneis e viadutos são numerados. Ao todo, treze túneis e dezesseis viadutos. Uma sucessão ininterrupta de obras de arte de perfeição provada, pois que nessa via férrea desconhecem-se os desastres de qualquer espécie.

Anteparas, revestimentos de pedra com as juntas tomadas a cimento, escadarias de pedra sobre a encosta de serros precipites, veem-se por toda parte. E lá, sempre no alto, coroando o dorso, ou na profundidade abrupta, topetando o chão dos vales, a mata solitária e verde, dominando a eminência de onde flui ruidosamente abundante, copiosa massa de água sussurrante e límpida, ou canalizando-a no fundo invisível, como a carne esconde o sangue das veias.

Todas estas aguadas, porém, cortam a via férrea, engenhosamente canalizadas.

Olhe-se à direita: paredões ciclópicos; olhe-se à esquerda: os despenhadeiros apavorariam se não fora a rapidez com que a paisagem se muda, e se não foram as manifestações da inteligência humana e da ciência, a cada passo atestando o quanto corrigiram a aspereza selvática de toda a região percorrida. Aqui são trens a cruzarem-se incessantes, ali é o rútilo foco de luz elétrica, serena e diáfana, esbatendo-se nas arestas da um serrote; por vezes destaca-se o perfil estreito da estrada velha num plano muito inferior; por fim, do viaduto 13, é dado avaliar-se a altura colossal, comparando-o com o antigo viaduto da Grota Funda que se avista lá muito em baixo, como se rastejasse o fundo do desfiladeiro.

Atingido o alto da serra, quando o comboio precipita-se a rolar por aquelas campinas, áridas e mortas, de Piratininga, já é noite fechada. Sucessivos apitos, agudos e prolongados, anunciam a passagem veloz por diante das estações de Campo Grande, Rio Grande, Ribeirão Pires, Pilar, S. Bernardo, S. Caetano, Ipiranga, de onde se divulga, então, todo o horizonte pontilhado pela vasta iluminação da opulenta capital paulista.

Um instante apenas, e fica-se deslumbrado com a magnificência da estação da Luz, por onde o trem insinua-se fragoroso, e solta o passageiro extasiado, diante da abóboda suntuosa e demais dependências desse notabilíssimo estabelecimento. E, diante tanta profusão de luz, de gente, de movimento e riqueza, acode insensível a frase mágica: - Cidade europeia.

---

## PEQUENAS NOTAS DE VIAGEM

### POR SÃO PAULO

#### III

#### (Capital e Metrópole)

A famosa cidade de S. Paulo, uma das mais antigas fundações lusitanas dalém mar, tem, entretanto, todos os ruidosos indícios e todas as estonteantes seduções de capital moderníssima.

Nada revela aí que recorde o vetusto aspecto das demais cidades do litoral, que, deploravelmente, recebera a influência da arte moribunda do grande povo peninsular, dos séculos 17 e 18. Tudo ali, em S. Paulo, é novo, ou, se novo não é, restaurado ou renovado o é. Nem podia deixar de ser assim, porque S. Paulo não só é uma cidade tradicionalmente rica, devido a causas complexas, como porque a operosa, progressista e inassimilável colônia italiana é um inesgotável propulsor de toda a sua vitalidade.

Foi de S. Paulo que, nos séculos passados, partiram as terríveis levas de aventureiros, sedentos de ouro, quais novos flibusteiros, a desbravarem os sertões ínvios,

---

\* *Correio Paulistano*, 4 de dezembro de 1904

intérminos e misteriosos, conquistando o Brasil central e o Brasil meridional, captando esmeraldas e brilhantes, enriquecendo a Geografia e enriquecendo-se a si próprios e as suas gerações.

E, ainda assim, permanecia, até poucos anos atrás, num aspecto torvo, de cidade soturna, envolta num silêncio inquebrantável, edificação sombria, ruas calmas e desertas, unicamente conhecida pela célebre Faculdade de Direito. Súbito, porém, tomou um frêmito inesperado, e um largo sopro de modernismo tudo lhe transformou, convertendo-a numa cidade de trabalho, de alegrias, de comércio e de luxo, quando foi da vez que a imigração italiana encaminhou-se, contínua e abundante, para lá.

Hoje, que o movimento industrial, comercial e intelectual de S. Paulo, paralelo acréscimo da população, é um fato consumado quase que exclusivamente devido ao concurso do braço italiano - nenhum prejuízo pode guardar-se contra esse fator, quer muitos erroneamente pensam em decadência.

E, desse modo, aquela nativa população de outrora, turbulenta e arrogante, orgulhosa e prejudicada pelos preconceitos de nobres origens, sofreu a profunda metamorfose que só o trabalho pode alcançar. E não só transformou aquele velho burgo claustral e silente numa cidade de máquinas, de trilhos, de palácios, de hotéis, de jardins públicos, de eletricidade, como também os hábitos dos seus moradores, até então rebeldes, insubmissos e desconfiados, agora radicalmente modificados pelo imediato contato com a civilização ocidental.

Ou, quem sabe, se é porque a seiva vital da velha terra dos bandeirantes permaneceu simplesmente abafada durante o decurso de várias dezenas de anos, em estado latente, não sucumbida como um gigante morto, ou dissolvida como se fosse um pó inútil, para reflorir, esplêndida e soberba, ao mais leve contato com a cultura italiana, acordando outra, após um sono reparador, subsequente às grandes agitações passadas?

A capital abrange atualmente a cifra de 250.000 habitantes, de uma iniciativa audaciosa e de atividade invencível.

Apresenta ela dois aspectos distintos que permitem distinguir uma cidade velha e uma cidade nova. A velha, de ruas estreitas e tortuosas, menos duas, e daquelas onde melhor se pode apreciar o espetáculo da atividade paulista - a rua S. Bento e a rua Direita, - é essa rejuvenescida maravilha de riqueza e imprevistos. A nova, com o solo repleto de encantadoras construções da forma de palácios, foi edificada pela plutocracia contemporânea. Quem uma vez tiver percorrido os bairros novos de S. Paulo - Avenida Paulista, Barra Funda, Santa Cecília e Liberdade - com as suas múltiplas ruas, higienicamente arborizadas, onde é dado admirar esse esplendor de moradias particulares, que a facção milionária soube revestir de todo o conforto consoante às suas caprichosas exigências, exteriorizada por uma diversidade de estilos, desde os mais comuns até ao mais recente, o desprezioso *art-nouveau*, convence-se do justo orgulho dos paulistas pela sua bela capital.

A principal - e a mais interessante - das suas ruas centrais é a *Quinze de Novembro* (antiga Imperatriz), onde melhor se acentua a febre das agitações que abalam todas as artérias dessa natureza. A sua largura, o seu estranho e delicado calçamento de madeira em paralelepípedos, que amortece suavemente o ruído áspero das carruagens, os seus estabelecimentos, cafés e botequins, e principalmente a multidão de gente que por ela cruza durante o dia e até adiantada hora da noite, tudo isso faz com que a rua Quinze de Novembro seja uma das mais notáveis vias públicas do país, equiparável à do Ouvidor, à Gonçalves Dias e à da Quitanda, do Rio de Janeiro.

# PEQUENAS NOTAS DE VIAGEM

## POR SÃO PAULO

### IV

#### (Capital e Metrópole)

Dos extraordinários embelezamentos de S. Paulo, realizados nos últimos três anos, citam-se a transforma o radical e oportuna, operada no velho *Jardim da Luz* e a cria o do *Parque Antártica*.

O que   o Parque Antártica, responderá em termos encomi sticos e cheio de recorda es o visitante, que num domingo pode admirar toda a grandeza desse verdejante e incomparável *square*, obra prima de ajardinamento, cenário dos progressos dessa arte, ainda um tanto inexplorada alhures. Suas  leas caprichosas pelas quais rolam tantos automóveis elegantes e ricos, seus irregulares e caprichosos tabuleiros de grama aveludada, imitando os acidentes da superfície dos campos, ora planos, ora elevados como coxilhas suaves abrindo algumas canhadas, outros apropriados para os jogos atléticos do *lawn tennis*, do *foot-ball* e de corridas a p , seus lagos espaçosos, seus variados caponetes e tojos de arvoredo, tudo isso animado por uma frequência contínua e escolhida, eis uma das tantas diversões que em S. Paulo já se podem gozar sem dispêndio.

Outros muitos jardins públicos, também de exuberante flora e trato esquisito, existem ainda.

  admirável como os paulistas conseguiram, em tão poucos anos, converter a paragem inóspita, onde se ergue a capital, uma campanha estéril, pantanosa, mesquinha e rasteira vegeta o, de monótono aspecto de charneca, em tantas cria es belas e ricas, sob o ponto de vista da grandeza, do luxo, da higiene, do asseio, da segurança e do bem estar.

S. Paulo propriamente não   uma cidade que se possa chamar artística. Faltam-lhe os monumentos de arte que revelam a fantasia, o cunho especial e a alma de um povo ou gera o, tais como esculturas, alegorias, decora es, baixos relevos, obras de talha. Mas, sente-se que há uma tendência geral para essa popula o, de espírito positivo e irio, evoluir esteticamente. Assim   que muitas das suntuosas habita es de alguns argent rios encerram boas telas de pintores estrangeiros e nacionais, tapeçarias caras, alfaias de alto custo e bronzes escolhidos.

Se o paulista ainda não acentuou a sua predile o pelas belas artes, senão vagamente, particularizando-a, por enquanto, em rela o ao exterior das casas e jardins, todavia caminha para lá e tem um profundo pendor pela comodidade e facilidade dos meios de transporte. A presteza com que a capital está em contato direto com todas as localidades do interior, graças   sua rede de via o férrea e telegráfica, sem rival no país, tem sido uma das fontes do prodigioso movimento que se observa em S. Paulo.

Também o serviço de transporte urbano, seja de que gênero for, desde o sistema de carris de ferro, carruagens e t lburis, até o da simples correspondência por qualquer moço de recados, desses que trazem numera o no *bonet* ou placa ao peito,   rigorosamente desempenhado, com uma exao digna de ser imitada noutros centros, inclusive o fluminense. Mediante um nickel de 200 ou 400 réis manda-se prontamente um recado ou um bilhete ao ponto da capital que for mister, mesmo os mais exc tricos, de dia ou de noite.

---

\* Correio Paulistano, 5 de dezembro de 1904

Os estabelecimentos de instrução pública rivalizam em número e instalações - Faculdade de Direito, Escola Politécnica, Escola Normal, Escola de Farmácia, Escola Modelo, por esses e por outros de índole científica ou literária, como o Museu do Ipiranga, o Instituto Histórico, as Bibliotecas do Estado, da Faculdade de Direito e da Escola Normal, - São Paulo conseguiu uma reputação elevada pela sua cultura intelectual. E se o não fosse não se explicaria a profusão de folhas diárias e publicações de todo o gênero, superabundantes e prósperas.

Ao passo que o Rio de Janeiro, a capital da República, mal conta nove diários, incluindo o Diário Oficial, S. Paulo lança diariamente à circulação onze folhas, sem contar o Diário Oficial do Estado e que são: *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *O Commercio de S. Paulo*, *Diário Popular*, *A Plateia*, *A Folha Nova* e *A Lanterna* - em português, e mais quatro diários em italiano - *Fanfulla*, *La Tribuna*, *Avanti* e *L'Indipendente*, e um alemão - *Deutsche Zeitung*.

A profusão de periódicos (hebdomadários, biebdomadários, quinzenais, mensais e trimestrais), ilustrados ou não, científicos, artísticos, humorísticos ou literários, em português e em italiano, é o complemento necessário do que se disse acerca do desenvolvimento intelectual de S. Paulo.

Citarei, entre outros, os seguintes periódicos que se publicam na capital, conforme, às pressas, anotei numa folha da carteira:

A Vida Mental, Vida Paulista, O Arquivo Ilustrado, A Luz, O Livre Pensador, A Vida de Hoje, Névoas, O S. Paulo Ilustrado, Via Láctea, Alvorada, Santa Cruz, O Jocosos, A Ilustração Brasileira, Paulópolis, A Vida Esportiva, Eco Fonográfico, Nova Cruzada, Minerva, Gazeta Jurídica, Revista do Instituto Histórico e Geográfico, S. Paulo Judiciário, Revista Médica de S. Paulo, Gazeta Clínica, Revista Agrícola, Revista do Ensino, Revista do Museu Paulista, Boletim mensal Demógrafo-Sanitário, Boletim de Agricultura e Revista Farmacêutica e Odontológica.

São em italiano os seguintes periódicos: Capitan Fracassa, Bios, Sempre Avanti!, Zaza, Frou-Frou, Arte e Sport, L'Amico Del Lavoratore, Cara Dura e Bolletino della Camera di Commercio de S. Paulo.

Um centro onde se lê tanto e que sustenta todas estas folhas, por meio das quais a intelectualidade paulistana eleva-se acima do nível das demais capitais brasileiras, é ou não, uma terra essencialmente civilizada?

---

## PEQUENAS NOTAS DE VIAGEM

### POR SÃO PAULO

#### V

#### (Capital e Metrópole)

O mapa do Estado de São Paulo, no tocante à rede ferroviária, mais se parece com o de um Estado da Confederação Norte Americana (se mesmo não exceder a qualquer deles), do que da Confederação Brasileira.

---

\* *Correio Paulistano*, 8 de dezembro de 1904

É a principal linha, pelo tráfego, a de Santos a Jundiaí, passando por S. Paulo, com 130 quilômetros. O saldo anual tem sido superior a doze mil contos. De Jundiaí parte a Paulista até Descalvado (226 km, que somados à extensão total dos seus ramais perfazem 654 km). Tem as seguintes ramificações: Dois Córregos a Campos Salles, Cordeiro a Rio Claro, Pirassununga a Santa Veridiana, Porto Ferreira a Santa Rita, Descalvado a Aurora, Rio Claro a Jaboticabal, Jaboticabal a Bebedouro, Visconde do Rio Claro a Jaú, S. Carlos a Santa Eudóxia, S. Carlos a Ribeirão Bonito, Rincão a Martinho Prado. Esta companhia de estrada de ferro, com capital exclusivamente paulista, num dos últimos anos teve de lucro líquido a fabulosa soma de 5.761:037\$000.

Outra grande artéria de comunicação interna e interestadual é a Mogiana, via férrea igualmente custeada por capitais paulistas e que trafega em 901 quilômetros. Parte de Campinas e vai à fronteira de Goiás, atravessando a zona do Triângulo Mineiro. Do tronco principal da Mogiana irradiam-se os seguintes ramais, verdadeiros galhos do pé comum: Santa Rita do Paraíso, de Ribeirão Preto à Jardinópolis, de Ribeirão Preto Sertãozinho, de Mogi-Guaçu a Espírito Santo do Pinhal, de Cascavel a Poços de Caldas, de Jaguari a Monte Alegre, de Amparo à Serra Negra, de Mogi-Mirim à Sapucaí, de Casa Branca à Canoas.

A União Sorocabana e Ituana explora 399 quilômetros, sendo troncos principais, da capital a Itapetininga e de Jundiaí a Itu, e diversos ramais. Há mais as seguintes estradas de ferro, de menor tráfego e extensão: Bragantina - de Campo Limpo a Bragança; a de Araraquara a Ribeirãozinho; a do Dourado; a Itatibense; a de Botucatu a Cerqueira Cesar; a de Piracicaba a João Alfredo, etc., etc.

A capital tem, portanto, ligação direta com todo o interior, não falando no contato também direto com a Capital Federal, por meio da Central do Brasil, que percorre todo o vale do Paraíba do Sul, ligando as localidades do sul e do oeste de Minas, em razão dos entroncamentos da Minas & Rio, da Viação do Sapucaí, Leopoldina, etc. Daí provém o excepcional movimento de trens na estação da Luz, a todas as horas, a todos os momentos.

A transformação porque passou essa estação, que já era considerável, fazia-se necessária, graças à crescente e múltipla importância que o tráfego adquirira; mas o que a todos surpreendeu, excedendo as mais audaciosas expectativas, foi o extraordinário e portentoso conjunto que resultou após o empreendimento da almejada reforma. Um edifício imenso, sobrado vasto e suntuoso, com frontispício de palácio régio, com outros andares no meio, e uma torre de altura, gosto e estilo a acabrunharem as torres da nossa igreja da Senhora das Dores; lá no cimo, os relógios, por cuja hora segue a cidade. Paralela a essa frente rigorosamente arquitetural, no plano inferior ao nível do andar térreo, em profunda e vasta escavação, como do modo de um subterrâneo encantado, e para o qual se desce por várias e elegantes escadarias, ficam as *gares* de embarque e desembarque, coberta por vistosa cúpula de vidro. À noite, todo este recinto, copiosamente iluminado e refulgente de claridade e lâmpadas, produz um efeito feérico, deslumbrante, como se fosse alguma comemoração festiva, de data ou sucesso notável. Tal é a impressão que se recebe ao saltar em S. Paulo. Pode não ser muito risonha, porque o movimento é de ensurdecer. Mas é inesquecível.

Com todos esses velozes meios de comunicação, realmente incomparáveis, e que põe a opulenta capital em fácil e diária correspondência com tantas outras terras e estados adjacentes - Rio, Minas, Goiás e, brevemente, Paraná. Além de tudo, com um porto de primeira ordem, como é o de Santos, que, pelas docas e instalações marítimas, é, atualmente, o melhor do Brasil, sucede que S. Paulo também está em comunicação diária com a Europa e o Prata. Desse modo, a riqueza circula aí com a maior facilidade e a tudo imprime uma nota à parte, essencialmente característica, distinta de tudo o mais.

Logo, S. Paulo é o coração, o centro, onde vêm ter todas as artérias venosas e, por isso, palpita e vive, superabundando de seiva.

É, enfim, forçoso deixar a capital sem ao menos ter tido tempo de algumas excursões indispensáveis, como uma ligeira digressão à vizinha Cantareira, percorrendo a vista por aqueles encantadores sítios de tantas flores e árvores, de onde flui a água de todo o abastecimento urbano; sem ao menos observar, para poder referir, as ousadas iniciativas da higiene estadual; sem sequer uma instrutiva chegada àquele calvário nu e estéril, onde se ergue, desamparado e triste, o grandioso palácio do Ipiranga, “a mais bela obra arquitetônica do Brasil”, conforme capitulou o insigne geógrafo Elysée Réclus, atualmente servindo de Museu Público.

E quem não tiver tempo de admirar tudo quanto há de importante e digno na ruidosa capital sul brasileira, tenha, ao menos, a curiosidade de postar-se, ao cair da tarde, antes do seu jantar, no *Hotel da Rotisserie*, nalguma das calçadas do largo do Rosário, para gozar do brilhante espetáculo que lhe proporcionará o desfilar das ricas equipagens, dos automóveis com o seu maquinismo farfalhante, dos motociclos, dos elétricos em geral, conduzindo as belas mulheres paulistas, que pela sua ascendência genuinamente peninsular, espanhola ou portuguesa, talvez, mesmo, cruzada com o aborígene de outras épocas, desabotoou esse admirável tipo de cabeleira negra, coroando uma tez pálida, de marfim polido, dourada pelo sol do capricórnio, estatura febril e contornos brandos; tipo esse mais impressionante que o da rio-grandense, o qual, por uma herança anatômica, derivada da primitiva colonização, que foi açoriana e, portanto, com próximas raízes na fria e loura Flandres, trai de perto essa origem flamenga, revelada na cor castanha dos olhos e no alourado dos cabelos e na rósea e clara epiderme do rosto.

Finda a refeição, música, boa e abundante música em todos os cafés e botequins da rua Quinze de Novembro, da rua Direita e no Castelões.

---

## PEQUENAS NOTAS DE VIAGEM

### O vale do Paraíba

---

#### SERRA ABAIXO

---

#### (conclusão)

O caminho de S. Paulo para o Rio. Flutua, desde o alvorecer, uma leve bruma luminosa, precursora de um sol flamívomo, embora fosse o mês de julho.

Era já dia alto quando, pela esquerda surgiu o Paraíba do Sul, com as suas ribanceiras sem matas, a água turva e arrepiada; rolando irregularmente por um leito eivado de calhaus e tropeços sem número. Era este, pois, o famoso Paraíba, o caro rio dos nossos artistas, a dois dos quais inspirara sugestivas páginas de poesia e de música nacionais. E durante as longas horas que a *Central do Brasil* percorre o depauperado vale do Paraíba serpenteando o rio, não me pude convencer de que merecesse ter sido

---

\* *Correio Paulistano*, 12 de dezembro de 1904

imortalizado nas páginas do *Guarani* ou na primorosa ária *Cielo de Paraíba*. Muito mais encantadoras são as margens do nosso majestoso Jacuí, verdadeiro rei dos rios.

O vale do Paraíba está exausto; as margens do rio não tem uma só árvore; a água é escura, as localidades que ele banha são mortas, estão decaídas: Mogi da Cruzes, Jacareí, S. José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Cruzeiro e Queluz - eis a chamada *zona do Norte*, contrastando pelo seu marasmo e pobreza com a opulenta e ubérrima *zona do oeste de S. Paulo*.

O panorama do norte é triste: pobreza, ruína e solidão em tudo. Campos sáfaros, morros aridécidos, terrenos extenuados, arvoredos devastados. O Paraíba correntoso e encachoeirado não permite navegação nenhuma. O horizonte, estreito e denegrido, é fechado pelo maciço pedregoso da Mantiqueira, nu, de cujos rebordos, na divisa do estado do Rio, norteando Queluz, eleva-se, desgracioso, estéril e padrao, a terra, o penedo do Itatiaia, apontando o céu na sua desolação de agulha negra, alto cume, o maior do Brasil, com quase 2.900 metros.

No Estado do Rio, a pobreza do Paraíba aumenta e redobra em desolação. Rezende e Barra Mansa, esses velhos feudos do escravagismo martirizante, ainda revelam o seu feroz passado, atestado pela enormidade de fazendas empobrecidas, com as suas senzalas ermas e esboroadas. Em Cruzeiro, entroncamento da Minas e Rio, a estrada que percorre a zona das cidades de águas, Cambuquira, Lambari e Caxambu, o *vagon, soi disant* de 1ª classe, recebeu um bom troço de passageiros, vindo aumentar o calor e a falta de cômodos; em Rezende, entroncamento da estrada de ferro de Rezende a Arêas, outro reforço.

Finalmente, na movimentada Barra do Pirai, novo contingente despejado pela Sapucaí e outras linhas. O calor abafa, estufa-se com a falta de ar e a nuvem de pó, afumaçando o acanhado ambiente. Para a tarde, a situação melhora.

Por mais fatigada que a gente se sinta, a vizinhança da serra como que tem o misterioso encanto de revigorar, abalando e ativando a curiosidade da pobre vítima da falta de comodidade e conforto das estradas brasileiras.

Verdejando outros campos e matas; a linha férrea começa a contornar serrotes isolados, parecendo evitar alguma cordilheira impraticável, ladeando-a, aproveitando-se de cortes aqui e ali.

Poupa-se cuidadosamente de enfrentar a monstruosidade dos 16 túneis. Mas não há remédio, venceu um, outro muito grande, galgou outro mais, e mais outro.

Aterros sobre vales profundíssimos.

No topo das alturas, palmeiras de folhagem fina agitam-se numa saudação risonha; nas baixadas, a bananeira, como planta modesta, enche os cercados com a sua palma exótica.

O trem desde a Barra do Pirai vem com as lâmpadas de gás acetileno acesas. Há alguma cruzada extensa, por debaixo da terra, algum subterrâneo satânico. Aproxima-se pavoroso momento. De repente, o comboio some-se por uma galeria úmida, tenebrosa e fria. Parece que cada vez mais se entranha lá dentro e que está condenado a um tremendo soterramento, como aquele que descreve epicamente o *Germinal*, no último capítulo.

É o grande túnel de 2.237 metros de comprimento sobre 4m18 de largura e 4m84 de alto. Esta obra gigantesca que consumiu mais de sete anos até concluir-se, é talhada em rocha viva, em resistente granito, e custou mais de mil contos e a vida de trinta e cinco infelizes operários vitimados não só pelas contínuas explosões de pólvora como pelos desabamentos.

Em mais da metade é revestido de cantaria, e em não pequena extensão, de paredes verticais, ora de um, ora de outro lado, nos lugares onde a estratificação da rocha

poderia ameaçar queda; vê-se no restante a face do granito escabroso trabalhada pelos mineiros; dos dois lugares correspondentes aos poços números 1 e 2 cai abundante água.

Tais obras, em toda a alcandorada serra (às vezes a quase 1500 metros), feitas há mais de 40 anos, deveriam, para a época relativamente remota, ter sido uma maravilha da engenharia do século passado.

Quando, finalmente, deixa-se essa *lura* dantesca e o sol, o grande sol dos trópicos, banha-nos o rosto de uma claridade saudosa e vivificante, uma enorme chanfradura no meio da serra chama a atenção para mais outra, de gênero diferente, que também denota extraordinário esforço e habilidade dos seus construtores: é o grande aterro que liga dois penedos fronteiros. É que belíssima perspectiva se contempla!

Um sem número de fragmentos da extensa serrania da qual se destaca essa curiosa agulha isolada, a que chamam o “Dedo de Deus”, na cadeia dos Órgãos.

A descida da serra permite a contemplação entusiástica dos panoramas variados e caprichosos da incomparável natureza das regiões montanhosas do interior brasileiro.

A cada instante o viajor é chamado a admirar tanto a paisagem natural, bosques, águas, vivendas rústicas dependuradas pelas encostas, quanto às obras de arte, que se sucedem como se fossem infindas: cortes curveteando alturas indizíveis, pontilhões, pontes e túneis menores, se bem que um deles tenha 654 metros de comprimento e, como os demais, perfurado em granito ou em gneiss, ou em rocha de origem vulcânica, igualmente dura, rochas que constituem a estrutura da dilatada cordilheira que, no Estado do Rio, assume as diferentes denominações de Tinguá, Órgãos e Estrela, mas que não é mais do que a reentrância desse baluarte de montanhas beirando o litoral do Atlântico, desde a margem direita do Paraíba, perto da embocadura dele, até às cercanias da Conceição do Arroio, com pequenas ramificações isoladas até a ponta de Itapuã e que a geografia pátria denomina de Serra do Mar.

Transposta a borda do planalto, caracterizada pela grandiosa cadeia, o comboio, que é o “rápido de S. Paulo”, redobra a velocidade, e com um furor crescente, como não vira jamais, em nenhuma estrada de ferro, barafusta até o âmago da Capital Federal (permita-se o uso da terminologia das redações oficiais). Pondo termo à vertiginosa entrada triunfal junto à *gare* da Central, animadíssima e profusamente iluminada.



(A *Federação*, Porto Alegre, 10 de janeiro de 1907)

## GUERRA DA CISPLATINA

### I

Dentre todos quantos amam o estudo das antiguidades pátrias e que se dedicam à história bélica do país, poucos haverá que não tenham lido com agrado o notável trabalho da lavra do futuroso tenente coronel D. Amadeo Baldrich, esse brilhante oficial superior do exército argentino, proeminência literária na pátria de Mitre.

Desde que consegui obter e ler a sua *Historia de la Guerra del Brasil* (Buenos Aires, 1905), volumoso livro de várias centenas de páginas, logo me pareceu que tal histórico, profundo e completo sobre aquela longínqua campanha de má hora, e que abalou deploravelmente a incipiente cordialidade entre as duas nações vizinhas, apenas saídas do regime metropolitano, quando nem mesmo ainda haviam consolidado a jornada ingente da sua independência política, germinando rivalidades e emulações infelizmente não de toda apagadas, merecia reparos que ao menos significassem o desejo dos brasileiros de verem uma obra séria, e quase desapaixionada, sobre dolorosa fase da sua evolução social, ainda que a verdade fosse dita por um estrangeiro.

Tem direito de ser bem acolhido o trabalho do sr. Amadeo Baldrich, o eminente historiador da malfadada guerra de 1825, a mais funesta de todas as campanhas sul-americanas sustentadas pelo governo brasileiro, sob qualquer ponto de vista que se a considere. Embora o autor houvesse consumido visível e louvável esforço, a fim de conter o seu transbordante nativismo a saturar tantas das melhores estâncias da *Historia de la Guerra del Brasil*, contudo é a melhor, a mais simpática e a mais exata narrativa militar referente àquela pugna, ou muito esquecida ou muito ignorada, até agora saída de pena platina.

Descontado o pouco de injusto, que o império do bairrismo, de qualquer forma atenuado, não pôde evitar, incontestavelmente o trabalho é ótimo, é de primeira água e leva vitoriosa vantagem a tudo quanto fragmentadamente se há publicado sobre a remota guerra de 1824 entre o Brasil e as Províncias Unidas do Prata, de onde surgiu a independência da República Oriental do Uruguai.

Falece-me competência, para que um amador como eu ofereça as necessárias correções à obra de quem é justamente enaltecido por méritos já provados, na profissão e nas letras, assinalando-se por qualidades tão felizes quão habilmente cultivadas, não sendo menor delas a impetuosa eloquência que não pede meças às irradiações de uma pena fulgurante. O querer eu corrigir lhe a exposição de vários fatos atinentes ao Brasil, reduzindo-os à comprovação da verdade, seria estultice minha ou irritante pretensão que não tenho; mas o procurar a comparação de alguns dados que possuo a respeito desse pleito, que gerações passadas sustentaram armigeramente perante o estranho tribunal da guerra, eis a aspiração modesta que desejo realizar.

É que eu, também andando a recolher informações relativas a esse agitado período que a época presente já permite julgá-lo sem paixões, posso submetê-las, sem imodéstia, à censura dos que conhecem o assunto.

O ilustre autor argentino recorreu a um processo pouco seguido na América do Sul, e com ele conseguiu resultados mais aproximados da verdade dos acontecimentos que com os meios geralmente usados por outros escritores.

É, por assim dizer, um gênero novo. Outrora o historiador militar não tinha fonte mais autorizada para a sua ciência do que a correspondência oficial; as ordens do dia dos comandos, as partes oficiais dos combates, as proclamações dos chefes do exército. Tudo isto é hoje insuficiente, senão suspeito. Conquanto seja até certo ponto método

imprescindível, contudo é preciso muita cautela para que se possa segui-lo afoitamente, com absoluta exclusão de recursos subsidiários, de outra natureza. Mas há uma bem acentuada tendência entre os modernos historiógrafos, de se não fiarem passivamente nas descrições e nos algarismos lançados nos papéis militares de origem oficial em tempo de guerra, porque frequentemente são redigidos com falta de sinceridade e com falta de exatidão.

Ultimamente no prefácio de um curioso livrinho – *Souvenirs d'un officier de la Grande Armée (Modern Bibliothéque Anedoctique et Historique, Paris, 1906)*, advertia o prefaciador a necessidade de desconfiar dos livros e das exposições emanadas das altas patentes militares, dos chefes de exércitos, dos comandantes em chefe, porque quase de ordinário procuram fazer com que todas as glórias recaiam sobre si, com completo desdém dos demais, sem escrúpulos de falsearem a exatidão dos sucessos, quando, aliás, em muitas ocasiões são eles verdadeiros criminosos, que para encobrir a falta pela qual deveriam ser punidos, contam os fatos ao sabor das suas conveniências. Entretanto, percorrendo arquivos particulares e folheando papéis de família longamente esquecidos e sepultados no pó e na velhice, consegue-se a elucidação de verdadeiros mistérios e a solução de problemas propositadamente deixados sem ela durante tempos infindos.

São os diários de campanha escritos por contemporâneos “os esboços autênticos em que se registram pelo lápis das testemunhas ocasionais (escrevi alhures), fatos imprevistos, episódios íntimos e cenas estranhas, que a documentação e a correspondência oficial, adstritas a um convencionalismo de etiqueta, corariam em reproduzir, mas que sem isso se não poderia recompor a psicologia de algumas figuras de soldados”.

Não que o autor procurasse obter os curiosos auxílios dessa ordem para com eles escrever uma narrativa pitoresca, saturada de anedotas; ele, como Albert Vandal, como Albert Sorel, como Henry Houssaye, como todos esses notáveis historiadores franceses da revolução e do Império, socorreu-se dessas fontes privadas e desconhecidas do vulgo, para dar força e segurança às suas investigações, sobretudo naquilo em que os papéis oficiais, tanto da Argentina como do Brasil, não são verídicos.

O tenente coronel D. Amadeo Baldrich teve ao seu dispor muitos documentos inéditos e particulares existentes em poder das famílias de alguns cabos de guerra da ordem daqueles de quem diz Edouard Gachot (*Mémoires du Colonel Delagrave*), fazendo alusão a desconhecidos e obscuros heróis do ciclo napoleônico, não lhes ter faltado nem bravura nem talentos militares para que chegassem às altas dignidades imperiais de que foram cumulados os marechais, mas simplesmente lhes ter faltado aquela boa estrela (*chance*) que levou Murat e Bernadotte ao trono.

Há neste livro um esboço muito penetrante e muito vivo das três personagens platinas mais em evidência ao tempo: Rivera, Lavallega e Alvear.

O desenho da figura de d. Fructuoso Rivera é carregado; o contorno do famoso gaúcho é traçado com aspereza, sem querer dizer de forma alguma que ao artista houvesse faltado talento e arte. A personagem é que é tratada com dureza e rigor, de uma maneira própria da escola naturalista, apresentando-nos um Rivera tal qual deveria ter sido: um caudilho ignorante, ambicioso e autoritário, um anarquizador analfabeto e incoerente, um falso. “*Y cosa rara! No era um ginete. Tampoco sus antecedentes acreditaban valor personal, aunque si colectivo*”. É uma individualidade enigmática e sombria, que a pena emérita de Amadeo Baldrich trata com energia, apeando-a da eminência que o caudilho a elevava. “*Como militar no es posible estudiarlo. Lo ignoraba todo y todo repugnaba reglarlo o meditarlo para encubrir su absoluta ignorancia del arte de la guerra. Todas sus empresas son correrias, sorpresas y encuentros inmeditados tecnicamente. Ya hemos aseverado, con el testimonio de su tiempo y de sus hechos, que no era um bravo*”.

Abranda-se mais o lápis para o desenho de perfil de Lavalleja. É, como Rivera, um caudilho cheio de ambições e de intransigências, completamente ignorante, rancoroso, mas bravo e honrado. “*Lavalleja y Rivera, tan semejantes en ciertos sentidos, difieren fundamentalmente en otros, por más que en ciertos momentos la luz de los acontecimientos les bañe en una coloración única, o las sombras de ciertas situaciones los envuelva en las mismas tinieblas*”. Todavia, Lavalleja era por todos os modos superior ao outro, *hasta por las gentes sanas y patriotas que le rodeaban*.

D. Carlos de Alvear ressalta, porém, em admirável relevo, destacando-se de todos os outros tipos. General exímio, chefe de uma energia rude, mas necessária na guerra, ilustrado, talentoso, foi, incontestavelmente, um homem superior e o maior soldado do seu tempo em toda a América. Digamo-lo assim, sem preconceitos.

Passaremos agora à parte mais importante do livro, aquela em que o eminente autor, estudando a composição das forças no Ituzaingó, em 20 de fevereiro de 1827, com muita habilidade e um inesperado delíquio de nativismo, insinua injustamente que o exército argentino compareceu naquele dia memorável, numerando muito menos que o brasileiro.

## GUERRA DA CISPLATINA\*

### II

Prestou muita atenção o douto historiógrafo Baldrich ao efetivo dos exércitos beligerantes que se enfrentaram em Ituzaingó, sem dúvida a batalha mais sangrenta de todas quantas se feriram no solo rio-grandense.

E não lhe foi tarefa fácil, porque, quanto à Argentina, os documentos oficiais dignos de crédito, até então não tinham sido folheados, reinando verdadeira discordância entre os historiadores; quanto ao Brasil, passaram-lhe despercebidos os poucos que se não perderam conjuntamente com a bagagem do exército na hora aziaga da batalha; e se lhe escassearam papéis de fonte oficial mais ainda as informações inéditas e algumas publicações contemporâneas dos acontecimentos, tais como várias obras alemãs. Também não pôde conseguir informações autênticas que o instruissem acerca da totalidade das forças uruguaias aliadas dos argentinos.

Resultou que o ilustre autor nem mesmo quanto à sua pátria pôde falar com segurança nesse melindroso assunto. Na falta de provas inconcussas, o comandante Baldrich teve de recorrer às hipóteses, aos cálculos aproximados, às deduções incertas.

Assim é que a afirmativa feita à p. 339 - *el ejército de Alvear no presentó sobre el campo de batalla arriba de siete mil combatientes de toda arma* - deixa dúvidas sobre a sua rigorosa exatidão, fazendo crer que o autor se deixou seduzir demasiadamente por estranho otimismo, indesculpável num espírito já acostumado à imparcialidade e à emissão de juízos seguros e desapaixonados. Pouca fé merece a conclusão a que chegou o ardente escritor platino, baseado na incompleta instrução ministrada pelos arquivos de sua pátria, porque ele mesmo se incumba de erigir a dúvida. Vê-se das relações numéricas insertas desde a p. 588 até a p. 595 que faltam os efetivos de alguns corpos. Se os regimentos de cavalaria argentina compunham-se de três esquadrões e cada esquadrão subdividia-se em duas companhias, não é possível que o 3º, o 4º, o 8º, o 16º e o de *colorados* constassem só a totalidade assinalada nas relações aí publicadas, com falta da composição e efetivo do 3º esquadrão.

---

\* *A Federação*, Porto Alegre, 19 de janeiro de 1907

É verdade que a soma de todos os quadros fornecidos por essa relação produz 6.090 homens de linha, entretanto seria muito maior se aqueles mapas não houvessem omitido o efetivo dos corpos acima cotados. É um indício veemente de que o exército argentino era maior do que pretende o sr. Baldrich.

E o tal efetivo de 6.090 homens, já de si assaz reduzido, o autor ainda tenta rebaixa-lo, atribuindo a rebaixa às muitas deserções e doenças. Rebusca arquivos particulares, pede informações oficiais à República Oriental, e nada consegue; começa, então, a opor dúvidas sobre a exatidão da cifra fornecida pelos seus predecessores quanto aos 2.600 homens que formavam a milícia oriental e termina acreditando que apenas 1.500 orientais formaram no campo de Ituzaingó, sobretudo porque muitos desses milicianos regressaram à banda oriental, conduzindo grandes levas de gado vacum e cavalos, fruto de saques e espoliações levadas a cabo por eles e pelos grupos de gaúchos e de mulheres que acompanhavam a tropa.

E, empregada toda a sagacidade do estimável autor no acúmulo de algarismos e na extraordinária redução nos efetivos para chegar ao total geral dos sete mil aliados, faria suspeitar que o fim que teve em vista seria o de atingir o mínimo da totalidade em relação às forças da sua pátria e o máximo em relação ao Brasil, se o sr. Baldrich não fosse pessoa de tão alta idoneidade. E que importava fosse belo e límpido o estilo, florida a facúndia e delicada a maneira de elevar a pátria, sem de leve ofender a rival, ainda que em uma ou outra estância, transpareçam nos laivos de mau humor?... Aqui deixou de ser imparcial.

Nos dados oficiais brasileiros, o eminente escritor não confia senão quando assinalam alguma defecção ou algum revés. Fora disso, não valem nada, sejam informações oficiais, sejam particulares.

Refugadas essas duas fontes, únicas admissíveis, o autor fez-nos o favor de acreditar, não sem alguma relutância, na seguinte base orgânica do exército imperial em operações no Rio Grande: nove corpos de cavalaria de linha (o 20 e 24 não eram de primeira linha), cinco batalhões de infantaria, um de artilharia e duas divisões de cavalaria milicianas ou de segunda linha. Logo, porém, renuncia tudo quanto procede de origem brasileira no tocante à composição dessa base e prefere confiar no seu arbítrio, para arbitrariamente conferir a cada corpo a média de 500 homens, tolerável, quiçá, para a infantaria, mas exageradíssima para a cavalaria e para a artilharia.

Também me inclino a não confiar cegamente no que dizem os documentos oficiais em tempo de guerra; compara-os com os do inimigo e com as notas particulares. Se da comparação resulta mais ou menos alguma identidade de dados, se combinam, se não se distanciam sensivelmente, é que são verídicos e merecem fé. Tudo vai do critério com que se cotejam os papéis oficiais com os não oficiais. E de comparações dessa ordem, serenamente empreendidas, resulta que as forças brasileiras reunidas no Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827, data imperecível, não atingiam a mais de seis mil e poucos homens; nunca 8.500 como proclama o comandante Baldrich.

Os batalhões de infantaria brasileira, ou fossem de granadeiros ou fossem de caçadores, compunham-se de 6 companhias numerando 100 homens cada uma; os regimentos de cavalaria também se compunham de 600 homens, distribuídos em 4 esquadrões e cada esquadrão com 2 companhias. Corpos regulares de artilharia não os tinham; apenas nas fortalezas e nos fortes estacionavam companhias fixas de artilheiros com 8 peças por bateria; logo, não havia no exército do sul nenhum regimento dessa arma; operou no campo de batalha no Ituzaingó simplesmente bateria e meia (12 canhões) com 240 praças.

Todos aqueles corpos de infantaria e de cavalaria acham-se profundamente desfalcados, devido à incúria da administração superior da guerra, entregue ao inculto conde de Lages (brigadeiro João Vieira de Carvalho), e à incapacidade do general a quem

incompetentemente incumbiram da organização desse exército. Era o brigadeiro Damasceno Rosado, cuja falta de critério e a irrisória pretensão de ser um grande cabo de guerra revela-se com a seguinte ocorrência, que deixa em dúvida se o homem era um pobre ingênuo ou um estulto maior da marca. Julgava-se muito parecido com o célebre marechal francês Massena, seu conhecido das guerras napoleônicas na Península Ibérica e, porque se chamava Damasceno, entendeu o herói em miniatura o poder transformar-se em um novo Massena; e tão convicto ficou da realidade que passou a assinar todos os papéis com o nome *Massena Rosado!* Faltava ao Brasil um Alvear; ao passo que os generais Lecor e Manoel Jorge permaneciam com as suas avultadas falanges, interceptadas de toda e qualquer operação, dentro dos muros de Montevideu e da Colônia, de cujo abrigo jamais saíram, o suposto Massena deixava agonizar as forças ao seu inepto comando no famoso acampamento de Sant'Ana.

Foi uma época sombria a enlutar as páginas da nossa incipiente história militar aquele trágico núcleo onde se esfacelava diariamente o exército do brigadeiro Rosado, em fins de 26 e em começo de 27. Comprimido num acanhado recinto sem água e sem arvoredo, tinha fome e frio e dizimavam-no a peste e a vermina. Além disso, combatido e desmoralizado porque lhe faltavam armas, pão e soldo, uma surpresa do inimigo tê-lo-ia esmagado ali mesmo, se o general Rosado não houvesse sido substituído no comando em chefe.

As privações sofridas por essa tropa são páginas martiriais, de uma energia dramática que nos hão de envergonhar enquanto nos lembrarmos delas.

Setecentos soldados lá ficaram enterrados “quase de fome, sem hospitais e sem medicamentos” referia uma testemunha ocular, o inolvidável Osório, cinquenta anos mais tarde, na tribuna do Senado.

O melhor historiador dessa esquecida pugna, o insuspeito alemão, contemporâneo dela, que escreveu o curioso livro *Beiträge zur Geschichte des Krieges zwischen Brasilien und Buenos Ayres in den Jahren 1825, 26, 27, 28*, resume, à p. 97, todo aquele poema de dor no seguinte período: “Encontrava-se a divisão do general Rosado com as forças trazidas do Rio de Janeiro, numa quase dissolução (*Auflösung nahe*); com o rigor do inverno a que não estavam habituados, a roupa rota, sem soldo.... uma grandíssima parte da tropa pereceu de fome e miséria (*starb ein grösser Theil der Mannschaft rein aus Hunger und Elend*)... e a restante lutava enfraquecida de tanta desventura”.

Tamanho infortúnio deu lugar a que as deserções recrudescessem escandalosamente, de maneira que no começo de 1827 não havia um só corpo de cavalaria que exhibisse uma relação de mostra completa; poucos iam além de trezentas e cinquenta praças. A média seria, então, de 450 praças por batalhão de caçadores (pois se o 3º, 4º e 27º contavam mais de 500, já o 13º e o 18º apenas alcançavam trezentas e poucas); a média para a cavalaria era 300 homens por um regimento. O mais numeroso era o 1º de cavalaria com 368 homens e o mais desfalcado o 4º com 256. A cavalaria baiana, de tão triste fama, não era regimento, apenas um esquadrão.

Como bom militar que é, o coronel Baldrich há de convir que em tempo de guerra, quando as operações já vão adiantadas em mais de ano, não pode haver corpo que não esteja seriamente desfalcado.

## GUERRA DA CISPLATINA\*

### III

O único período nas partes oficiais do comandante brasileiro que merecem crédito, em tratando da batalha de Ituzaingó, foi aquele em que o Marquês de Barbacena assinala a indecorosa fugida de 1.500 combatentes do posto de sacrifício e da honra do soldado.

Nem assim. Concedendo tão pouco, o sr. Baldrich deixou de descontar pelo máximo. Fez-se pagar com uma usura que agradaria a Shylock.

Conforme dissemos anteriormente, o douto escritor tornando divisíveis aqueles documentos, apropriou-os ao sabor do seu ponto de vista, sem ter querido dar com a falta em que incidia. Os 1.500 fugitivos da linha de fogo não constituíram a vanguarda, nem eram exclusivamente milicianos, como o escritor procura inferir “de uma das partes oficiais de Barbacena”, e menos ainda pertenciam na totalidade às forças de Bento Gonçalves e às forças de Abreu. Infelizmente, engrossavam a hoste envilecida legionários de todas as tropas. O que, porém, não se pode permitir sem protesto é que o sr. Baldrich queira concluir daqueles documentos que a brigada de Bento Gonçalves se compusesse de 1.000 homens e que, toda ela, houvesse fugido.

Em três documentos (parte oficial datada de 25 de fevereiro de 1827, carta de 2 de março endereçada ao brigadeiro Cunha Mattos e proclamação de 20 de março), o Marquês, com justa indignação, alude aos desbriados fugitivos que, numerando cerca de 1500, desampararam a causa do Império no momento mais trágico dos seus incipientes anais; mas se em todos esses papéis assegura o chefe do exército que eram 560 milicianos de Abreu, quase todo o regimento 24, os lanceiros do Uruguai (que mais não eram que um esquadrão) e “mui considerável número de soldados de todos os corpos que se haviam recrutados na província”, pode o contemporâneo carregar a tal responsabilidade da defecção nos dois citados cabos?

A coluna de Bento Gonçalves (a quem o sr. Baldrich chama ordinariamente de Bento *Manuel* Gonçalves), formava-se do regimento 21, de milicianos, sob o mando do tenente coronel Henrique Rabello; do 39, sob o mando do coronel (depois brigadeiro) Bonifácio Calderón e do referido esquadrão uruguaio. Recuou, é certo, este esquadrão e do regimento de Calderón retiraram-se do ardor da refrega uns 200 homens, levando aquele comandante à frente, mas em boa ordem, tomando rumo certo, o que foi antes por traição que por covardia ou derrota. Permaneceu, aliás, firme todo o 21, e o heroico Bento Gonçalves, que jamais, em tempo algum, seria capaz de fugir, até operou feitos de valor nas suas repetidas facções, tendo sido elogiado pelo marquês, na parte oficial enviada ao Ministro Lages.

Agora, se o eminente escritor abater, como deve, do número dos 1.000 homens, que empresta a Bento Gonçalves, 500 deles; se abater dos seus 8.500 que arbitrariamente confere ao total da tropa brasileira, a brigada de Bento Manoel, forte de 1.200 homens, que inexplicavelmente se conservou a nove léguas longe do teatro dos acontecimentos; e se conceder a média de 300 homens, e não de 500, como a componente - verá que o exército brasileiro quando na manhã de 20 de fevereiro estendeu em linha de batalha, numerava pouco mais de seis mil e quinhentos homens.

A atual geração brasileira já encara sem paixões os homens daquela época remota, e proclama altivamente a inferioridade dos seus principais cabos de guerra, reconhecendo que nem Lecor nem Barbacena valiam um Alvear. Portanto, não é por capricho, fantasia ou nativismo que se vê com pesar um homem da eminência do sr. Amadeo Baldrich não

---

\* *A Federação*, Porto Alegre, 1 de fevereiro de 1907

ter querido manejar aqueles algarismos com serenidade e a imparcialidade que se devia esperar de tão conspícuo escritor.

E, a propósito, convém dissipar lhe um outro engano em que, fatalmente convencido de uma crença obtusa, julga que mapas “suprimem o arroio Ituzaingó, ou lhe dão outro nome, obedecendo sem dúvida a uma pueril debilidade patriótica, como se pudessem riscar da história os feitos históricos”.

Ignora o sr. Baldrich uma coisa: o tal Ituzaingó é um riacho tão insignificante, uma verdadeira sanga, que os mapas, quase sempre dependentes de elevada escala, não no podem figurar. Demais, no Rio Grande, nunca se deu a esse ribeiro aquele nome, totalmente desconhecido e que estou inclinado a crer uma criação do D. Carlos de Alvear, conhecedor da paragem desde o tempo em que foi hóspede de um estancieiro daquela região. No Brasil foi sempre comum designar o acontecimento bélico de 20 de fevereiro por *batalha do Rosário*, em razão do passo do Rosário, sobre o Santa Maria, em cujo terreno se feriu o sangrento recontro. Se há alguma fraqueza patriótica, certamente que ela dever ser interpretada de maneira oposta à que incorreu no azedume do douto historiógrafo, pois os brasileiros, na verdade, foram fracos, renunciando a tradição conservada pelos seus maiores, para adotarem a corrente platina, e ultimamente também viemos a chamar a batalha do Ituzaingó, naturalmente por motivo da influência das ideias e dos costumes do Prata sobre os rio-grandenses da fronteira. Deve ser antes uma lisonja para os argentinos.

Direi agora do marechal Gustavo Henrique Brown.

Narra d. Amadeo Baldrich à p. 219: “*Bräun no ha existido, pero se al reputado militar inglés Gustavo Henrique Brown, contractado en Londres ... para Alvear y para muchos otros de los actores de la guerra, de una y otra parte, y de los que entonces escribieron sobre ella, Brown se transformó en Braun*”.

Merece deplora-se o eloquente prosador argentino não ter tido fonte melhor. Infelizmente todo aquele período representa uma vacuidade deplorável, uma vã hipótese que não resiste a mais simples controvérsia.

Possuo escrita pelo próprio punho de um filho daquele guerreiro, o Sr. Constantino von Braun, atualmente coronel do exército alemão, segura informação com que quis honrar a um questionário que lhe dirige faz pouco tempo.

Efetivamente, aquele soldado chamava-se Gustavo Henrique Gottlib von Braun. Nasceu em Annaburg, sobre o Elba, em 1775. Era filho de um general Von Braun, ao tempo comandante da guarnição de Berlim; assentou praça no regimento de caçadores do comando do príncipe de Loewenstein, o qual regimento mais tarde passou ao serviço de Inglaterra, quando foi da vez da campanha da Holanda.

Deram, então, ao regimento a numeração 60, e quando rompeu a guerra Peninsular foi mandado operar em Portugal, conjuntamente com o exército de Beresford.

Já os ingleses haviam nacionalizado Braun para Brown. Em 1815, vindo Beresford ao Brasil, a conferenciar com o rei d. João VI, o coronel Brown acompanhou aquele marechal.

Brown agradou-se de tal forma do Brasil que assentou logo o plano de passar ao serviço deste país, o que, aliás, só conseguiu em 1826, em virtude de contrato realizado nesse ano com os plenipotenciários brasileiros, por essa época na Europa.

O marechal Brown posteriormente veio a sofrer enormes contrariedades com o resultado dessa guerra e, rescindido o contrato, voltou para a Europa, falecendo em Dresde, em 1859.

Não tivesse sido ele, ineptamente, substituído no comando do exército do sul em 1828, pelo já velho e cansado Lecor, que o sucesso daquela imprevidente campanha poderia ter sido diverso do que foi...

---

Termina o livro por bonitos períodos em que o autor, num estilo alado, faz a apologia da confraternização das repúblicas sul-americanas e especialmente da Argentina, do Uruguai e do Brasil. De perfeito acordo. E, é bem certo, não há de ser o Brasil o causador da ruptura da paz americana, se algum dia surgir uma guerra de extermínio no seio deste continente.

A civilização moderna tende a ser, sobretudo, industrial e econômica; visa novos horizontes; vai consoante à fórmula do publicista Olindo Malagodi: “*La ricchezza di una società non consisti più, per così dire in materia, ma in energia; la ricchezza di una società é ora la sua potenza organiza di lavoro, l’immenso macchinario della sua attività*”.

ALCIDES CRUZ



## Dr. GRACIANO ALVES DE AZAMBUJA

### I

Foi dos mortos mais lamentados do ano de 1911, Graciano Alves de Azambuja. E assim foi que com o desaparecimento de dois dos seus filhos ilustres, ele e Germano Hasslocher, em intervalo próximo, o Rio Grande do Sul satisfez à morte o pagamento de um tributo superior às suas forças.

O dr. Graciano de Azambuja faleceu no dia 7 de julho de 1911, em Porto Alegre, onde nasceu em 9 de agosto de 1847. Pertencia ele, em grau apertado, à antiquíssima família Azambuja, contemporânea da fundação e primeiro povoamento do Rio Grande do Sul.

Cá recebeu toda a instrução primária e secundária, a qual foi sólida, bem dirigida e melhor aproveitada. Depois, em São Paulo, dentre uma geração cheia de nobres estímulos e destinada a merecido renome, tendo por amigos e contemporâneos Pizza e Almeida, posteriormente célebre magistrado e Paranhos, o futuro chanceler Rio Branco, bacharelou-se em direito o conhecido rio-grandense Graciano Alves de Azambuja.

Se o diploma desta matéria satisfazia ou não as suas tendências, aspirações e naturais inclinações, ele próprio tinha embaraço em responder. No fundo, é de presumir, a vocação para a atividade jurídica fracamente se lhe definia; e só a poder de muita energia, firmeza e inexcedível sentimento de deveres a cumprir, conseguiu exercê-la com o mais assinalado êxito, tornando-se notável advogado e indiscutida autoridade forense.

Ouvimo-lo referir, nos últimos tempos, já em repouso da gloriosa carreira de advogado, que a sua natural vocação fora outra, - a da matemática; porém que não lamentava o ter-se dedicado ao direito porque ao menos conseguira alcançar uma relativa independência, ao passo que na engenharia teria chegado ao fim da vida sem jamais ter passado de mero empregado público. Então, aconselhava-nos nunca deixássemos a advocacia, como sendo uma das poucas profissões que, não exigindo o direto emprego de capital, pode levar, honestamente, o indivíduo, à largueza de recursos.

Na abastança, ele não entrevia o meio de alcançar os gozos materiais da vida, mas o de atingir a independência e, neste estado, aliás, tão relativo, prestar serviços à sociedade em que se vive. Não podia conceber a missão do homem sem funções a exercer, sem deveres a cumprir, porém condicionados a uma necessária e ampla liberdade de ação, onde lhe não fossem impostas obrigações contrárias ao seu modo de pensar e sentir.

Este frio sentimento, de uma ativa liberdade de movimentos de qualquer ordem, ele o cultivou intensamente, com o cuidado de quem cultiva uma flor de rara delicadeza e de alto preço. Para guardá-lo intacto, temeu envolver-se na política partidária, onde só, hesitante e tímido, militou efemeramente, sentindo-se contrariado.

Na propaganda republicana, de 1882 a 1889, é certo, não se alistou nela, mas pareceu ter simpatias por ela, julgando apenas prematura a causa. Entretanto, era um grande amigo dos melhores propagandistas, então chamados *novos*: e Júlio de Castilhos, Ernesto Alves (ambos os quais se iniciaram na advocacia sob os auspícios dele), Ramiro Barcelos, Álvaro Chaves, Antão de Faria e outros formaram roda em torno de Graciano de Azambuja, que o tinham na conta de um mestre.

Agora, por último, totalmente divorciado da política, nenhum entusiasmo lhe inspirava a forma republicana; já prostrado no leito fatal, de onde não se levantaria mais,

ouvimo-lo dizer “que o maior pesar que levava desta vida era o de morrer sem ver a restauração da monarquia em Portugal”.

Convencido, desde moço, da esquisita verdade, entrevista há tantos séculos, pelo melancólico filosofante da criação shakespeariana, de que o mundo é um teatro, onde todos nós, homens e mulheres, somos os atores, cada qual a representar não um, mas diferentes papéis, o dr. Graciano retraiu-se cedo, renunciando os esplendores de uma vida aparatosa, de uma carreira fulgurante, que a sua enciclopédica ilustração, o seu aprimorado sentimento de justiça e a sua intuição dos deveres cívicos lhe asseguravam, fazendo dele um triunfador.

Há na vida desse homem superior alguma nuvem que, tendo concorrido para essa resolução súbita, tivesse influído de modo salutar para ele e para a sociedade em que passou os seus dias?

No Brasil, é raro o homem público, mesmo desligado de compromissos partidários, capaz de ficar isento de injustiças e desgostos, poupando-o desses dissabores a que, em regra, só escapam as mediocridades. E são felizes aqueles, como Graciano de Azambuja, que, tragando o fel das injustiças, não estacam e, fiéis a princípios definidos, caminham para um fim, nobremente persuadidos de uma missão a cumprir!

## II

Retraído, o dr. Graciano de Azambuja, bem longe de imobilizar o espírito, de fossilizar-se, de anular-se, mergulhou, cheio de fé, na cultura das suas admiráveis faculdades intelectuais, achando um saudável derivativo contra imperiosos preconceitos, que nem sempre fortalecem a sociedade moderna.

E como soube reagir vitoriosamente contra falsas e rancorosas apreciações de que era vítima ilustre!

Assim foi que, sem embargo de ser portador do título de bacharel em direito, numa época em que a superstição pelo diploma acadêmico era obstáculo a que o titular dele exercesse profissão diversa, considerada subalterna, ainda que rendosa, e honrada como as que mais o forem, não trepidou em desempenhar a modesta escrivania dos feitos da fazenda, alicerçando em boa hora, com essa previdência que caracteriza todo o homem bem equilibrado, um futuro risonho, para que pudesse ter à sua inteira disposição tempo e liberdade para os estudos e as leituras da sua predileção.

Ao tempo, o fato quase causou escândalo. Ninguém quis compreender quanto tinha de natural essa prática reveladora da positiva intuição que do mundo tinha o dr. Graciano.

Não foi mais que uma antecipação. Hoje, nenhum comentário teria suscitado fato idêntico.

No entanto, ele, homem de programa definido, tinha uma diretriz a percorrer até alcançar o alvo, e por ela prosseguia sem desvios nem vacilações.

Estudava, lia muito, meditava sempre e aparecia como homem de saber. Não só se preparava solidamente para ser o emérito advogado que foi depois, como o adiantado publicista, que tanto ensinou. Calava ele a crítica maléfica, lecionando a juventude que se destinava aos altos estudos, geometria e filosofia, cujas modernas doutrinas professadas por Bain, Spencer, Taine e Mausley, recém-conhecidas no país, ele adaptando-as no que era possível, ia vulgarizando-as já na aula, já na imprensa.

É igualmente extraordinário que não dispondo das qualidades próprias para a popularidade do jornalista, tais como o ímpeto da polêmica, cintilância do estilo, a audácia da frase, o esmalte da forma, sem as quais tudo é em vão para o sucesso, mesmo assim a imprensa atraísse Graciano de Azambuja.

Amava-a, foi jornalista indefesso; e não há uma folha porto-alegrense destes últimos quarenta e anos em cujas colunas não semeasse os frutos das seus vastos conhecimentos. Submetido esse aspecto da sua atividade ao característico diretor da sua personalidade, e encarado como um fenômeno cuja causa se procura descobrir, resulta que ele se servia da imprensa antes como instrumento de propaganda das suas ideias, que para satisfação de gostos literários.

De temperamento frio, próprio do homem de ciência, espírito refletido e sereno, no jornalismo se distinguiu pelo extraordinário bom senso com que manifestava sobre o assunto submetido à sua consideração, pela profundidade com que discutia e pela preocupação em só tratar de coisas úteis e aproveitáveis.

Por índole fugia à polêmica; mas uma vez arrastado nela, era um adversário terrível pela dialética, uniforme e severa, sem temer que no ardor da luta fosse preciso o sacrifício do próprio sangue, contanto que o adversário caísse, repulsado, mortalmente ferido.

Mas ainda mesmo que lhe fossem peculiares os requisitos de cor, de calor e de plástica, só porque eles criam a popularidade, provocam os aplausos e caem no gosto da turba, ele os teria renunciado; fugindo sistematicamente às manifestações da massa impulsiva e ignorante, desdenhava a lisonja inconsciente e flutuante, como passageira que é.

É desnecessário recordar que odiava a declamação, sobretudo vazia e espetaculosa. Vivendo para o estudo, àquilo que não tivesse o cunho da durabilidade ou a que faltasse método, era infenso.

### III

Como o insigne seiscentista, que o visconde de Castilho definiu numa frase, tinha sempre os olhos voltados para a alma, para dentro de si.

O exame da sua psicologia complexa, feito com uma sutileza que de todo nos falta, haveria de descobrir que, não obstante ser ele um esquivo às públicas manifestações, às grandezas mundanas, ao ruído em roda de si, mau grado tudo isso, o dr. Graciano não era indiferente ou insensível a muitas emoções, cada qual mais própria do homem moderno e que por isso fica obrigado a satisfazê-las. O que, porém, deve ser sabido, é que, amando certas criações da natureza, preferia gozá-las sozinho.

Tinha um profundo amor à paisagem, às flores e aos pássaros.

Durante muitos anos, mal se manifestavam as implacáveis calmas de janeiro e fevereiro, quando as ruas da capital escaldam sob um sol africano, ele munia-se de um *Kodak* e saía a excursionar, demorando-se em vilegiaturas pelo litoral Atlântico, por vezes fixando-se na vila de Torres. Também o encantavam certos trechos da zona colonial antiga, como a cascata do Bom Jardim. Ainda no verão passado, insistira com o autor destas linhas, a que o acompanhasse numa estranha e sobre tudo incôfortável excursão à inóspita paragem, onde a saúde dele, extremamente sensível, haveria de correr perigo. Desejava no decorrer do pretérito janeiro, aproveitando-se da via férrea S. Paulo - Rio Grande, ir até a ponte do rio Pelotas e aí, durante uma semana, demorar em plena mata, para adquirir conhecimento de uma região ainda pouco explorada!

Por fim, o projeto da original excursão foi substituído por outro, o de uma estação de águas no Estado de Minas, igualmente não realizado, por impedimento à última hora sobrevindo; mais tarde, quando se dispunha a empreendê-la, tendo já acertado o momento, sobreveio-lhe, inesperadamente, o mal que o vitimou em poucos dias.

Não houvesse sido esse o triste desenlace, que ao talento do dr. Graciano de Azambuja estava reservada nova fonte de aperfeiçoamento. A viagem a Minas seria

prolongada por outra à Europa, onde poderia fazer comparações, ver aquilo que já conhecia através dos livros e julgar melhor.

Para o seu estado de saúde e anos, já ele considerava uma temeridade a execução desse plano e receava empreendê-lo sem que alguém o acompanhasse. Não seria essa a primeira vez que se ausentava do país; todavia pressagiava mal a qualquer demora no exterior, temendo achar-se, de um dia para outro, isolado em nação estrangeira, lembrando-se que na América do Norte já havia adoecido seriamente.

Consoante o seu hábito de guardar para si as suas resoluções, tinha resolvido não divulgar essa secreta tenção. E explicava-nos: - “O melhor é fazer como o dr. Olinto que, a pretexto de assistir no Rio a um congresso médico, de lá embarcou para o estrangeiro. Ou como V. que de Porto Alegre partiu dizendo simplesmente que ia acompanhar sua mãe a S. Paulo”.

Como floricultor emérito, o amor às flores, especialmente parasitas, rosas e cravos, o levou tanto à organização de riquíssimas coleções, como ao estudo da botânica, em que se aprofundou, adquirindo, nesse ramo da biologia, um seguro conhecimento, estranho a todos quantos não são profissionais em ciência natural.

Quando, já rico, resolveu deixar o exercício da advocacia, repousar dos desfibrantes labores dessa afanosa carreira e mudar-se para a opulenta fazenda que possuía na Barra do Ribeiro, mandou vir dos Estados Unidos o que de mais recente os zoólogos americanos tinham publicado sobre a ornitologia e o respectivo canto dos pássaros.

Há a admirar nesse homem extraordinário, a facilidade com que assimilava tudo quanto lia e a brevidade de tempo em que essa leitura, diversíssima, se espalhava pela vasta quantidade de jornais, revistas e livros, quer nacionais quer estrangeiros.

Estando em correspondência com livreiros e muitos sábios estrangeiros que encontrara quando foi da Exposição de Chicago, onde com honroso destaque representou o Brasil, não aparecia artigo ou livro a respeito do Brasil que não lhe enviassem. E lendo-os, não só corrigia as inexatidões, como da correção dava pronta ciência ao respectivo autor. E quanto tempo e trabalho consomem a leitura, as anotações e a correspondência com o exterior?

O respeitado geólogo norte americano dr. João Casper Branner, vice-presidente da Universidade de Palo-Alto (Califórnia), o mais bem informado sabedor e escritor da geologia brasileira, não tinha no Brasil melhor correspondente que o dr. Graciano. Do mesmo modo, o ilustre botânico sueco Lindmann, autor de um ótimo estudo da flora rio-grandense, cuja publicação no vernáculo só a ele é devida. Do célebre romancista Huysmans recebeu o *A Rebours* com dedicatória autêntica. E bem assim com vários institutos científicos norte-americanos se correspondia regularmente.

A diversidade de aptidões, distinguida em muitos homens eminentes, Graciano de Azambuja, pela variedade de conhecimentos e a multiplicidade de matérias de que tratou, fá-la recordar, com a vantagem de que ele era um bacharel em direito, formado num meio acanhado e num curso atrasado, tal como o de S. Paulo naquele tempo, dando assim vibrante ideia da energia do seu esforço, da solidez do seu método, da direção das suas nobres aspirações.

#### IV

Dotar o Rio Grande do Sul de uma publicação periódica, inspirada por ele e com uma feição toda dele, era o seu maior desejo, havia bem uns cinco lustros.

Seguro conhecedor do meio em que vivia, Graciano de Azambuja não era tão ingênuo que não previsse logo, que a terra não comportaria uma revista, nem mesmo da índole das chamadas *magazines*.

Já, porém que o periódico não podia ser nem trimestral, nem semestral, ao menos que fosse anual. E praticamente havia uma única forma a dar-lhe, a de almanaque. Só assim, poderia vingar a empresa. Amadurecida a ideia, a propriedade foi imediatamente esposada pela antiga firma editora Gundlach & Cia., hoje Krahe & Cia., que assim se tornou benemerita, amparando aquela modesta causa, mais tarde estimulada, aplaudida pelos competentes, imitada por outros, e que, afinal, após vinte e oito anos de indefesso labor, nenhuma compensação material tem outorgado àqueles honrados livreiros.

O *Anuario* surgiu com o programa certo, jamais renunciado, cumprido à risca e sucessivamente melhorado; e impondo-se a escolhido mas pequeno número de leitores, seus fieis favorecedores, conseguiu fazer-se conhecido não só no Brasil como no estrangeiro. Se não é uma publicação literalmente popular, o que é certo é que a sua clientela, conquanto resumida, é seleta, constituída de verdadeira elite científica.

Foi o *Anuario* a grande arena onde Graciano de Azambuja, revelando-se o primeiro agrônomo rio-grandense, sustentou tenazmente e, por muito tempo, só, sem importar-se com o espírito negativista do meio, essa fecundíssima campanha pacífica em prol do renascimento da agricultura rio-grandense, própria de um verdadeiro patriota, abnegada alma, dessas que só visam o bem estar da sua terra, esquecendo ambições, vencendo egoísmos, transpondo obstáculos. E, tudo isso, sem esperança alguma de qualquer paga.

Orientado por este norte, a que espontaneamente se traçara, foi ao terreno da experiência e desviou copioso cabedal dos seus haveres na aquisição de castas de videiras desconhecidas no Estado e plantou e observou e estudou e ensinou, até que, por fim, conseguiu romper a espessa mole da indiferença popular e chamar a atenção para a cultura da vinha, acabando com a rotina até então mantida neste futuroso ramo da pomicultura.

Ao cabo de vinte e cinco anos de profícua atividade diretora d'*O Anuario*, renunciou-a, sem que, aliás, tivesse tido a ventura de encontrar substituto na altura de quem, tendo-o criteriosamente dirigido durante um quarto de século, também conseguira reunir um distinto corpo de colaboradores ilustres.

E, sendo indispensável, como é a todos quantos escrevem sobre o Rio Grande do Sul, a consulta do *Anuario*, cuja coleção (cada vez mais rara e de difícil aquisição) constitui uma como que enciclopédia de coisas rio-grandenses, só um espírito fútil, desses incapazes da mais rudimentar construção, desdenhará folheá-lo, receando boçalmente incorrer na pecha de *ilustração de almanaque*, qualificativo lorpa, com que, às vezes, se exhibe a ignara fatuidade de tantos medalhões... No Brasil, onde a impressão é cara, almanaques da feição do *Anuario* são verdadeiras revistas de publicação anual.

Fora da direção do *Anuario*, do qual, entretanto, ainda era Graciano de Azambuja o seu mentor e conselheiro leal, não sofreu a menor solução de continuidade a sua tarefa de publicista.

Causava-lhe vivo entusiasmo e reacendia-lhe o ardor patriótico esse pujante desenvolvimento econômico da atualidade rio-grandense, ao qual ele acompanhava cheio de nobre confiança, escrevendo assiduamente na imprensa diária. Aparelhado como poucos no estudo e manejo da estatística, da economia social, da matemática, da finança e das ciências naturais, podia abordar todos os assuntos relacionados àquele movimento, estudando-os com o seu peculiar bom senso, de perfeito entendedor da matéria.

## V

Não foi um literato, é certo. Nem a música, nem o desenho foram do seu alcance imediato. Todavia, não sendo isento de frequentes momentos de sonho, lia tudo quanto

a boa literatura, quer nacional, quer estrangeira, produzisse de valor, e guardava carinhosamente as estampas finas, interessando-se, igualmente, pela ópera e pelo drama.

A conversação com os seus íntimos não revelava senão modéstia. Inteiramente desprezioso no trato com os amigos, cujo círculo era severamente escolhido, porque, mau grado ser o dr. Graciano delicado de maneiras e atencioso para quem dele se acercasse, não facilitava o acesso ao primeiro que o procurasse, nem tão pouco desde esse momento se franqueava em intimidades.

A sua esmerada cultura não era pretexto para fatigar o espírito do interlocutor, com descabidas e tediosas citações a propósito de tudo e em tudo achando motivo para essa copiosa loquacidade, com que a retórica meridional, ao serviço de vários parolheiros espirituosos, abusa da complacência alheia, ingenuamente persuadidos de que atraem e encantam com a sua pedantesca tagarelice acompanhada de um motejo lerdo, supremamente aborrecíveis.

Paulo Stapfer, com ser um espírito alegre, entretanto nota com muita propriedade, que o chiste da conversação está em o que fala não dever parecer-se um ator. Riam-se do que ele diz e não do modo por que diz. Esses, de ordinário, descambam para a jogralidade e recebem o causticante estigma do inimitável Camilo: “aplaudidos pela gargalhada e aborrecidos àqueles mesmos que os aplaudem”.

Não. Graciano de Azambuja falava o bastante para manter animado o diálogo, interessando-o vivamente pelo bom senso das suas reflexões, a escolha do tema, o propósito das citações e a oportunidade da anedota.

E seria incompleta qualquer notícia referente à pessoa de Graciano de Azambuja se o considerasse unicamente como um publicista de valor, um agrônomo de competência e um advogado ilustrado.

Exatamente, porém, já que os seus estudos quase abrangiam o complexo dos conhecimentos humanos, isso constitui, por si, verdadeira filosofia e exige que, embora superficialmente, se investigue a que corrente de princípios obedecia ela. Qual a escola professada por ele? Eis o problema, bem difícil de resolver.

Em vida, ao menos durante largo período da sua maturidade, pareceu convicto discípulo do agnosticismo inglês, sendo muito intensa a sua admiração por Spencer. Por vezes, falou em escrever alguns ensaios de filosofia moderna e é possível que tivesse dado início a este trabalho. Que a direção dos seus pensamentos não se condicionou aos princípios da filosofia espiritualista é evidente, a julgar pelas obras existentes na sua opulenta livraria e pela ausência de práticas religiosas, ao menos das que a Igreja exige.

Veio, sem embargo, a final, a operar-se profunda e decisiva mudança nas suas crenças, levando-o, no termo da vida, a aceitar a concepção do mundo tal e qual o cristianismo impõe aos seus fieis. O testamento dá público testemunho da sua conversão, em incisiva profissão de fé.

O agnosticismo, sabem-no todos, sustenta que é baldado o falar do começo ou do fim do universo, por escaparem tais acontecimentos à experiência; como também é inútil o investigar a causa primária e a essência ou substância das coisas, questões estas que por sua natureza são inacessíveis à nossa inteligência.

Admite-se, à vista desta limitação à órbita dos conhecimentos humanos, que certos espíritos propensos ao estudo filosófico, de ordinário iniciado sob os auspícios da doutrina teológica, a renunciem quando penetram nas teorias difundidas pelo agnosticismo, para, por sua vez, igualmente, abandonarem-nas. É que à proporção que avançam na vida, não se satisfazem com o simples estudo dos fenômenos, conforme se manifestam e das leis que os regem, circunscritos à observação e à experiência. Querem ir além, sentem-se insatisfeitos pela falta de explicação do enigma; indagam em vão; a ciência emudece. Por outro lado, domina-os um sentimento de devoção, aguça-os a necessidade de um ideal consolador, e a fé leva-os a aspirações mais altas. Voltam, então,

a antiga doutrina, àquela em que primeiro comungaram e ei-los na estrada da conversão religiosa.

Para tais consciências, os juramentos na fé agnóstica jamais poderão ser solenemente cumpridos. Recordam a enérgica prevenção de Rosalinda: “são mais falsos que os juramentos feitos sob o estado de embriaguez”.

A leitura que mais eficazmente concorreu para que o dr. Graciano de Azambuja aderisse, por último, à semelhante ordem de ideias e sentimentos, não foi outra senão a obra de Arthur Balfour - *As bases da crença* (*The foundations of Belief*), da qual falava com a mais contrita veneração.

Numa pessoa honesta como ele, o significativo fato da submissão à uma crença universal traduz um ato nobremente redentor, de pura sinceridade e de generosa altivez, quando proclamado espontaneamente, sem nenhuma sugestão estranha ou suspeita.

## VI

A folha de serviços oficialmente prestados à nação pode ser pequena. Pequena mas sucosa. À burocracia, que lhe causava aversão, só pertenceu quando na mocidade. Exerceu as funções de procurador dos feitos da fazenda geral e, mesmo assim, acidentalmente e interinamente.

E só. Reclamados, porém, os seus serviços, como em comissão honorífica, acudis pressuroso e prestava-os com a elevada consciência de quem só procura ser útil ao país e à sociedade. Foi assim que prestou assinalados serviços como membro da Exposição Brasileiro-Alemã, em Porto Alegre, em 1881, cujo bem elaborado catálogo dá ideia dos seus amplos conhecimentos.

Na Exposição Colombiana de Chicago, representou o Brasil com a diligente preocupação de empreender a propaganda dos produtos brasileiros no estrangeiro, muito mais tarde, e sem nenhum resultado prático, operada oficialmente pelo governo federal.

Também foi membro da comissão diretora da Exposição Estadual de 1902.

Convidado mais de uma vez para o exercício de vários e elevados cargos públicos, de vantajosa remuneração, recusou persistentemente o seu assentimento.

Figura que em vida se manteve de pé, Graciano de Azambuja pela sua dignidade, pela sua ilustração, pela sua firmeza de proceder e pelo seu acendrado civismo, teve uma existência fecunda e legou por onde se lhe possa fazer um honroso inquérito da sua passagem pela vida.

E quem for possuidor dos complexos elementos com que resistir a essa prova, ainda mesmo severa, é positivamente individualidade primacial no meio em que atuou.



(*A Federação*, Porto Alegre, 22 de setembro de 1914)

## DISCURSO NO GRÊMIO GAÚCHO

Alcides Cruz, orador oficial da solenidade comemorativa do dia 20 de Setembro no Grêmio Gaúcho, proferiu o seguinte discurso:

Senhores.

O Grêmio Gaúcho é a expressão fiel, coletivamente agremiada, da cultura do passado rio-grandense, sem que isso signifique outra coisa mais que a admiração e a simpatia à grandeza cívica de outrora; mas nunca o testemunho de pesar ou um melancólico protesto contra o presente; nem tampouco o desejo inepto e incrível de regressar ao passado, como a um e outro espírito pedante se permite imaginar calculadamente.

Queríamos em hora tão solene como esta esquecer tão pretenciosos corifeus do modernismo, e não fora certo que toda a revolta contra a estultice conta de antemão com a condescendência do auditório. É que, se a infalibilidade do Papa já vai contando com tão pequeno número de adeptos, como querer substituí-la pela do Conselheiro Acácio?

No desempenho do programa que se traçou, senhores, é que, em comício de honra, o Grêmio Gaúcho se congrega hoje para desobrigar-se da grande dívida de admiração, reconhecimento, veneração e preito aos imortais serviços, que em épocas diferentes, entretanto sucessivas, quatro extraordinárias figuras representativas de quatro diferentes fases da evolução rio-grandense, vieram prestando ao país.

Pinto Bandeira, como Bento Gonçalves, como Gaspar da Silveira Martins, como Júlio de Castilhos, cada um por sua vez e em seu tempo, assinalam uma época histórica na vida sulista; mas os seus feitos relevantes, embora destacados, se coordenam e encadeiam numa ordem natural, sem sobressaltos nem hiatos, de modo a poder dizer-se que culminam e se integram a final, constituindo a verdadeira evolução política e social do Rio Grande.

São fatos estes, verificados sob aspecto tão distinto pela clareza e naturalidade com que se manifestam num discurso de século e meio, que a qualquer espírito, mesmo medianamente informado em filosofia elementar, não escapam à, já hoje clássica, distinção em fase guerreira, metafísica e por último, científica. Sem grande penetração, vê-se facilmente que com Pinto Bandeira corresponde a época da conquista e constituição geográfica; com Bento Gonçalves, a tentativa frustrada da definitiva organização política que, entretanto por ser prematura, faliu; com Gaspar Martins, o amadurecimento e o peso da influência rio-grandense nas deliberações da Coroa, conjuntamente operados através da política monárquico-parlamentar, que serviu de transição entre o passado colonial e o presente republicano; com Júlio de Castilhos, a definitiva concretização da forma entrevista por Bento Gonçalves. Estas duas figuras, por assim dizer, completam-se. Sendo então quatro vultos, representam e sintetizam, aliás, três épocas, porque um procurando adiantar-se e agir fora do seu tempo, não logrou alcançar o êxito colimado e isto, longe de amesquinhá-lo, pelo contrário, o engrandece, fazendo-se admirar pelo seu arrojado descortino.

Rafael Pinto Bandeira é o herói dos obscuros tempos coloniais, em que o Rio Grande do Sul, mal começando a povoar-se, era, sem dúvida, um deserto, mas teatro adequado ao prosseguimento das aventuras gloriosamente iniciadas pelos seus valorosos antepassados portugueses, de quem ele herdou aquele indômito ardor pelas conquistas de terras desconhecidas. Se aqueles devassaram os mares, alargando o domínio colonial marítimo até o surto de um império “onde o sol não tinha ocaso”, os seus descendentes

sul-americanos, possuidores por herança atávica, da mesma curiosidade bravia e agressiva, desbravaram florestas remontaram invencíveis serranias, venceram rios ameaçadores, dobraram a dura cerviz de tribos infíeis e desalojaram inimigos rancorosos, mesmo fiéis e cristãos.

Por índole e por sangue, Pinto Bandeira, pertencente a este ciclo, foi o capitão dos tempos idos que maiores serviços legou à posteridade rio-grandense, dilatando as fronteiras da sua terra. Além de ter sido o destemido criador da cavalaria rio-grandense, de prestigioso renome, foi a figura mais completa da aptidão guerreira de seu tempo, com o ser simultaneamente o invicto cabo, quer na campanha rasa, como em Tabatingá; quer no assalto e rendição, como foi da famosa atalaia espanhola de Santa Tecla; quer na atrevida escalada a montanhas, como em S. Martinho, jornada que, estabelecidas as devidas proporções e descontos, não teme o confronto que um dia pudesse alçar-se, até pedir meças com a empresa de Aníbal nos Alpes.

Altivo como um cruzado, ainda que rude como um bandeirante, o célebre campanhista e sertanista rio-grandense se tivesse vivido na atualidade, ao pressentir extinguir-se lhe a vida, podia orgulhosamente repetir com Coriolano:

“Vede, senhores, as minhas feridas; recebi-as estando ao serviço do meu país, ao passo que muitos de entre vós outros soltáveis furiosos gritos e fugíeis espantados, só do ruído dos nossos tambores.”

Naquele tempo, lembrem-se bem, a frase não saberia: passará na mente de alguém, que o rio-grandense se atemorizaria de fanfarras marciais?

O outro grande caudilho e guerreiro, que pela audácia e valor tentou a realização de uma empresa imortal, que apesar de se ter achado mais de uma vez perto do termo final, contudo falhou, à míngua de um meio ainda bem preparado para recebê-la, como muito mais tarde, em 1889, já o estava, foi Bento Gonçalves, que por ter antecedido a verdadeira época em que devia ter existido, maior se torna à nossa admiração.

Entretanto o largo e varonil decênio de 1835 a 45 bastou para definir de modo imperecível a personalidade galharda desse abnegado, até os mais duros sacrifícios de família, fortuna e saúde em favor de um ideal que nenhuma recompensa lhe proporcionou. É por isso que hoje, quando já passaram tantos lustros, o grande cidadão se nos revela docemente velado pela auréola de um extraordinário mártir. Essa alma à antiga, com a austeridade e o desinteresse de um Catão de Útica, a cavaleiresca bravura de um Du Guesclin e a serena energia só empregada nos grandes lances da epopeia de que foi a vida e o herói consagrado, logo mitigada e reduzida à mais humilde bondade, da qual os sobreviventes chegados até nós foram incansáveis pregoeiros e cuja lembrança souberam guardar com carinhosa e melancólica saudade até seus últimos dias, só é comparável a dos apóstolos do cristianismo.

Tivesse triunfado a Revolução de 1835 e Bento Gonçalves teria sido incapaz de, com a embriaguez da vitória, abusar dela. Dentre os muitos perigos de uma revolução, um dos maiores está nos abusos sobrevividos com o triunfo. Tivesse sobrevivido Hampden, e a Inglaterra, tradicionalmente liberal, não coraria até hoje com a página de martirologio de Carlos I, com que foi sanguinosamente inaugurado o regime republicano de Cromwell, e que é uma nódoa de sangue no alvamento manto de civilização que aquele simpático povo desdobra sobre toda a humanidade contemporânea.

A Bento Gonçalves ajusta-se, como a bem poucos, a sentença de Macaulay, o vivíssimo colorista da história moderna, a respeito de Hampden: “Só esse tinha a faculdade e a tenção de restringir os excessos revolucionários na hora do triunfo. Outros poderiam conquistar, só ele reconciliar.”

Moderação e firmeza, eis as qualidades que caracterizaram os estadistas do Império, definiu-as o segundo Rio Branco. Que Silveira Martins era de uma firmeza inalterável, todos o reconhecem. Moderado, porém isto escapou a todo o mundo porque

o ímpeto do seu gesto, o arrojo do seu ataque, a veemência da sua linguagem e o fulgor da sua eloquência tribuniária, eram a antítese da moderação e indicavam o orador agressivo e o político exaltado. Entretanto todos os seus atos se pautaram pela moderação, de que deu mais de uma prova, até que com o seu lance supremo, inesperado, quando foi da Questão Militar, convidando e aconselhando o governo conservador do seu grande êmulo e amigo, o inolvidável Cotegipe, a que retirasse o arrogante cartel de desafio jogado ao Exército Nacional, paralisou, de súbito, as esperanças da democracia adiantada.

Os maiores serviços de Silveira Martins ao Rio Grande são de ordem material, como a construção da rede ferroviária, a abertura da barra, a tarifa especial e outros de não menor valia. De ordem moral, um sobrepuiu os outros: a elegibilidade dos acatólicos, que foi considerado então um passo arrojado, por importar numa franquia a protestantes, outorgado num país de religião católica oficialmente reconhecida, que permitia a estes, estrangeiros natos, a entrada na vida pública do país. A nosso ver, aliás, o maior padrão de glória, que há de deixar, para sempre vívido na memória dos seus patrícios, o nome de Silveira Martins, é o prestígio que soube conferir ao Rio Grande do Sul, elevando-o até fazer sentir o peso do seu valor nos votos e resoluções proferidas no próprio paço imperial. Data daí a influência que a nossa terra foi adquirindo junto do governo do centro e logo pressentida pelas metrópoles, quer do Império, quer da Republica, que em vão lhe têm querido abater, por mais de uma feita. Conforme entendia, se “Cavour, querendo unificar a Itália, piemontizou-a; Bismarck prussianizou a Alemanha; ele estava vendo que o Brasil precisava de se rio-grandensizar.”

O jornalista paulistano Leopoldo de Freitas, com seguro conhecimento pessoal do eminente brasileiro, escreveu algures, que Silveira Martins *era agradável sempre, sabendo tratar a todos com os seus gestos arrebatados e francos, vestígio talvez da sua primitiva natureza de camponês*. Realmente assim era o homem íntimo, no trato dos amigos, sempre chão e desprezioso, embora o seu todo subjugante. Na tribuna, porém, a mutação era rápida e completa: figura de imponente aspecto, parecia crescer; alto, corporatura de atleta, voz retumbante e troante como nenhuma outra jamais foi ouvida no Senado ou na Câmara ou na Assembleia Provincial, ou mesmo na praça pública, Silveira Martins engrandecia e só com a sua palavra e porte parecia resgatar o Partido Liberal de todos os seus erros. Era a personificação mais bem acabada do parlamentar moderno. Não tinha a eloquência untuosa e persuasiva de José Bonifácio, o moço; nem a ironia candente de Ferreira Vianna; nem o gesto amaneirado e estudado de Joaquim Nabuco, depois que assistira às sessões do Parlamento da Grã; nem a eloquência acadêmica de Fernandes da Cunha e José do Patrocínio, puros discípulos da escola romântica. Diferia de todos e foi caso único. Urbano Duarte, um céptico e um humorista, rendeu-se e o definiu em poucos períodos de imoderada admiração: “Leão na tribuna, escreveu ele, só conheci o sr. Silveira Martins. Possuía a facúndia, a inspiração, os reptos de Mirabeau. Tinha o direito de dizer o que sentia e o que queria, sem atenuantes, sem anfibologias, sem perífrases, sem branduras calculadas. O seu gênero de talento lhe permitia essas franquezas, como a um grande poeta se concedem certas liberdades”.

Um erro, entretanto, que este grande homem cometeu e que tantos outros também igualmente cometeram e sobre o mesmo assunto, só para ele foi fatal, fatalíssimo. Descurando da previsão do futuro, cuidado especial que todo o estadista deve ter, um dia, quando estava no fastígio do poder, do prestígio e da glória, desconheceu a natureza da corrente republicana que desbordando ameaçou o trono. Silveira Martins combateu-a sem tréguas e quando se precipitaram os acontecimentos, ele, que por temperamento e ideias, não devia ter dado aquele passo temerário, não podia deixar de ser suspeito ao novo regime, quando outros, acentuadamente reacionários, por princípios e obras, como

Lucena, ascenderam ao pontificado, embora se avizinhassem apressadamente da Rocha Tarpeia.

Quando mais tarde quis remediar o erro, a ocasião era profundamente crítica e a sua adesão, ainda assim condicional, porque propunha formas e moldes incompatíveis com a nova ordem de coisas; viram os seus patrícios, com profundo pesar, que Silveira Martins já era homem do passado... Tivesse tido ele a vidência de Saraiva, o mais insinuante estadista do Império, depois do velho Rio Branco, e em vez de tentar reagir contra a corrente da época, que o envolveu, tivesse vindo colocar-se à testa dela e encaminhá-la, ou não hostilizá-la, como Saraiva, quantas decepções não teriam sido poupadas?

Todavia, os seus desinteressados serviços à pátria, de molde a imporem-se cada vez mais; a vibração da sua personalidade; o amor à terra natal; o talento pouco comum, tudo isso foram qualidades que os seus patrícios levaram em conta para ser-lhe descontado o erro. E o Rio Grande do Sul depressa se convenceu de que Silveira Martins, o tipo modelar do regime monárquico parlamentar, foi o maior tribuno do Brasil moderno e isto é o quanto basta para ser orgulho de sua terra nativa, e esta assim poder repetir com Shakespeare, em um passo do *Júlio Cesar*: “Ou vivo ou morto, só há um outro igual a ele: é ele mesmo”.

Júlio de Castilhos saiu de uma geração cientificamente orientada, e se não fosse assim, nem a República se teria feito, nem o estadista teria logrado construir depois de ter destruído: - teria cambaleado às tontas, à mercê dos azares do voto, cuja inconstância lembra a amarga chamada de Rosalinda: *não vos apaixoneis de mim, porque os meus juramentos são mais falsos que os protestos feitos durante a embriaguez*.

Muito cedo conheceu as blandícias da glória, que jamais o desprezaram até o dia memorável em que findou a sua fecunda trajetória terrena. Entrando como um vencedor na arena, a morte o colheu exatamente quando os louros da vitória se convertiam em funerais dos seus adversários e novos cenários iam disputar-lhe novos papéis, de maiores responsabilidades, mas também de brilho mais intenso. Quanto maiores as responsabilidades, mais à vontade se sentia Júlio de Castilhos, fenômeno inversamente notado entre os fracos e mesmo entre os fortes, verificado com exceções. De longe já se lhe descobria a força. Sem que fosse dotado de palavra eletrizante, dessas que lisonjeiam a turba, com os arroubos de uma eloquência acariciadora dos fracos e das mulheres, é certo, entretanto, que falando ou escrevendo, Júlio de Castilhos era caloroso e empolgante. Dessa pena, à primeira vista despida de amenidade, mas enérgica, fulgurante, cheia de vida e incisiva, como um dardo, a qual ninguém ousou nem pôde jamais imitar; cujo feitio era próprio e por isso único; da sua atitude franca e definida em frente de todas as contendias; do seu ardor sem esmorecimentos, vacilações e artifícios; e da sua inexcedível integridade moral, brotaram as primeiras esperanças em torno de quem então se revelava tão idôneo para atuar num terreno desconhecido, mas preparado por ele e para ele. Assim conseguiu levantar, sobre bases firmes e rigorosamente modernas, um sistema novo do governo republicano, cuja verdadeira codificação aí está, para quem quiser aprender, compendiada na Constituição de 14 de Julho. Se Silveira Martins simboliza uma escola, um regime, enfim, a forma de certas instituições cuja prática se baseia em coletividades e deixa de exercer-se regularmente se se despir do revestimento de pomposas exterioridades, à semelhança, embora remota, de certos cultos, e nisso têm elas de obsoleto; Júlio de Castilhos simboliza novas formas, novo regime, novas instituições, onde a ação pessoal é de um só homem e não de uma corporação; mas para ser assim esse homem deve ter muito de Júlio de Castilhos: “Os que têm o raciocínio mais forte, dizia o filósofo da indução, são os que sempre e melhor podem persuadir a respeito daquilo que pretendem, mesmo que não falem senão baixo bretão, embora nunca tivessem aprendido retórica.”

Não vem agora o recordar, ainda que a largos traços, o quadro da vasta esfera de atividade de Júlio de Castilhos.

Todavia, conceda-me a tolerante assembleia, licença de intercalar uma pequena nota pessoal, para dizer que quanto a mim e aos membros do Partido Republicano, que andam pela minha idade, anos mais, anos menos, assim como em Inglaterra, é suprema honra de todo o liberal que milita na vida pública o poder, dizer que serviu com Gladstone, nós, permitam os arrivistas, reivindicamos como o nosso maior padrão de orgulho republicano, o termos sido soldados de Júlio de Castilhos, sem outra maior ambição.

Senhores.

O Grêmio Gaúcho não tem e não deve ter preferências de ordem política, a cujas lutas é alheio, tanto que procurou irmanar os fieis à memória de Gaspar Martins aos que o são à de Júlio de Castilhos para a glorificação cívica dos dois grandes patrícios, cujas fisionomias insinuantes, e graficamente reproduzidas, vão permanecer de ora em diante numa reconfortante vizindade, como vizinhos embora diametralmente opostos, foram os feitos de ambos, tendentes a um único fim - que importa fossem diferentes os meios? - a grandeza do Rio Grande.

E brevemente, quando as paixões, de todo esquecidas, como já o estão quanto aos capitães que aí reverenciais, pertencerem ao domínio da história, saberão os frequentadores do Grêmio Gaúcho, que a intervalos mais ou menos longes, houve um Pinto Bandeira, um Bento Gonçalves, um Gaspar Martins e um Júlio de Castilhos, por quem o povo rio-grandense teve uma tal veneração, que se por ocasião dos respectivos falecimentos, alguém lhe tivesse lembrado, ele, tal como o povo romano se ouvisse ler o testamento de Cesar, segundo a previsão de Antônio, *iria beijar-lhes as feridas do corpo, molhar o lenço no seu sangue, mendigar um dos seus cabelos, para guardá-lo como a essas relíquias à hora da morte se mencionam entre as últimas vontades, e que são transmitidas, qual precioso legado, à posteridade.*



(*O Dia*, Florianópolis, 24 de agosto de 1915)

## O NAUFRÁGIO DO ORION

O desastre do belo paquete.  
O DIA ouviu diversas opiniões.

Não nos julgando satisfeitos fomos procurar, ontem, o distinto jurista DR. ALCIDES CRUZ que viajava no “Orion” para o Rio, onde ia entregar um novo trabalho seu sobre “Demarcação”. O sr. Alcides Cruz, que é deputado rio-grandense, recebeu-nos com todo carinho e dignou-se de prestar-nos as seguintes informações, de inestimável valor, dado o prestígio do seu nome.

*R. - Que tal a viagem desde o Rio Grande; como se deu o naufrágio?*

Dr. C. - A viagem correrá ótima até Florianópolis, tanto que saído do Rio Grande no dia 19 já a 20 de manhã ancorava em Florianópolis o *Orion*, capitânia da linha do Sul, do Lloyd. Saindo daqui à noite, parece que mudou a ventura, porque uma intensíssima cerração obrigou o navio a fundear na barra do Norte, por volta da 1h<sup>1</sup>/<sub>2</sub>, de onde, às 6 da manhã do dia seguinte prosseguiu a sua rota para Itajaí, com mar muito calmo, sem embargo de um nordeste muito vivo. Não havia decorrido, talvez, meia hora que o *Orion* levava ferro, quando do passadiço foi pressentida qualquer ocorrência que o fez diminuir a marcha e despertar a curiosidade da gente de bordo e dos poucos passageiros àquela hora acordados. Em verdade, pela proa flutuava alguma coisa que se parecia a um casco de navio com a quilha para cima; e eu soube depois que na persuasão de realmente tratar-se de um qualquer navio virado e com gente a ele segura, o comandante no louvável intuito de salvá-la procedeu ao devido reconhecimento: era, porém, o cadáver de um cetáceo.

Logo após a névoa se adensou; era total e espesso o nevoeiro.

Devia ser, então, as oito da manhã quando quatro passageiros de Porto Alegre, que nos achávamos no salão de fumar, ouvimos o sinal de tocar para trás e ato contínuo sentimos um ligeiro estremeção, não muito forte, a que se seguiu a completa imobilidade do navio. Correndo à amurada, logo se viu ao oeste, a bombordo julgo eu, junto do navio, como obra de umas duas braças, uma pedra emergida à flor da água. Corri a baixo e olhei para o lado oposto, isto é, para o oeste e vi um pequeno arrecife; mas como visse também muitos marinheiros a correrem para ré, já também enfiando e atando cintos de salva-vidas, fiquei indeciso. Quando, porém, os vi tratando de arriarem os escaleres de ré, descí ao meu camarote, profundamente apreensivo, tristemente apreensivo, mas calmo, porque o navio estava firme. Nesta ocasião, ouvi o comandante chamar pelo mestre e ordenar-lhe que sondasse os porões. Muni-me logo do salva-vidas e, na hipótese de ter de passar por alguma dura emergência, quicá a mais rude da minha agitada existência, também peguei no impermeável e numa manta e não esqueci o pregador de pérola que ainda não havia, neste dia, posto à gravata e estava sobre o lavatório.

Subindo novamente ao convés, como a neblina houvesse abrandado um pouco, vi a leste e, portanto, a boreste, suponho, uma enorme montanha, torvamente embaciada através do seu pardacento envoltório de névoas. Dirigindo-me à popa, a tomar algum escaler (devo declarar que nenhum pânico havia a bordo e reinavam ordem e silêncio), topei com o maquinista, o Sr. Nelson, um bom e calmo profissional, a quem perguntei se havia perigo iminente; respondendo-me ele que parecia que o navio não tombaria porque a avaria tinha sido no centro e ele já havia aberto todas as válvulas para evitar alguma explosão, tornei a descer ao meu camarote para salvar uma pequena bolsa onde conduzo

papéis que, para mim, reputo preciosos. Imagine: um trabalho jurídico inédito, da minha lavra; intitula-se *Teoria e prática de demarcação e divisão de terras*, destinado aos acreditados editores Francisco Alves & Cia. Do Rio de Janeiro, os mesmos meus editores da 2ª edição do *Direito administrativo brasileiro*; mais uma pequena narração sobre o *Campo de batalha do Ituzaingó (1827)*, com um esboço topográfico do mesmo, levantado pelo tenente Ptolomeu de Assis Brasil e adaptado por mim, e alguns esquemas inéditos pelo Coronel Tasso Fragoso, além de um invólucro com documentos autênticos do famoso caudilho Fructuoso Rivera, que do Rio deveria levá-los a Montevideu e oferecer ao Arquivo Público da República Oriental do Uruguai, pois que para nós brasileiros pouco valem.

Enfim, arrecadada essa pequena bolsa, ainda tive ensejo de tomar o sobretudo e alguns objetos de *toilette*. Novamente no convés, notei que nenhuma embarcação se tinha ainda conseguido descer, não obstante o tenaz esforço da tripulação; corri até lá; um moço de câmara, reparando na minha cinta de salvação que estava mal atada, me prestou o inestimável serviço, em tão crítico lance, de atá-la com perfeição. Qual o seu nome? Muito sinto não ter podido mais tarde mostrar-lhe o meu profundo reconhecimento. Outra vez voltei para tentar tirar a mala do camarote, mas vendo já arriada a escada e uma canoa de pescadores junto dela, desci com outro passageiro e logo fomos postos em terra, na ilha dos Macucos, onde, carinhosamente, nos receberam vários pescadores. Era fato o sossego a bordo, que nenhuma lamúria ou grito se ouviu; apenas vozes de manobras e passos apressados.

*R. - Houve presteza da parte dos oficiais em proporcionar meios de salvação? Uma vez que a cerração era tão espessa, o comandante tinha feito observar durante a viagem todas as recomendações previstas em lei, como apitos, marcha lenta e outras?*

Dr. C. - Inegavelmente, na ocasião do perigo os oficiais portaram-se bem; até mesmo o comissário e o despenseiro, atendendo aos passageiros, encaminhavam os mais inexperientes para os escaleres. Se, porém, o navio vinha com marcha rápida ou vagarosa, faltam aos passageiros elementos para a apreciação de semelhante fato, principalmente a um como eu, de todo leigo em assuntos navais; nada se podia ver por onde aferir isso; não devia ser rápida, a julgar pelo pequeno ruído que se ouviu quando o navio foi de encontro ao parcel. Quanto a apitos, durante a travessia, também não possa informar com segurança porque depois do encontro com o espadarte ou baleia acima falado, desci à câmara por se ter servido o café da manhã e depois fui ao camarote, ainda mais em baixo, para me barbear, de forma que nada podia ouvir distintamente. Uma vez, penso que cheguei a ouvir apitar.

O comandante, a julgar pelo sangue frio e providências que tomava e ordens que dava, cumpriu o seu dever em tão triste conjuntura.

*R. - Lembra-se, ainda, de alguns pormenores? Queira dizer-me de que modo foram acomodadas em terra e quem dirigiu o respectivo serviço.*

Dr. C. - Apenas saltei na praia, pitoresca e abrigada, confiei aos meus generosos hospedeiros e guarda especial da minha bolsa com os papéis e subi a uns penhascos, verificando, então, que três embarcações do navio vinham para terra, cheias de passageiros e bagagens. É verdade, ia esquecendo o que não cessarei de repetir, é que os escaleres não puderam ser arriados com a presteza exigível em tais emergências; os turcos certamente estavam emperrados.

---

<sup>1</sup> Quem a desceu foi o passageiro Job, faroleiro da Cidreira, e que ia removido para a Ilha Grande, no estado do Rio.

A baleeira que fica no passadiço, julgo que a de boreste, não pôde ser posta n'água, ainda mesmo mais tarde, no decorrer do dia. Só cinco é que funcionaram. Como estava, porém, a lhe dizer, essas embarcações fizeram diversas viagens de bordo para terra e vice-versa, conduzindo tudo que lá havia para a praia.

Numa dessas viagens, a um marinheiro de rosto jovial e simpático, pedi que tentasse salvar a minha mala do camarote, bem como o gato de bordo, que eu o gratificaria com dez mil réis. Respondeu-me ele que “a gata com os seus quatro gatinhos recém-nascidos e todos os cães, menos o bellissimo São Bernardo do sr. comandante já estavam em terra”. Narro cordialmente este insignificante pormenor para bem por em evidência a piedade cristã do homem do mar, por mais rude que seja ele.

Só uma hora depois, quando todos já se achavam em terra, com as suas bagagens, até mesmo as do porão, é que vi distintamente chegarem numa baleeira o comandante Luís Carlos de Carvalho e os oficiais.

Era triste ver, então, o esplêndido paquete, primor de construção naval, com a popa um tanto submergida, em sepulcral abandono.

Aos passageiros, foi prodigalizado, em terra, pelo pessoal de bordo, todo o conforto possível na ocasião, não tendo havido a mínima demora na confecção de toldos para abrigo, nem na assistência com as costumadas refeições de almoço, café, etc.

O comissário, sr. Ramos, merece menção à parte pela sua intrepidez; numa pequenina canoa se transportou ao continente e depois a Porto Belo, de onde, por ordem do comandante, fez as devidas comunicações telegráficas, mas com tal atividade que às 7 horas da noite chegava à ilha dos Macucos uma esquadilha de rebocadores e lanchas a vapor.

Dirigido pelo comandante Carvalho efetuou-se com a mesma ordem da manhã, o serviço de embarque dos passageiros, uns para Florianópolis, no *Lomba* e , outros, os que preferiram, para Itajaí, em vapor cujo nome me escapou.

Nesta capital foram os passageiros recebidos de forma cativante por parte do sr. coronel Emílio Blum, do sr. comandante Theodoro Jardim, capitão do porto, mas de modo a se tornarem credores do profundíssimo reconhecimento dos naufragos. Tanto o sr. capitão do porto, como o seu digno ajudante, o ilustre capitão-tenente Lucas A. Boiteux, mais uma vez sustentaram a tradição de cortesia e filantropia inerentes a oficialidade da nossa marinha de guerra.

Referir-me-ei, agora, a um lancinante quadro de tragédia, ao qual, de bom grado, furtar-me-ia de ter presenciado. Como sabe, vinha a bordo uma filha do comandante, uma jovem inteligente, extremosíssima no seu afeto filial, a qual, pela sua expansão, bem depressa ganhou todas as atenções dos passageiros. É um tipo que lembra vagamente, pelos gestos e tamanho, a célebre Mimi Aguglia; as suas ideias libertárias, o seu entusiasmo pelo sufrágio ampliado até a mulher, os seus ditos e aplausos à dinamite e ao punhal, a sua maneira agressiva contra os preconceitos da sociedade em relação à mulher, despertavam singularmente a curiosidade dos passageiros. Seriam seis da tarde, havia aglomeração na praia, todos queriam contemplar um espetáculo doloroso, que trazia os circunstantes em mudez e suspensão de troca de ideias. É que o *Orion*, que até cerca das duas horas se ia mantendo quase na posição do encalho, havia começado a submergir a popa; depois das quatro, isso se foi apressando; as cinco, o convés estava alagado, toda a segunda classe se achava submersa; quando, porém, a água penetrou na escotilha de ré, que havia sido aberta para tirar-se dela a bagagem, foi uma cena pavorosa. De terra ouviu-se o fragor da precipitação da água no compartimento; súbito, espadanou espumejante, elevaram-se alterosos cachões de espuma e vapor, e um estrondo, surdo e estranho, semelhante a um trovão, ecoou enchendo de pavor e tristeza as pessoas que, aflitas, e mudas, assistiam a derradeira destruição do *Orion*: estava irremediavelmente perdido, partira-se pela meia-nau e abismara-se, tal como teria sido desde o fatal tropeço,

se a Providência Divina não houvesse dado tempo ao salvamento de tantos náufragos. Foi quando se pôde medir, em todo o seu horror, o perigo imenso de uma colisão no alto mar. Sumira-se a metade do navio, tragada pelo mar, que, após, recuperou a sua placidez comum a um porto de abrigo. Ouviam-se, então, convulsivos gritos, estridentes, de pessoa presa de terrível acesso nervoso. Era a senhora filha do comandante que, momentos depois, como se fora um cadáver jogado à praia, era conduzida nos possantes braços de quatro marujos para o modesto tugúrio dos pescadores.

*R. - Por que não prosseguiu no 'Itapuca' a viagem com os demais passageiros destinados ao Rio?*

Dr. C. Doente desde março, sinto-me abatido e necessitado de repouso. Estava impossibilitado de ter seguido ontem; tal é o meu estado de depressão moral. Pretendo partir na próxima quarta-feira para Paranaguá, no *Ita* que chegará do Sul. Em Curitiba resolverei. Se souber que a temperatura é amena em S. Paulo, irei até lá e aí permanecerei alguns dias, devendo, então, mais tarde ir ao Rio; mas se ela estiver baixa, do Paraná retrocederei pela estrada de ferro para Porto Alegre, pois que o fim da minha ida ao Rio era exatamente fugir dos últimos frios de agosto, por motivo do meu precário estado de saúde.



## O ANTIGO FORTE DE SANTA TECLA

No Rio Grande do Sul e na República Oriental do Uruguai, o *divortium aquarium* é de ordinário constituído por ondulações de baixa altura, em que o terreno jamais se eleva além de 500 metros: são as chamadas - coxilhas. Colinas de configuração alongada, com o dorso exausto de linfa, mais ou menos alongado e seco como o de uma estepe, comumente aproveitado para estradas gerais, porque por ele podem percorrer-se enormes distâncias sem intercepções de rios ou de ribeiros. Com as suas lombas, albardões e canhadas, elas oferecem de conjunto uma perspectiva de melancolia; monótona a placidez, escassa a vegetação vistosa, por toda a parte é uma campanha que se desdobra inalteravelmente verde, raramente amenizada de uma ou outra reboleira de arvoredo mais escuro, conhecida por capão. Erma de silvedo, não se ouve o festivo trinado dos pássaros; só o quero-quero esvoaça em bandos, enchendo os ares com o trom do seu grito vibrante e, de longe em longe, quatro ou mais avestruzes cruzam em silenciosa caravana: tudo mais são magotes de gado preguiçoso, com pelos de diferente tom, a matizarem o imenso chão unicolor.

Destas coxilhas, uma, a Coxilha Grande, atravessa de norte a sul mais da metade do Rio Grande e adentra-se pelo interior da República Oriental do Uruguai até fenecer perto de Montevideu, como se fosse a cauda de uma ciclópica serpente a dormir. Da Serra Geral ela se desprende nas alturas de Santa Maria da Boca do Monte e, abaixando sensivelmente até quase rastejar, alteia quando toma o nome de Pau Fincado, de onde começa a acentuar o seu elevamento até culminar em S. Sebastião a mais de 400 metros, para de novo moderar o seu perfil e outra vez erguer-se e alcantilar-se nas raías uruguaias, de onde destaca alguns braços muito íngremes e escabrosos que parecem serras, como em Aceguá, etc.

Pelo cimo da Coxilha Grande deveria ter-se desenvolvido a linha separatória entre as possessões portuguesas e espanholas, em conformidade do tratado de Santo Ildefonso. Se foi observado, ou porque o deixou de ser, o limite assim estabelecido, não vem ao caso discutir. O que é certo, porém, sem embargo do lapso de cerca de século e meio desde a sua assinatura e da virtual abdicação do seu texto pelas altas partes contratantes, é que na República Oriental ele é tido ainda, conforme acaba de sustentar um ilustre publicista, o dr. Lourenço Barbagelata, como o verdadeiro título de domínio em que aquela República deve basear a constituição dos seus limites com o Brasil. Sirva essa proposição, que não parece isolada naquele país, para montar que a República Oriental não está convencida da justiça que presidiu a fixação dos seus atuais limites, e isso verificará quem se familiarizar com a leitura dos seus melhores historiadores, um dos quais, da maior autoridade e elevada posição no magistério daquele país, o Sr. Orestes Araújo, lamenta ultimamente, com alguma ingenuidade, que por ocasião do convênio de 1851, sobre limites, o governo oriental não houvesse reclamado a observância do tratado de 1777 (*Gobernantes del Uruguay*, I, p. 231).

Numa anfractuosidade da Coxilha Grande em que, por exceção da regra, o aspecto muda e o rebordo da coxilha se converte em um serro, onde vicejam algumas árvores e arbustos de relativo vulto: talvez a uns nove quilômetros de onde agora assenta a rica cidade de Bagé, erguia-se na segunda metade do século XVIII o forte de Santa Tecla, grosseira e rústica bastida, de forma alguma abonatória da capacidade militar de quem a erigiu.

Que era Santa Tecla antes da ereção da erna praça de guerra?

Responde-no-lo o dr. João Baptista Hafkemeyer, erudito membro da Companhia de Jesus, à consulta que sobre esse assunto lhe dirigimos: “Santa Tecla de Bagé é sem dúvida a capela de uma estância de gado, pertencente a S. Miguel. Os padres tinham muito grandes as estâncias de gado, porque precisavam de muito gado de corte e distantes das aldeias, para que os próprios índios aldeados não fizessem estragos no mesmo. Verdadeiras crianças, tinham sempre a peito o contentar os seus caprichos de momento e conhecida era a voracidade dos referidos índios. Nos mapas se vê o território que vai da Cachoeira até Santa Maria e Bagé, mais ou menos indicado como estância de gado. Não careciam de limites nessa terra virgem”. Outro motivo que haveria de ter influído no estabelecerem os jesuítas as suas estâncias de criação nessa zona é a superioridade dos campos, pois os das Missões são de manifesta inferioridade.

A construção do forte, devida a D. Juan José de Vertiz y Salcedo, obedeceu a intuítos mal previstos. O eminente estadista que dirigia então o Brasil, Luiz de Vanconcellos, na sua memorável *Relação Instrutiva e Circunstanciada (Revista do Instituto Histórico, v. 4, p. 7)*, não lhe deu importância como obra militar: “A sua construção sempre foi de um forte de campanha ou de registro, com figura irregular pentagônica, composto de três baluartes e de dois meios baluartes construídos de torrão, sem maior resguardo. A única utilidade que alucina aos espanhóis para se conservar o dito forte se reduz a impedir os contrabandos das inúmeras cabeças de gado vacum de que abundam aquelas grandes campanhas; mas é certo que existindo semelhante fortificação no meio de uma região deserta e cruzada, além disso, de tantas estradas e veredas para Maldonado, Montevidéu, Missões, Rio Grande e Rio Pardo, nem se podem conseguir aquelas aparentes vantagens, nem também deixarão de ocorrer motivos de discórdia entre os vassallos dos dois domínios, por ficar aquela vigia tão próxima da linha divisória da parte de Portugal, e tão remota e separada das outras povoações pertencentes a Espanha, infringindo-se, conseqüentemente, as regras mais certas da recíproca segurança, que o mesmo tratado prescreve”.

Este bastião não ocupava contra a raia portuguesa o lado inexpugnável, pois que levantado precisamente onde a coxilha ergue certa altitude com caídas um tanto precipites e de acesso tal que obras de defesa podiam torná-lo impérvio, semelhante face defrontava exatamente com as bandas espanholas do Prata e das Missões. Do lado português é que ficava o portão e passavam as estradas gerais.

Era um pentágono irregular fortificado, que ocupava uma vasta área, com quartéis, capela, hospital, duas profundas cisternas e um curral onde cabiam 150 cabeças. Ostentavam quatro cortinas de 50 braças cada uma, com os quatro baluartes de S. José, S. João Baptista, S. Miguel e Santo Agostinho e o meio baluarte de S. Francisco, sem outra defesa que o fosso de quatro braças de largo sobre 10 a 12 palmos de fundo, como resguardo das cortinas e baluartes. A outra frente, olhando os serros de Bagé, era por si defendida, graças às condições do terreno, e por aí não era de temer fácil assalto sem penosa escalada. Tinha “os parapeitos de torrão e estacas encravadas e pelo meio, terra calcada”; mas certamente as construções internas não eram à prova de bomba.

Levantado quase em território português, o forte de Santa Tecla estava fadado a ser um pomo de perene discórdia, se não fora a resoluta gentileza do árdego fronteiro rio-grandense Rafael Pinto Bandeira, que o assaltou, o rendeu e o destruiu de uma vez por todas.

“O general João Henrique de Böhm, escrevemos algures (*Vida de Raphael Pinto Bandeira*, Porto Alegre, 1906), delineara o seu magnífico plano de recuperar a vila do Rio Grande, mas o bom êxito dependia de um ataque geral simultaneamente empreendido contra as linhas fronteiras ocupadas pelos odiados intrusos, cujo quartel-general na campanha era o forte de Santa Tecla, primeiro que deveria ser investido... No

princípio de janeiro de 1776 avançou do Rio Pardo o invicto cabo à frente de oito esquadrões, levando alguns subalternos de confiança e experimentado valor, como o veterano Cipriano Cardoso. Quão belo e edificante não seria o ver a aguerrida falange de 400 centuriais trotando pelos campos desabitados; ou remontando coxilhas onde a brisa constante acaricia a pele; ou enfileirando-se por esguias trilhas que se escondem entre silvedos cerrados, em demanda dos vaus das correntes que retalham a vastidão mediante entre Rio Pardo e Santa Tecla; o armamento branco, coruscante ao sol estival de janeiro, esse esplêndido mês de seiva, e toda a cavalgada, espírito em festa, a seguir pela grama, reverdecida e florida, àquele altivo filho do sul <sup>(1)</sup>.

Varado o Camaquã, *pelo passo de cima, campanha erna*, aprisionou alguns soldados espanhóis e avultado número de animais cavалares <sup>(2)</sup>. A 17 de janeiro partiu, também do Rio pardo, o major de dragões Patrício José Correia da Câmara, na qualidade de imediato de Rafael, sob cujo arbítrio ia servir, conduzindo o trem e escoltado de 70 e tantos soldados <sup>(3)</sup>.

Era chegado o fim de fevereiro. Horas de cálido verão sucediam as nevoentas alvas que prenunciam a canícula no adiantado do dia. Mais compacta do que nunca, a bruma desceu certa manhã, turvando todo o ambiente e empecendo o mínimo exame das posições. Tal foi o momento precário da chegada dos piquetes de exploração e que deu lugar a que se aproximassem tão junto da cortina que por um triz não resvalaram no fosso. Da guarnição espanhola, pressentida a proximidade da força beligerante, saiu um contingente à descoberta, com o próprio comandante do forte à frente. Dom Luiz Ramirez, *aleijado de uma mão, devido á golpe de espada, era ativo e experimentado* <sup>(4)</sup>. Querendo obrar de conta própria, Patrício da Câmara deliberou carregar.

Rafael, após madura cogitação, assentara em assediar, persuadido como estava de que só por meio de um apertado cerco é que o inimigo se renderia, uma vez esgotada a sua munição. Ele, que também andava montado, mal soube da investida do seu imediato, deu toda a rédea e pode chegar a tempo de sustentar a escaramuça. Estabelecido o cerco, as partidas que se achavam fora mais não lograram recolher. O capitão Ayala e um tenente de dragões que tinham saído a sossegar os moradores do Piraí, renderam-se prisioneiros aos bravos filhos do continente <sup>(5)</sup>.

Idêntico fim foi o de um Dom Gaspar Lapraça que saíra com escolta e umas carretas para Montevidéu.

Não obstante, lê-se numa relação antiga, que a guarnição do forte teve de suportar cinco assaltos <sup>(6)</sup>. Finalmente, em 2 de março, um mês de cerco, fruteou a obra dos corajosos sitiantes, que de tão longe vieram desafiar o orgulho dos defensores da garbosa atalaia.

---

<sup>1</sup> “(...) e só dizer que o gosto com que todos os soldados têm partido, faz admiração e faz sua esperança certa da vitória.” Ofício de José Marcelino, governador do Rio Grande, a J. H. de Böhm. (Biblioteca Nacional) (N. A.)

<sup>2</sup> Carta particular de Rafael a J. Marcelino (Biblioteca Nacional). Este “*passo de cima*” há de ser, hoje, passo do marinho, no município de Encruzilhada. (N. A.)

<sup>3</sup> Levaram dois falconetes com 120 tiros, dois inferiores e seis artilheiros. “Cada inferior levou murrão e espoletas competentes, cada soldado um facão e uma pistola de cinto (em lugar da arma), com uma patrona grande a tiracol, em que levaram sete cartuchos de bala de coatro a um alaterneta, e só o resto vai de reserva (...)” “(...) quatro carretas grandes com mantimentos de todo o gênero, inclusive vinho, vinagre, aguardente, biscoito, botica com cirurgião e capelão (...)”. Correspondência de J. Marcelino com o general J. H. de Böhm; Idem deste com o Vice Rei (Biblioteca Nacional) (N. A.)

<sup>4</sup> Correspondência de J. Marcelino com o Vice Rei (Biblioteca Nacional). (N. A.)

<sup>5</sup> Eram 31 soldados que nem puderam fugir nem recolher-se à fortaleza. (A. Cruz, *Vida de Raphael Pinto Bandeira*, p. 69). (N. A.)

<sup>6</sup> Larrañaga e Guerra, *Apuntes históricos*, (Revista Histórica, Montevidéu, v. 6, p. 625) (N. A.)

A entrega da praça foi condicional, pois foi concedida a toda a guarnição a livre saída com o seu armamento, um canhão e as provisões de boca; a força ascendia a uns 220 homens, inclusos os oficiais, o cirurgião e o capelão (7).

No dia seguinte, os vencedores trataram de arrasar o forte e dos seus escombros jamais ressurgiu sequer um baluarte.

---

O sítio onde outrora galeou a famosa fortificação é hoje um aterrado onde vicejam lavouras de milho. Diversas escavações, umas mais profundas, outras menos, indicam que a ganância e a cobiça, antes que a curiosidade histórica, têm dado lugar à procura dos tais tesouros soterrados, que a fantasia e a lenda erigem em castelos de outra natureza, mas, certamente, bem mais inexpugnáveis.

Quem conhecer a planta do extinto forte (8) e quiser identificá-la com a topografia do terreno, só com incertezas e vacilações poderá reconstituir alguma coisa indicada; assim é que o recinto do forte, o fosso (embora totalmente entulhado) e a configuração dos bastiões, à primeira inspeção, não se revelam e só após demorada pesquisa se consegue a reconstituição do conjunto.

E quem disser o contrário disso ou afirmar a existência de ruínas ainda palpitanes, é que, ou lá nunca esteve ou não fala a verdade. E como o forte não era de pedra, os vestígios mais facilmente se confundiram e apenas se fazem distinguir por uma elevação de terra hortada, de configuração mais ou menos definida e regular.

Sinais indeléveis, únicos claramente reconhecíveis, são os do antigo recinto triangular destinado ao encerro de gado e que, por enquanto, não podemos saber se era alguma mangueira da fazenda de Santa Tecla (que é o mais provável), ou alguma dependência do forte. Semelhante agro, figurado na planta do forte levantada por ocasião da tomada do mesmo, ainda mostra ter sido uma devesa valada e de tapume vegetal; tem o vértice sobre uma restinga na baixada, ao passo que a base, enorme reta, corre pelo alto da coxilha, defrontando com Bagé, cujo panorama se mostra ao longe, num fundo sereno.

Para ir a Santa Tecla, galga-se a coxilha por uma subida de regular altitude e que descreve uma ampla curva, fortemente rampeada. Superada uma boa centena de metros, o terreno oferece ligeira depressão para então começar a levantar sensivelmente. Atravessa-se por um valo que corta a estrada em sentido transversal; o terreno tem um forte declive para o norte, quando, entretanto, para o sul, em oposição à Bagé, se eleva consideravelmente.

Prosseguindo-se, coisa de uns 200 metros além, outro valo corta a estrada, convergindo ele para o anterior. Ver-se-á que ambos esses valos são como que braços de um compasso, ou, antes dois lados de um triângulo isósceles, do qual o vértice repousa num brejo.

A base, já se disse, ocupa a parte alta da coxilha e é bem extensa. Os dois lados deste misterioso triângulo são rigorosamente alinhados em valo, com os bordos assinalados por troncos cheios de rebentação e folhagem. Depois, além, é a culminância da coxilha, ou, antes, um verdadeiro serro com uma escarpa para o sul e outra para o oeste; para o norte e para o leste os declives são moderados, suaves. É neste sítio que

---

<sup>7</sup> Cfr. São Leopoldo, Anais do Rio Grande do Sul, p. 155; A. Cruz, I, c; Larrañaga e Guerra, I, c.

<sup>8</sup> Cit. *Vida de Raphael Pinto Bandeira*. Esta planta encontra-se na Biblioteca Nacional, na correspondência militar do Rio Grande do Sul, ano de 1776.

devera ter existido o forte, como atesta ainda vário arvoredos - uma ou outra figueira selvagem, pés de umbus, capororocas e tunas.

